



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

Bruno Henrique Souza de Jesus

**A CONSTRUÇÃO ICONOGRÁFICA DO SOFRIMENTO DE REFUGIADOS  
VENEZUELANOS**

Texto apresentado à banca de defesa do curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Sociologia como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em sociologia.  
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Alário Ennes

São Cristóvão-SE

2022

BRUNO HENRIQUE SOUZA DE JESUS

A CONSTRUÇÃO ICONOGRÁFICA DO SOFRIMENTO DE REFUGIADOS  
VENEZUELANOS

Texto apresentado à banca de defesa do curso  
de Mestrado do Programa de Pós-graduação  
em Sociologia como requisito parcial para a  
obtenção do título de mestre em sociologia.  
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Aláριο Ennes

São Cristóvão, 10 de janeiro de 2023.

Prof. Dr. Marcelo Aláριο Ennes  
(Orientador)

Prof. Dr. Rogério Proença Leite  
(PPGS/UFS)

Prof. Dr. Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia  
(PPGA/ UFS)

Prof. Dr. Lineu Norio Kohatsu  
(Suplente IP/USP)

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

J58c Jesus, Bruno Henrique Souza de  
A construção iconográfica do sofrimento de refugiados venezuelanos / Bruno Henrique Souza de Jesus ; orientador Marcelo Aláριο Ennes. – São Cristóvão, SE, 2023.  
111 f. : il.

Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2023.

1. Sociologia. 2. Refugiados - Venezuela. 3. Sofrimento. 4. Fotojornalismo. 5. Fotografia. 6. Corpo humano na comunicação de massa. I. Ennes, Marcelo Aláριο, orient. II. Título.

CDU 316.334.56-054.73(87)

Em memória do meu avô José Alves (Zé de Eiê)

## AGRADECIMENTOS

Durante o curso do mestrado aprendi que uma dissertação é realizada através não só de saberes, mas também de afetos – o presente espaço é uma maneira de manifestá-los. Inicialmente, gostaria de agradecer a todos os trabalhadores e pagadores de impostos, pois mesmo aqueles que nunca pisaram em uma universidade ou terão seus filhos dentro dela, são responsáveis por mantê-las públicas, gratuitas e de qualidade.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer ao meu avô, José Alves, que se foi durante o curso de mestrado. Sou grato por ter sido meu pai e ter me ensinado os valores que me acompanham hoje, foi o homem mais altruísta que conheci, companheiro e dedicou sua vida ao trabalho rural e a sua família.

Também gostaria de agradecer a toda minha família, em especial a minha mãe Eliana, meu irmão Gabriel, minha vó Rosalina, meu tio Samuel, minha tia Adriana e meus primos Lucas e Jadson.

Agradeço a CAPES pelo fomento a minha pesquisa.

A Marcelo Ennes, orientador, pois topou orientar a presente pesquisa sem relutar, me ensinou muito, coisas que vão além da tessitura de uma dissertação. Agradeço por sempre procurar me entender e acolher as minhas ideias, por acreditar tanto em mim e no potencial da minha pesquisa, por sempre visar minha autonomia como pesquisador e por ser um excelente exemplo. Não há palavras suficientes para manifestar a minha gratidão em sua totalidade.

Agradeço a Frédéric Vandenberghe, quando a pandemia acinzentou o horizonte, as reuniões do sociófilo me puxaram de volta para a sociologia. Também gostaria de agradecer pela escuta de minhas ideias, pelos debates e recomendações de textos. Além disso, pelas ligações realizadas, pelas risadas, pela torcida nos processos seletivos, pela ajuda dada em alguns textos enviados e pelas alegrias compartilhadas.

Também agradeço aos meus amigos que me acompanharam no mestrado, e em especial, a Lucas Vieira, Aline Goothuzem, Raiane Santos, Bruno, Icaro Mateus, Jonatha Vasconcelos e Italo Gordiano, pelas conversas, abraços, risadas, boemia e apoio que foram tão importantes para atravessar esse caminho.

Agradeço a Letícia Galvão pela etapa concluída junto comigo e por sempre mostrar como o afeto é importante. Por ser uma companheira tão dedicada em me compreender, em me ajudar e sobretudo, por todo amor e toda cumplicidade durante os três anos que vivemos juntos.

Obrigado aos colegas do GEPPIP, em especial, Allisson Goes, Carol Omedo, Rosinadja Morato, Liliana Aragão, Cléber Meneses e Dudu. Pelos encontros, a ajuda e as discussões me ajudaram bastante.

Agradeço aos membros da banca que me acompanham desde a qualificação e estão presentes na defesa, Rogério Proença Leite e Luiz Gustavo Pereira Souza Correia, pelos encaminhamentos valiosos e por sempre se mostrarem disponíveis para o diálogo. Agradeço também a Lineu Kohatsu pelo aceite em participar da banca de defesa.

Agradeço aos professores do DCS e PPGS, principalmente, a Vilma pelos apontamentos tão importantes em Seminários de Dissertação e pela escuta de diversas questões; a Caio Amado por me mostrar de maneira tão atenciosa, cativante e contemplativa o que é a filosofia e o cinema; e a Ivan pela escuta, pela partilha e por ser tão importante.

Por fim, agradeço a todos que participaram de maneira direta e indireta da minha pesquisa.

*A imagem, se fizermos a experiência de pensá-la como uma casca, é, ao mesmo tempo, um manto - um adorno, um véu - e uma pele, isto é, uma superfície de aparição dotada de vida, reagindo à dor e prometida à morte.*

Didi-Huberman

## RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar como o sofrimento de refugiados venezuelanos é retratado no fotojornalismo. As questões que nortearam a pesquisa foram: o fotojornalismo representa a condição precária dos corpos refugiados? Através de fotografias do corpo refugiado, como o tema de refúgio aparece junto a outros como gênero, trabalho, humanitarismo e militarização? As fotografias contribuem para uma estigmatização dos refugiados? Para realizar tal investigação foi feita uma pesquisa no acervo do jornal O Globo com os descritores “refúgio venezuela”, “refugiados venezuelanos” e “refugiadas venezuelanas”. Posteriormente, foi construído um banco de dados com as imagens encontradas para realizar uma análise em conjunto através de uma bibliografia metodológica variada, assim como Kurasawa (2015), Sontag (2003; 2004), Butler (2015; 2019c), Barthes (1984), Panofsky (2001) e outros autores que abordam consumo do sofrimento, estigma, figuração, corpos poluentes e gênero. O texto está dividido em três capítulos: o primeiro, “Reflexões Acerca do Refúgio”, é discutido como o refúgio pode ser pensado junto a outras categorias de poder e sua relação com a corporificação da vida e com o sofrimento; o segundo, “Reflexões Sobre a Imagem e o Método”, nele é tecida uma discussão sobre fotografia e a metodologia utilizada na pesquisa; o terceiro, Análise Temática, é coligida a teoria da presente dissertação com os dados empíricos para analisar como as imagens de sofrimento constroem o refugiado enquanto outro, além do mais, também é discutido como as imagens de sofrimento também seguem estruturas e divisões objetivas já existentes na sociedade. Os resultados obtidos foram importantes para mostrar que os discursos produzidos pela mídia através de imagens de sofrimento geram diversos discursos: 1) Quando é retratado o trabalho humanitário há um uso do sofrimento através de enquadramentos de rostos e uma exposição de expressões de crianças e de corpos militarizados gerando uma ambientação emocional diferente do luto; 2) Também há produção de estigmas através das fotografias ao colocar os corpos de refugiados como poluentes e retirar seus rostos dos enquadramentos; 3) O sofrimento das fotografias de refugiados reproduz dominações estruturais já existentes em seus esquemas simbólicos da sociedade, assim como o papel de gênero em relação ao sofrimento.

**Palavras-chave:** Sofrimento; Fotografia; Corpo Refugiado; Fotojornalismo; Refugiados Venezuelanos.

## ABSTRACT

This dissertation aims to analyze how the suffering of Venezuelan refugees is portrayed in photojournalism. The questions that guided the research were: does photojournalism represent the precarious condition of refugee bodies? Through photographs of the refugee body, how does the theme of refuge appear alongside others such as gender, work, humanitarianism and militarization? Did the photographs create a stigmatization of refugees? To carry out such an investigation, a survey was carried out in the collection of the newspaper O Globo with the writers “Venezuela refugee”, “Venezuelan refugees” and “Venezuelan refugees”. Subsequently, a database was built with the images found to perform a joint analysis through a varied methodological bibliography, as well as Kurasawa (2015), Sontag (2003; 2004), Butler (2015; 2019c), Barthes (1984), Panofsky (2001) and other authors who address the consumption of suffering, stigma, figuration, polluting bodies and gender. The text is divided into three chapters: the first, “Reflections About Refuge”, discusses how refuge can be thought of along with other categories of power and its relationship with the embodiment of life and with suffering; the second, “Reflections on the Image and the Method”, contains a discussion about photography and the methodology used in the research; the third, Thematic Analysis, combines the theory of the present dissertation with the empirical data to analyze how the images of suffering construct the refugee while, furthermore, it is also discussed how the images of suffering also follow existing objective structures and divisions in society. The results obtained were important to show that the speeches produced by the media through images of suffering generated several speeches: 1) When humanitarian work is portrayed there is a use of suffering through framing of faces and an exhibition of expressions of children and bodies militarized generating an emotional environment different from mourning; 2) There is also the production of stigmas through the photographs by placing the bodies of refugees as pollutants and removing their faces from the frames; 3) The suffering in the photographs of refugees reproduced existing dominations in their symbolic schemes of society, as well as the gender role in relation to suffering.

**Keywords:** Suffering; Photography; Refugee Corps; Photojournalism; Venezuelan refugees.

## RESUMEN

Esta disertación tiene como objetivo analizar cómo se retrata el sufrimiento de los refugiados venezolanos en el fotoperiodismo. Las preguntas que orientaron la investigación fueron: ¿el fotoperiodismo representa la precaria condición de los cuerpos de refugiados? A través de fotografías del cuerpo refugiado, ¿cómo aparece el tema del refugio junto a otros como el género, el trabajo, el humanitarismo y la militarización? ¿Las fotografías crearon una estigmatización de los refugiados? Para llevar a cabo tal investigación se realizó una encuesta en la colección del diario O Globo con los escritores “Refugiados venezolanos”, “Refugiados venezolanos” y “Refugiados venezolanos”. Posteriormente, se construyó una base de datos con las imágenes encontradas para realizar un análisis conjunto a través de una variada bibliografía metodológica, así como Kurasawa (2015), Sontag (2003; 2004), Butler (2015; 2019c), Barthes (1984), Panofsky (2001) y otros autores que abordan el consumo del sufrimiento, el estigma, la figuración, los cuerpos contaminadores y el género. El texto se divide en tres capítulos: el primero, “Reflexiones sobre el refugio”, discute cómo se puede pensar el refugio junto con otras categorías de poder y su relación con la encarnación de la vida y con el sufrimiento; el segundo, “Reflexiones sobre la imagen y el método”, contiene una discusión sobre la fotografía y la metodología utilizada en la investigación; el tercero, Análisis Temático, combina la teoría de la presente disertación con los datos empíricos para analizar cómo las imágenes de sufrimiento construyen al refugiado mientras, además, también se discute cómo las imágenes de sufrimiento también siguen estructuras objetivas y divisiones existentes en la sociedad. Los resultados obtenidos fueron importantes para evidenciar que los discursos producidos por los medios a través de imágenes de sufrimiento generaron varios discursos: 1) Cuando se retrata el trabajo humanitario se utiliza el sufrimiento a través del encuadre de rostros y una exhibición de expresiones de niños y cuerpos militarizados generando un ambiente emocional diferente al duelo; 2) También está la producción de estigmas a través de las fotografías al colocar los cuerpos de los refugiados como contaminantes y sacar sus rostros de los marcos; 3) El sufrimiento en las fotografías de refugiados reprodujo dominaciones existentes en sus esquemas simbólicos de sociedad, así como el rol de género en relación al sufrimiento.

**Palabras clave:** Sufrimiento; Fotografía; Cuerpo de Refugiados; fotoperiodismo; refugiados venezolanos.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1.....	61
Figura 2.....	62
Figura 3.....	62
Figura 4.....	63
Figura 5.....	64
Figura 6.....	65
Figura 7.....	66
Figura 8.....	67
Figura 9.....	68
Figura 10.....	69
Figura 11.....	70
Figura 12.....	70
Figura 13.....	71
Figura 14.....	74
Figura 15.....	76
Figura 16.....	77
Figura 17.....	78
Figura 18.....	79
Figura 19.....	80
Figura 20.....	84
Figura 21.....	85
Figura 22.....	86
Figura 23.....	87
Figura 24.....	98
Figura 25.....	90
Figura 26.....	93
Figura 27.....	94
Figura 28.....	95
Figura 29.....	96
Figura 30.....	97
Figura 31.....	98
Figura 32.....	99

Figura 33.....	100
----------------	-----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I - REFLEXÕES ACERCA DO REFÚGIO.....</b>	<b>17</b>
<b>Fundamentos Epistemológicos.....</b>	<b>17</b>
<b>A Identidade do Refugiado Além do Status Jurídico.....</b>	<b>19</b>
<b>A Vida Precária e o Refugiado como um Corpo Abjeto.....</b>	<b>24</b>
<b>Considerações Sobre a Praxiologia da Dor e o Distanciamento do Sofrimento.....</b>	<b>31</b>
<b>CAPÍTULO II - REFLEXÕES SOBRE A IMAGEM E O MÉTODO.....</b>	<b>40</b>
<b>Breve História do Encontro Entre Sociologia e Fotografia.....</b>	<b>40</b>
<b>O Poder das Fotografias.....</b>	<b>44</b>
<b>Debatendo Métodos Para Analisar Fotografias.....</b>	<b>48</b>
<b>Procedimentos Analíticos.....</b>	<b>56</b>
<b>CAPÍTULO III - ANÁLISE TEMÁTICA.....</b>	<b>58</b>
<b>Visualidade Humanitária: Rostos Venezuelanos e a Militarização da vida.....</b>	<b>58</b>
<b>Impureza, Interdito e Estigma.....</b>	<b>72</b>
<b>Pensando o Gênero: A Mulher Cuidadora.....</b>	<b>81</b>
<b>Pensando o Gênero: O Homem que não Tece a Dor.....</b>	<b>91</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>106</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa deriva de indagações que surgiram durante alguns processos vivenciados por mim durante a graduação e minha trajetória no Grupo de Estudos “Processos Identitários e Poder” (GEPPIP) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

O primeiro foi quando participei do Núcleo de Acolhimento a Imigrantes e Refugiados (NAIR), mantido pelo GEPPIP, um projeto de extensão que me possibilitou contato com a dinâmica vivenciada por refugiados e imigrantes. A partir do contato com suas narrativas surgiram inquietações acerca de como suas identidades são construídas e quais são as representações produzidas sobre eles. O segundo foi um projeto de Iniciação Científica, em que investigações foram realizadas sobre como as reconfigurações identitárias acontecem a partir da presença de imigrantes no Brasil, com base nas percepções e modificações corporais produzidas pelas relações entre imigrantes e brasileiros. Nesse estudo, foi possível levantar discussões sobre a relação entre corpo, mídia e processos identitários.

O terceiro foi a realização da minha pesquisa de monografia, ela se constituiu através de uma etnografia em grupos de WhatsApp em que investiguei como o consumo de imagens de corpos violentados legitima o sofrimento. A pesquisa discute a relação entre emoções, consumo e violência, e como as imagens criam performatividades para manipular o luto por certas parcelas da população.

A partir das reflexões realizadas durante os processos mencionados, surgiu uma série de reflexões, com o aporte de outras pesquisas e leituras, tais reflexões acabaram se afunilando no presente problema de pesquisa: Como o sofrimento de refugiados venezuelanos é retratado no fotojornalismo?

Parto da hipótese que de diferentes maneiras o fotojornalismo brasileiro constroem diversas rotulações acerca dos corpos refugiados, muitas delas ligadas a estigmatizações e hierarquizações. A exposição das fotografias tem a “cobertura comprometida” (BUTLER, 2019a), a dor e a condição precária não são mostradas a depender da linha editorial do jornal ou do tema que é interseccionado com o refúgio e ela pode ser banalizada. Se faz importante afirmar que parto da consideração de que o fotojornalismo são fotografias utilizadas em matérias de jornais que buscam passar uma mensagem com ela. Após levantar o problema de pesquisa, agora serão consideradas as causas das delimitações e pertinência para estudar o tema refúgio e fotojornalismo.

O status de refugiado no Brasil, atualmente, é estabelecido por um dispositivo legal, o Estatuto do Refugiado, lei sancionada no ano de 1997, mas não deixa de envolver um processo complexo que possui uma variedade de situações. A lei prevê que será reconhecido como refugiado todo indivíduo que devido a fundados temores de perseguição por motivos de sua religiosidade, etnia, religião, convicção política ou participar de grupo social, e esteja fora do seu país, mas não queira ou possa retornar, também é reconhecido como refugiado pessoas que estejam fora do seu país de origem e sem nacionalidade ou residência, pelos motivos anteriormente, citados. E por fim, é considerado refugiado, do ponto de vista legal, indivíduos que foram obrigados a deixar o seu país por grave violação dos direitos humanos. A categoria de refugiado é extensiva para cônjuges, ascendentes, descendentes e demais membros da família que dependem financeiramente do indivíduo que conseguiu a condição de refugiado (BRASIL, 1997).

Se faz pertinente realizar pesquisas dentro do grande tema refúgio porque o número de refugiados tem um crescimento vertiginoso na contemporaneidade, como é retratado por Machado (2020). Pode-se observar através da leitura do relatório de 2018, da Organização das Nações Unidas (ONU, 2018), que o número de pessoas que estão em situação de refúgio, por conta de guerras, perseguições e conflitos, chega a 70,8 milhões no mundo. Este é o maior nível de deslocamento forçado registrado na história. É importante ressaltar que esse número dobrou em relação a 1998, e cresceu 2,3 milhões em relação ao ano anterior. Em relação ao Brasil, existem dados gerados pelo Comitê Nacional de Refugiados, do mês de junho de 2020, mostrando que o Brasil abriga pouco mais de 43 mil refugiados. O crescimento foi de 617% maior que o registrado em dezembro do ano passado, quando havia registro de 6 mil pessoas (GLOBO, 2020).

Para a presente perspectiva sociológica, o refúgio e os refugiados não se configuram um objeto auto delimitado e reificado no direito, mas são imigrantes que resultam de processos que envolvem políticas internacionais, legislações estatais, nacionalismos, mudanças de gênero, sexualidades, racismos, xenofobias, direitos humanos, intervenções humanitárias, cidadania e religiões. Como será visto no decorrer do texto, o reconhecimento legal perpassa por uma série de questões identitárias que envolvem condição financeira, etnia e uma série de outras questões.

Ou seja, é importante ressaltar que o refúgio não existe apenas como uma realidade político-normativa, ele também se apresenta um fenômeno sociocultural que funciona através do reconhecimento, que produz rótulos de pessoas aceitáveis ou não no estado-nação e passam por uma multiplicidade de processos, mas diante de toda a complexidade que

envolve os casos de refúgio, a dor, o sofrimento e controle do Estado é algo que se mantém presente de maneira constante e abarca todos os processos (BUTLER e SPIVAK, 2019).

Tendo em vista o que foi levantado, compreendo que a discussão sobre refugiado seja costurada a conceitos como o de corpo abjeto e vida precária (BUTLER, 2019a; 2019b). Os corpos abjetos são aqueles que têm como elemento constitutivo a exclusão, aqueles que são desprezados, indesejados e jogados para a morte. Irei me debruçar mais sobre a relação entre refúgio e abjeção no decorrer do texto, antes é preciso trazer evidências do sofrimento citado.

De acordo com o relatório de 2018<sup>1</sup> da Organização das Nações Unidas 41% dos refugiados vivendo no Brasil, já sofreram algum tipo de preconceito ou agressão, 73% dessas discriminações aconteceram de maneira explícita. No caso particular dos Venezuelanos no Brasil, podemos observar, como aponta Machado (2020b), que existem campos de concentração de refugiados como uma política higienista, que uma quantidade considerável de venezuelanos voltou para a Venezuela, pois não encontrava condições favoráveis para viver no Brasil.

De maneira breve, podemos considerar que as vidas precárias são os indivíduos que estão sujeitos a um maior nível de sofrimento e sua vida está em risco, além do mais, seu sofrimento e sua morte são banalizadas, pois não existe um processo de luto social que abarque corpos precários. Butler (2015) afirma que as imagens e a mídia têm um enorme poder de manipular as emoções através das imagens, apontando quais vidas são passíveis de serem vividas. Em uma pesquisa bibliográfica, já foi possível identificar que a mídia interfere na recepção dos refugiados e o jornalismo contribui para a estigmatização (SILVA, 2020; ARCOS; ORDONE, 2019) vinculando-os a diversas representações pejorativas.

E a partir desta perspectiva, a fotografia de jornais se faz pertinente ser analisada não como uma finalidade em si mesma, mas como ela cria relações imaginárias, construções do interdito, da naturalização do sofrimento, da constituição e desconstituição do outro e de narrativas sobre quem pode e não pode habitar o Estado-nação.

Para Pontes (2014), a fotografia está cada vez mais presente no imaginário social, principalmente com o aumento do uso das redes sociais, da quantidade de televisores nos lares e da disseminação do jornalismo via *internet*. Podemos afirmar que vivemos em uma sociedade imagética e que o jornalismo utiliza as imagens para tentar retratar melhor

---

<sup>1</sup> Para mais informações acesse: <https://nacoesunidas.org/agencias/acnur/page/9/A>

situações que acontecem no mundo e reforçar discursos acerca de determinados acontecimentos, pois na nossa sociedade muitas vezes a imagem está ligada ao que é real.

O Brasil possui diversos jornais digitais, quase todos eles utilizam fotografias. Esse número cresceu bastante nos últimos anos e a tendência, segundo Pontes (2014), é que cresça mais. Através das fotografias, os jornais utilizam o enquadramento de corpos em suas imagens de refugiados, pois o corpo é o meio que o refugiado é percebido, logo, o jornalismo constrói discursos sobre esses corpos, que servem para que pessoas os liguem a determinadas representações.

Dentre muitos jornais, o recorte da pesquisa será o jornal O GLOBO, por ser o jornal de maior expressão que possui uma média de acesso mensais no ano de 2021 de 27,8 milhões<sup>2</sup>. O jornal foi escolhido por conta de sua abrangência e disparidade de assinaturas e leituras comparados a outros jornais, além do que a pesquisa centrada em um jornal dá mais profundidade analítica diante dos limites e formatos que um trabalho de dissertação exige.

Em relação a pertinência do trabalho, a partir de uma busca extensa<sup>3</sup> nota-se que o número de produções acadêmicas sobre refúgio teve um crescimento significativo nos últimos anos, foi possível encontrar artigos interseccionando refúgio com saúde, identidade, trabalho, legislação, estigmatização e preconceito (ARCOS e ORDONE, 2019; MACHADO, 2020; PEREIRA, 2018; MAIA; AZIZE, 2020; FRANCA; FONTGALAND; 2020), mas aparece uma lacuna quando essas variáveis são cruzadas com a fotografia. Se faz pertinente, portanto, analisar representações feitas por imagens jornalísticas de corpos refugiados, não só para completar os diversos trabalhos do campo acadêmico, mas também para auxiliar demais produções vindouras, já que as fotografias impactam na assimilação que as pessoas fazem desses corpos, pois a fotografia possui grande poder de influência na percepção dos indivíduos e se considerarmos o poder de estruturação do jornalismo.

A partir do que foi apontado, é possível levantar mais questões: O fotojornalismo representa a condição precária dos corpos refugiados? Através de fotografias do corpo refugiado, como o tema de refúgio aparece junto a outros como gênero, trabalho, humanitarismo e militarização? As fotografias contribuem para uma estigmatização dos refugiados?

---

<sup>2</sup> Para mais informações acessar: <https://www.poder360.com.br/midia/jornais-em-2021-impreso-cai-13-digital-sobe-6/>

<sup>3</sup> A busca foi feita no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, nas plataformas Scielo e Google Acadêmico. As palavras usadas para busca de trabalhos similares foi: “refúgio fotografia”, “refugiados fotografia”, “jornalismo refúgio”, “jornalismo refugiados”, “fotojornalismo refúgio” e “fotojornalismo refugiados”. Vale ressaltar, contudo, que essa pesquisa se insere com exclusividade no campo acadêmico.

**OBJETIVO GERAL**

Investigar como o sofrimento de refugiados venezuelanos é retratado no fotojornalismo.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- ✓ Investigar como é retratado através do fotojornalismo questões que interseccionam com o refúgio, como gênero, política, sexualidade, saúde, preconceito e trabalho.
- ✓ Verificar as formas mais recorrentes por meio das quais o fotojornalismo retrata a incorporação dos processos de refúgio.
- ✓ Investigar se o fotojornalismo contribui para estigmatizações de refugiados através da fotografia.

## CAPÍTULO I - REFLEXÕES ACERCA DO REFÚGIO

### 1. Fundamentos Epistemológicos

Dedico esse capítulo a uma discussão sociológica do uso da filosofia, pois através da discussão filosófica escapamos da reificação dos conceitos e dos métodos. Radicalizando e pensando através de uma ótica deleuziana (DELEUZE e GUATTARI, 2010), podemos afirmar que somente a filosofia nos tira do automatismo dos conceitos. Quando as ciências sociais avançam em um conceito ou reflexão teórica, é justamente com auxílio da filosofia.

Bourdieu (2009, p. 43), em *O Senso Prático* afirma: “O progresso do conhecimento, no caso da ciência social, supõe um progresso do conhecimento das condições do conhecimento [...]”. O estudo das condições do conhecimento permite tanto a volta para refletir sobre determinados objetos já pesquisados quanto um retorno a uma reflexão acerca de teorias muito usadas, quanto ao uso dos dados obtidos em pesquisas empíricas.

Logo, a sociologia reflexiva (BOURDIEU, 1989) é uma abertura para leituras e releituras, propiciando ir ao encontro de manuais metodológicos, da obediência de tradições teóricas e de uma crença imediata nas produções campo acadêmico, o processo de reflexão constante não deixa o campo refém da sociologia do conhecimento e muitos menos de uma reificação para pensar determinados conceitos. Tal retorno à filosofia, mais propriamente a epistemologia, acontece aqui porque muitas vezes o refúgio é retratado apenas como um status jurídico.

A presente sociologia parte do que Bachelard considera como uma “ruptura constante” (BACHELARD, 2007), ou seja, devemos partir de uma reflexividade tanto para acabar com o senso comum que está nas dominações, quanto no *senso comum douto* (BOURDIEU, 1989, p. 45) que por vezes está presente em trabalhos científicos.

A prática de constante reflexão e questionamento sobre si é necessária porque assim como existe um sofista dentro de todo filósofo e que por vezes atrapalha a reflexividade filosófica (HEIDEGGER, 2009), dentro do sociólogo existe um profeta que atrapalha seu rigor metodológico (BOURDIEU, 2010). Além do mais, é importante ressaltar que por vezes o conhecimento sociológico, principalmente de uma sociologia mais interpretativa costuma ser mais difícil de ser aceito por não sociólogos, pois os fenômenos sociais permeiam a vida de todos os indivíduos que vivem em sociedade, muitas vezes os temas são amplamente debatidos e também existe a influência da mídia.

A princípio irei discorrer de maneira breve sobre o vetor epistemológico aqui presente, ele é importado das ciências naturais, cujo a teoria caminha para encontrar com a

realidade (BACHELARD, 2007). Podemos tomar como exemplo a física Newtoniana e pensar em como a gravidade fazia parte da vida das pessoas, mas ninguém se dava conta que ela existia. Pode-se levantar a seguinte questão como exemplo: Quantas pessoas viram maçãs e uma infinidade de objetos caindo antes de Isaac Newton elaborar o que é a gravidade? Tal exemplificação, ajuda também a entendermos um movimento racional de três grandes nomes das ciências sociais: Max Weber (1991) e sua metodologia relativa à concepção de tipo ideal; Pierre Bourdieu (2010) e a concepção de que o sociólogo conquista o fato através de uma construção; e o “modelo estrutural” de Lévi-Strauss (2008).

Na presente dissertação buscou realizar uma construção racional combinando modelos de outros autores para compreender uma interpretação, construção e manipulação do que é “real”, ou seja, será uma sociologia sobre uma construção discursiva da realidade que é feita a partir das fotografias do jornalismo. Além da fotografia, também buscarei refletir mais a fundo sobre uma apropriação sociológica do refúgio, fazendo com que deixe de ser tomado como um simples status jurídico e passe a ser considerado um conceito sociológico.

Mesmo que o refúgio exista como uma política normativa dentro de um Estado de direito, a sociologia não pode ficar refém dele, pois tal prática tornaria a sociologia uma ciência social aplicada e assassinará toda uma tradição teórica em prol de uma reflexividade de colocar a pesquisa como parte do objeto.

Podemos tomar como exemplo o caso dos estudos sobre gênero e pensar: As mulheres trans só seriam reconhecidas como tal pelas ciências sociais se tivessem um reconhecimento legal? Recorrer a lente homogeneizadora do direito é retirar a intersubjetividade dos atores e por vezes seguir modos de dominação.

Bourdieu (1989, p. 32) afirma que, no processo de construção do objeto, o sociólogo deve criar um “modelo” para ler a realidade. A pesquisa não apreende a realidade em sua teoria, parte do ofício do sociólogo é utilizar o racionalismo sem ser racionalista e criando um modelo, sem nunca chegar a sua “essência”. No “racionalismo aplicado” (BACHELARD, 2007) e na sociologia bourdieusiana, a teoria deve andar junto à empiria para não cairmos em uma armadilha escolástica e compreendermos o pensamento pelo pensamento e também não cair em um “empirismo irrefletido” (BOURDIEU, 2010), ou seja, se deve pensar o refúgio na relação entre empiria e teoria.

Se colocarmos nosso olhar para analisar campo da sociologia, podemos ver como aponta Vandenberghe (2014), no final do século XX, a sociologia passou a dar um enfoque cada vez maior à globalização, ela foi o grande pano de fundo que orientou outros temas e questões que guiaram a maior parte das pesquisas. Essa guinada sociológica possibilitou

mudanças nos estudos sobre as relações de trabalho, que tradicionalmente tinham o enfoque no trabalho no chão de fábrica, até uma maior abertura e aumento para temas como consumo, estética, comunicação, identidades, urbanismo e imigração.

Tratando de questões epistemológicas, Deleuze e Guattari (2010) apontam que os conceitos partem de problemas e os problemas partem justamente dos conceitos, aqui não quero “fechar” e amarrar todas as pontas sobre o que é ser refugiado, meu intuito é justamente gerar uma provocação no campo, um incômodo que leve a uma reflexão. Deleuze e Guattari (2010) também defendem que os conceitos não possuem histórias lineares e que andam em zigue-zague, inclusive, um conceito pode justamente se alimentar de outro ou de vários para que ele seja formulado. Um bom exemplo é a discussão feita por Rosana Baeninger (2021) que junta o imigrante ao conceito de precariado de Guy Standing (2017).

Após expor minhas concepções epistemológicas que se encontram no fundo da presente pesquisa, no próximo tópico irei me aprofundar em como o refúgio pode ser pensado como uma categoria ligada a outros conceitos sociológicos e filosóficos, tal como, o de corpo abjeto de Judith Butler (2019b).

## **2. A Identidade do Refugiado Além do Status Jurídico**

O refúgio é um fenômeno social tão antigo quanto a própria história da humanidade, se formos recorrer a arqueologia ou propriamente a antropologia física, é possível enxergar movimentos migratórios forçados, pela fome, por guerras e diversos outros motivos. No entanto, nem sempre foi nomeado como tal, pois não existia como uma realidade política normativa escrita no direito e com fronteiras estabelecidas pela formação dos Estado-Nação junto à modernidade.

De acordo com Vandenberghe (2014) também temos que ter em mente que a sociologia, assim como o Estado-Nação, é fruto da modernidade. Claro que o Estado e o direito passaram por diversas mudanças comparados como estavam na sua fundação e como foi pensado pelos filósofos responsáveis por pensar o Estado moderno, ainda mais com a atual fase da modernidade, a globalização. O mundo globalizado é marcado pelo consumo e por dinâmicas sociais e condições objetivas que individualizam ainda mais os indivíduos, como mudanças nas relações de trabalho, na política e na produção cultural. Através de tais práticas individualizantes a alteridade se intensificou e problemas como o deslocamento de pessoas, assim como o refúgio e a imigração nunca foram tão presentes.

Vandenberghe (2014) também aponta que a partir da década de 80 a sociologia passou a dar um enfoque cada vez maior a globalização, grande pano fundo que orientou

outros temas e questões que guiaram a maior parte das pesquisas. Essa guinada sociológica possibilitou mudanças nos estudos sobre as relações de trabalho, que tradicionalmente tinham o enfoque no trabalho de chão de fábrica, quanto uma abertura e aumento para temas como consumo, estética, comunicação, identidades, urbanismo e imigração.

Apesar de existir um aumento nas pesquisas que iam além do mundo do trabalho, comumente o refúgio é ligado ao direito e muitas vezes ser refugiado é pensado apenas como um status jurídico, isso acontece porque grande parte dos estudos são do campo do direito e das relações internacionais. Mas na verdade, é necessário pensar o processo de corporificação do refúgio, pois, descolar o conceito do direito eleva a reflexividade acerca de um conceito sociológico que muitas vezes é tratado como um simples status jurídico.

E apesar do presente trabalho focar na relação entre fotografia, refúgio e sofrimento, o corpo tem relevância, pois o ato de enquadrar uma fotografia, implica em enquadrar um corpo em performance (BUTLER, 2015). A fotografia não transmite o som do choro, o cheiro do suor ou sangue, mas o consumidor abstrai o sofrimento através de um corpo enquadrado, tais imagens disseminadas geram através de códigos performatividades que buscam prender os corpos através de discursos que se adequem e modifiquem o imaginário social. E apesar da presente dissertação não ter um foco direto no corpo, se faz necessário uma breve discussão sobre corpo ao pensar a triangulação entre refúgio, fotografia e sofrimento.

Também se faz importante ressaltar que apesar do Estado e a mídia pautar o refúgio como essa lente homogeneizadora, na prática ele se torna uma categoria escorregadia e que passa por uma multiplicidade de fatores. A abordagem sobre os *processos identitários* (ENNES e MARCON, 2014) irá auxiliar nessa reflexão, pois serve para pensar o refúgio assim como outras identidades, por conta do seu poder de universalização do conceito que não apreende a realidade em uma caixa conceitual, mas busca pensar as relações e figurações sociais. A perspectiva dos autores busca analisar as relações de interdependência, analisando como a diferença se torna desigualdade e como a sensação de pertencimento anda junto a alteridade.

A rotulação de refúgio pode ser atribuída a determinados indivíduos com uma dimensão estigmatizadora como é abordado por Zelaya (2016) e Pereira (2018) em suas etnografias que mostram como a classificação de refúgio também está ligada à cor da pele. Além da estigmatização, podemos observar que o refúgio pode ser pensado como uma “mercadoria política” (MISSE, 2015), como aponta Truzzi e Pucci (2020) em sua pesquisa empírica que mostra como o reconhecimento jurídico age para determinar quais indivíduos

serão aceitos pelo Estado, mesmo aqueles que convencionalmente possam ser considerados imigrantes pela letra da lei.

Tal perspectiva citada anteriormente é reforçada por Lobo e Machado (2020), eles apontam que muitas vezes aqui no Brasil, o fenótipo (corpo) e a classe social são fatores importantes para que haja o reconhecimento legal se o indivíduo é refugiado ou imigrante. Outro fator gritante para o reconhecimento legal do refugiado são as divergências políticas, como aponta Machado (2020), com uma canetada o presidente do Brasil no ano de 2020 reconheceu de uma só vez 17 mil venezuelanos como refugiados para impactar no governo de Nicolás Maduro. Tal prática já é apontada por autores como Boltanski (1999) e Kurasawa (2015) como uma maneira influenciar forças políticas em determinados governos, pois a ajuda humanitária não está aquém da racionalidade e dos interesses políticos de quem as concede, pois existe uma economia de recursos e de autopromoção.

Apesar da multiplicidade que o refúgio apresenta na vida prática, é possível perceber que existe uma fronteira criada refugiados e não refugiados, fronteira esta que vai além do limite geográfico dos países, podemos pensar a ideia de fronteira através da ótica de Frederik Barth (1998) autor que é crucial para pensarmos as identidades como relações de poder e pensar como a sensação de pertencimento anda lado a lado com a alteridade.

Barth (1998) explica que existem unidades étnicas que correspondem a cada cultura e grupos étnicos que são constituídos a partir de suas fronteiras, indivíduos que são membros de determinados grupos que se reconhecem e são reconhecidos por outros grupos como se constituíssem uma categoria diferenciável de outras categorias semelhantes.

O autor (BARTH, 1998) trabalha com a perspectiva de “grupos étnicos” a partir de uma ótica relacional, ou seja, são constituídos nas relações que atores utilizam identidades étnicas para categorizar e hierarquizar os seus grupos e outros. Com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos em um sentido de organização, não são todas as diferenças que são ressaltadas, apenas aquelas que são mais significativas.

Barth (1998) afirma que o que define um grupo étnico são suas fronteiras e não os elementos culturais - tal perspectiva se assemelha com a de Ennes e Marcon (2014) que defendem que os marcadores sociais comumente são chamados de identidade, mas existe uma dinâmica mais complexa para as identidades que vai além dos signos dos grupos. Também é ressaltado que ocupação de territórios geográficos específicos não significa que os grupos compartilhem suas fronteiras com os mesmos que estão ali - podemos ver tal exemplo como o imigrante é percebido como o “outro” e como o estrangeiro (SIMMEL, 1983) é tratado - para uma pessoa pertencer a um grupo étnico significa que critérios de classificação

são compartilhados levando a um estranhamento ou a aceitação. No caso do imigrante, ele não é reconhecido como “nós” porque existe algo que Barth (1998) chama de restrição da interação de compreensão comum assumida, permitindo uma manutenção e reprodução das fronteiras.

No texto *Das Identidades aos Processos Identitários*, Ennes e Marcon (2014) apontam que o esgotamento acontece pela difícil definição e pela inflação de significados e usos atribuídos ao termo que muitas vezes ignora as relações de poder e naturaliza as identidades. O texto é influenciado por uma gama de autores, e a partir de suas compreensões teóricas, os autores entendem que a identidade não deve ser compreendida como algo essencializado e estático, mas como processo um relacional que estabelece e é fruto de relações de poder.

Ennes e Marcon (2014) reconhecem a agência dos indivíduos e apontam a existência de práticas identitárias para garantir um melhor posicionamento na hierarquia dentro das interações sociais. Da mesma forma alertam que os processos identitários não são negociações: existem fatores adjacentes, que se caracterizam por seu constante movimento, por conta das constantes disputas de poder. Outra perspectiva importante levantada pelos autores é de que os sentimentos de pertencimento e a alteridade são frutos de relações de poder.

Um outro aspecto fundamental dos processos identitários (ENNES e MARCON, 2014) é que, para compreender a produção da desigualdade, se faz importante entender o processo que elas se constituem - devemos olhar para a história. Os estudos dos processos identitários não podem estar à parte da sua dimensão política, de modo que as diferenças não são criadas sem algum motivo, de ordem legal ou cultural.

Em termos metodológicos, os autores apontam que para pesquisar identidades, é necessário se atentar a quatro fatores: os atores sociais e como as demarcações entre eles ocorrem; o que está em disputa quando a identidade e as diferenças são ressaltadas; as normas e a existência das identidades; e o contexto.

O primeiro, os atores sociais, geralmente são confundidos com a identidade, porém, na verdade, são marcadores. Os autores consideram como marcadores identitários os sinais corporais, gênero musicais, tipos de dança e diversos outros aspectos também são incluídos. Aqui podemos observar os casos retratados por Pereira (2018) que observava que ser negro era um fator importante para que o indivíduo seja percebido como refugiado;

O segundo, a disputa, pode ser tratado como prestígio, hierarquização social, legalidade e tais categorias são enfatizadas ao pensar a migração, principalmente ao

considerarmos as vantagens de ser um migrante legal comparado ao ilegal, ou ser um refugiado. Podemos pensar como existem disputas por trás da letra da lei em estabelecer quem é refugiado, como afirma Truzzi e Pucci (2020).

O terceiro, as normas, são colocadas como tradições, costumes e leis, mas não são forças inatas que estão sempre alheias aos indivíduos – elas são frutos das relações de poder. Aqui podemos pensar sobre as normas como o que define quem é refugiado e quem não é, se faz importante enfatizar que as normas vão além do direito, elas nem sempre estão escritas ou a mostra.

O quarto, o contexto, é um dos responsáveis pelo processo relacional das identidades, pois as disputas dentro de um contexto, acarretam em mudanças de fronteiras e marcadores simbólicos. Caso mude o contexto, as disputas mudam e os marcadores identitários também, e ocasionalmente, identidades passam por processos de mudanças.

Apesar de Ennes e Marcon (2014) nos oferecer um caminho rico para construir e estabelecer modelos para pensar as relações e rotulações que abarcam o que é ser refugiado e casos de classificação social que geram estigmas<sup>4</sup> e será muito pertinente para cumprir um dos objetivos específicos. Aqui me proponho a pensar as relações, os processos estruturais e a construção de intersubjetividades por meio da corporificação da vida. Através de uma discussão junto a filosofia pós estruturalista, sociologia praxiológica e fenomenologia busco pensar uma teoria através da compreensão de que um refugiado é um corpo lançado ao mundo e indesejado por um emaranhado de relações e como a dor e o sofrimento são processos relacionais. Ainda que os processos identitários (2014) represente um modelo analítico encorpado e rico para entender as dinâmicas da sociedade globalizada que cria identidades ambivalentes, o foco da presente pesquisa caminha por outros caminhos analíticos.

Ainda que o trabalho seja sobre a construção do outro através da fotografia, Butler (2015) aponta que uma discussão sobre corpo não deve ser ignorada ao estudar fotografia, pois as fotografias são sempre de corpos enquadrados que entram nas dinâmicas de construção e desconstituição do outro.

### **3. A Vida Precária e o Refugiado como um Corpo Abjeto**

---

<sup>4</sup> O conceito de estigma foi discutido por uma gama de autores como Goffman (2008) e Bourdieu (1989), no entanto, aqui trabalho com a perspectiva de Elias (2000, p.35): A estigmatização, como um aspecto da relação entre estabelecidos e outsiders, associa-se, muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido. Ela reflete e, ao mesmo tempo, justifica a aversão — o preconceito — que seus membros sentem perante os que compõem o grupo outsider.

Aqui utilizo o conceito de corpo abjeto para pensar a intersubjetividade e como os discursos aprisionam refugiados, transformando-os em corpos indesejáveis. No entanto, antes de adentrar nessa discussão, é importante apontar a relação do refúgio com o Estado-nação. Butler (2019) junto a um diálogo com Spivak revela ambivalência da agregação provocada por às normas, leis e sensação de pertencimento que estão juntas ao Estado-Nação:

Se o estado<sup>5</sup> é o que “agrega”, com certeza é também o que pode desagregar e de fato desagrega. E se o estado agrega em nome da nação, evocando - forçosa senão poderosamente - certa versão da nação, então ele também desagrega, libera, expulsa e bane. Se for esse o caso, ele não age sempre por meios emancipatórios, “liberando” ou “colocando em liberdade”; ele expulsa precisamente por meio de um exercício de poder que depende de obstáculos e prisões, no sentido de certa contenção. (BUTLER e SPIVAK, 2019, p. 17)

Ainda sobre a necessidade de uma problematização teórica maior que vá além do status legal, Butler (p. 18, 2019) afirma que não se deve atribuir como definição determinante que refugiados apenas sejam pessoas que estão em movimento forçado entre Estados que possuem poder jurídico e uma relativa autonomia, existe um processo de intersubjetividade e dor que são escritos em seus corpos.

Os corpos refugiados não estão fora da política, sobretudo, são corpos políticos que o Estado coloca como destituído do direito de permanecer dentro das fronteiras do Estado-Nação. Quando o refugiado realiza seu percurso para o país que “acolhe”, como no caso dos venezuelanos no Brasil, o movimento para realizar a acolhida acontece como Butler e Spivak (2019) apontam, com prerrogativas legais por meio de forças militares.

Ou seja, a vida não é mais vivível, os refugiados são cerceados de sua liberdade e passam a viver em campos de concentração com uma vida regida por militares. Como afirma Butler (BUTLER e SPIVAK, 2019), quando a vida dos refugiados passa a ser militarizada e seus corpos passam a ser regidos por as forças do exército, suas vidas passam a ter um menor valor, o estado de vigilância constante busca retirar os aspectos humanistas da vida, como o direito da política, da arte e de se organizar e exercer suas subjetividades.

Os refugiados venezuelanos não são só abjetos no país em que foram obrigados a sair, mas também aqui no Brasil. Podemos enxergar tal perspectiva através dos exemplos que são relatados por Machado (2020): a) os campos de concentração de refugiados são práticas higienista que buscam “limpar” as ruas dos indesejáveis e manter os corpos sob controle; b) uma quantidade considerável de venezuelanos voltou para a Venezuela pois passavam um grande mal estar aqui no Brasil; c) os militares que acolhiam os venezuelanos tinham como

---

<sup>5</sup> A palavra “estado” aqui é escrita com letra minúscula para preservar uma ambiguidade proposta pela autora e tradutores.

missão proteger a população brasileira e não assegurar uma melhor condição de vida a população refugiada.

Sobre corpos abjetos Butler (2019b) conceitua como:

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “não-vivíveis” e “inabitáveis” da vida social que, não obstante, são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o estatuto de sujeito, mas cujo viver sob o signo do “inabitável” é necessário para circunscrever o domínio do sujeito. Essa zona de inabitabilidade vai constituir o limite que circunscreve o domínio do sujeito; ela constituirá esse lugar de pavorosa identificação contra a qual – e em virtude da qual – o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação por autonomia e vida. Nesse sentido, o sujeito é constituído por meio da força de exclusão e abjeção que produzem um exterior constitutivo para ele um exterior abjeto que é, afinal, “interior” ao sujeito como seu próprio repúdio fundacional. (BUTLER, 2019b, p.22)

Podemos refletir que os refugiados são corpos que se constituem por meio do repúdio, principalmente, se enxergamos com uma ótica relacional a construção da identidade refugiada. Se levarmos em conta que elementos e instituições “exteriores” ao corpo geram processo de exclusão, morte e sofrimento, logo, esses processos são incorporados aos sujeitos, o abjeto então se constitui na relação entre corpo, mundo e as instituições que os rejeitam.

Apesar das orientações epistemológicas diferentes, autores como Heidegger (2005), Bourdieu (2001) e Merleau Ponty (2019), mesmo que de modo diferente, pensam o corpo não é só aquilo que está envolvido na pele e que é mensurado pela anatomia ou filosofias cartesianas, o corpo também é ação e intencionalidade. Butler (2019a) também aponta uma íntima relação entre a interioridade do indivíduo e sua exterioridade, ou seja, o interior do indivíduo está repleto de seu exterior, o corpo se faz social e o social se faz corpo.

O corpo que na fenomenologia costuma ser ligado a ação, se pensarmos a abjeção, o corpo é ligado à expulsão. Ou seja, é possível compreender que o corpo se constitui quando o indivíduo se lança ao mundo, e o corpo abjeto do refugiado se constitui quando os discursos e o poder limitam exercem uma força para expulsar o corpo do mundo, a expulsão externa se interioriza, seu país de origem se torna inabitável, logo, seu corpo interioriza a inabitabilidade tornando uma zona não vivível, ou seja, o corpo que era ação passa a se constituir e ser percebido através da incorporação da expulsão.

Na teoria de Butler, a precariedade é um elemento constitutivo de ser um corpo socializado, pois, como a autora afirma, o corpo tem sua dimensão “invariavelmente pública”, ou seja, ele precisa das instituições para viver. Podemos ver que todos os corpos passam pela precariedade, pois todos nós estamos sujeitos a sermos vítimas de alguma catástrofe natural inesperada.

No entanto, a filosofia de Butler (2019a) mostra que existem diferentes níveis de precariedade e que o sistema capitalista produz corpos precários e vidas precárias através de diferentes arranjos sociais e processos sistêmicos, corpos esses que passam por um maior processo de sujeição à morte e sofrimento. Apesar da autora não gostar de cristalizar seus conceitos em determinados grupos, os refugiados e outros indivíduos que passam por um processo sistêmico de morte são exemplos do que é ter uma vida precária.

Existe também uma importante contribuição dentro do campo teórico brasileiro que ajudará a incorporar a discussão do presente capítulo, a noção de necrobiopoder de Berenice Bento (2018). Inspirada por Butler, Bento (2018) visa uma aproximação do conceito de biopoder (FOUCAULT, 1999) – que consiste no fazer viver e deixar morrer – com o de necropoder Mbembe (2016) – que consiste em políticas que promovem e são responsáveis por mortes, como complementares.

Assim como o de corpo abjeto que foi utilizado para pensar gênero (BUTLER, 2019c), mas escorrega para pensar diversos outros corpos que não são só deixados à morte em relações difusas, mas que o Estado através de formas de gestão e políticas produzam o que pode ser chamado por Giorgio Agamben (2007) de vida matável. O Estado brasileiro dá a vida e dá a morte, ele não deixa morrer.

Podemos tomar como exemplo os diversos casos de assassinatos por parte das forças policiais em comunidades do Rio de Janeiro, a cumplicidade com o caso de estupro de uma jovem dentro de uma viatura policial em São Paulo e até mesmo o uso de uma viatura como câmara de gás para assassinar Genivaldo de Jesus em Sergipe. O Estado moderno enquanto tem seu viés democrático de inclusão de indivíduos como portadores de direito, segurança e liberdade, ele também age através da produção de sujeitos como aqueles que estão fora do Estado-nação, eles não são apenas deixados morrer, mas passam por um processo de produção de mortes, a inclusão do Estado nasce justamente da exclusão de determinados corpos, assim como afirma Butler (2018).

Através da leitura de autores como Agamben (2007), Foucault (1999), Butler (2019b), Bento (2018), Mbembe (2016), Koury (2003; 2004), Martins (2015), Misse (2010), entende-se que o Estado brasileiro promove ritos de mortes, sofrimento e exclusão, que agem de modos diferentes, seja na exterminação de pessoas trans, populações indígenas, população carcerária, vidas negras que residem em comunidades, pessoas em situação de rua e refugiados. A última população aqui citada, passa por problemas de saúde, assim como o sarampo e sua existência retratada como infecciosa, sua situação de rua os coloca em contágio como diversos problemas – assim como o caso emblemático de refugiados com

problemas de carrapatos – e o Estado brasileiro através do exército militariza seus corpos, assim como foi citado acima e é retratado por Machado (2020).

Em uma sociedade com tantos processos de sofrimento causados pelo Estado e por arranjos neoliberais, o luto social aparece como um bom indicador para perceber quais vidas são precárias. E também pensar como existem determinados indivíduos que têm suas mortes e seu sofrimento naturalizado, assim como os refugiados que têm vidas precárias e têm o luto negado a eles. Quando se reflete a partir da teoria de Butler (2019), enxerga-se que a dor dos refugiados é banalizada pela mídia e pelo Estado através das imagens, podemos tomar como exemplo o livro *Pátria Mãe Gentil* (BRASIL, 2018) livro que contribui para que a empatia e o luto por vidas de refugiados venezuelanos seja substituída por um sentimento de caridade e superioridade do Brasil. Tal perspectiva pode ser vista na escolha das fotografias, não existe nenhuma fotografia de refugiados com expressões faciais que demonstrem tristeza ou incômodo, pois os refugiados são retratados sempre rindo em campos de concentração. De acordo com Machado (2020), os campos eram sempre fruto de reclamações por parte dos refugiados, até sobre circunstâncias básicas de vida, como alimentação e sono.

O exemplo mais gritante da substituição social do sentimento de perda é o modo como o livro termina, a última fotografia é composta por crianças refugiadas correndo e o fundo existe uma pintura com a bandeira do Brasil e Jesus de braços abertos, a imagem traz uma ideia de superioridade e da autoafirmação do Brasil através de uma doutrina cristã da caridade.

Ao adentrar na discussão sobre luto, Butler (2019) se afasta da noção psicanalítica freudiana e discorda que um luto bem-sucedido ou terminado é quando se troca um objeto por outro, para Butler (2019) deve-se aceitar a perda. A autora aponta que não sabe o que é terminar um luto ou fazer com que ele seja bem-sucedido, ela afirma que o luto na verdade é uma transformação que não se sabe o que resultará antecipadamente. A complexidade existe porque o sentimento de perda não acontece só direcionado a pessoas que se foram, mas existe uma melancolia por trás da perda que diz respeito ao “eu”, é uma dimensão enigmática que normalmente há uma compreensão de que é temporário. (BUTLER, 2019a)

No entanto, essa perda de laços implica de certo modo no ato de ser e se perceber como algo coletivo, pois o “você” implica no “eu”, Butler (2019a) afirma que esses pronomes são usados porque não há um vocabulário para definir, mas pode se considerar com um laço que se estabelece em uma “relacionalidade” constituída não exclusivamente do “eu” e nem exclusivamente do “você”, mas concebido a partir da diferenciação de ambos e de suas

relações, assim como acontece na interdependência dos signos linguísticos abordados por Saussure (2006).

O luto por ser algo bastante subjetivo e se caracterizar por um estado de solidão – ou solidão – e isolamento, normalmente é compreendido como um aspecto individual, no entanto, existe uma força política por trás do luto que adquire uma coletividade:

(...) o luto fornece um senso de comunidade política de ordem complexa, primeiramente ao trazer à tona os laços relacionais que têm implicações para teorizar a dependência fundamental e a responsabilidade ética. Se meu destino não é, nem no começo, nem no fim, separável do seu, então o “nós” é atravessado por uma relacionalidade que não podemos facilmente argumentar contra; ou melhor, podemos argumentar contra, mas estaríamos negando algo fundamental sobre as condições sociais da nossa própria formação. (Butler, 2019, p. 2019)

O luto pode ser uma arma política para classificar quem é o “nós”, definir quais corpos são abjetos e quais vidas são precárias. Pois o nós implica em uma de inclusão apenas de vidas desejáveis, no entanto, como Butler (2018) afirma em *Corpos em Aliança e a Política das Ruas* (2018), a inclusão implica diretamente em uma exclusão, em uma batalha por reconhecimento sobre quais são as vidas que importam e quais corpos são aceitáveis naquele Estado.

Butler (2019) não pretende tratar todos a pé de igualdade com o conceito de humano que se esconde em retóricas pós-políticas, mas pensar uma vulnerabilidade comum, referente ao luto, reconhecer a importância da vida, ocasionando com que a produção de mortes cause uma maior sensibilidade e reflexão à sociedade. A partir do que foi apontado, podemos compreender que as vidas precárias dos refugiados não passam por um processo de luto e reflexividade do sofrimento incorporado àqueles corpos, se faz necessário reconhecer os refugiados como vidas precárias e ir de encontro com a naturalização de suas mortes e sofrimento que costuma ser produzida pela mídia e pelo Estado brasileiro – e norte americano junto ao exemplo dado por ela.

A partir do que foi discutido no decorrer do texto, é possível concluir que o refúgio apresenta uma multiplicidade de fatores na vida prática e que pensar como uma categoria jurídica pode retirar a complexidade que se apresenta tanto no trânsito dos corpos quanto na reflexividade sociológica.

Também se faz necessário apontar que pensar o refúgio através de categorias mais universais do poder é um modo de abarcar a complexidade, como foi visto junto à noção de processos identitários (ENNES e MARCON, 2014) que aqui utilizo para buscar pensar as identidades refugiadas a partir de configurações sociais junto às disputas, marcadores

identitários, contexto social e normas. Ademais, foi possível identificar que a identidade e o status jurídico refúgio envolve uma série de questões como classe, etnicidade e outros fatores.

Em relação a abjeção, foi possível observar que o processo de incorporação do refúgio não é algo que envolve apenas o corpo dentro da anatomia, mas envolve processos simbólicos e a ação dos indivíduos, Estado e instituições. Ou seja, o corpo está além do que é envolvido pela pele, o corpo se joga ao mundo através da vida em sociedade e é moldado, expulso e rejeitado através dos discursos. Nas relações de refúgio o espaço se corporifica e a corporificação do refúgio acontece através de discursos e poderio militar incorporados, ou seja, ser refugiado é um processo incorporado através de uma vida prática.

Na parte que foi feita uma reflexão acerca da precariedade, foi possível compreender como existem processos sistêmicos que sujeitam refugiados a vidas precárias e processos de dor, sofrimento e morte. Os refugiados não são os únicos a passar por processos de precarização da vida, mas são exemplos de como existe um processo de reprodução do sofrimento que havia dentro do país de origem no país destino. Não que os processos de sofrimento sejam iguais, mas ainda existe um controle dos corpos e o refúgio não é uma garantia de sanar o sofrimento – vide o exemplo dos campos de concentração e o retorno de refugiados venezuelanos – e o luto continua sendo algo negado a eles.

As emoções que são incorporadas também por não refugiados, por exemplo o luto, interfere justamente na vida dos refugiados e no sentimento coletivo para uma mudança sistêmica na sociedade, um luto irrefletido ocasiona em uma continuidade dos processos de dor e sofrimento de vidas precárias. Enquanto os refugiados passam pela dor, cabe aos não refugiados um reconhecimento dessa dor. Além disso, o luto também aparece como uma variável para perceber quais vidas são precárias através do reconhecimento da dor.

Para finalizar o tópico, friso que a vida implica incorporação do poder e os processos de transição como o refúgio só é possível através de um corpo em movimento, ou seja, a sociologia deve olhar a dimensão carnal da sociedade para enxergar processos que envolvem dor, sofrimento e morte. Principalmente, quando pesquisa se trata sobre pensar a construção ou destituição do outro através das imagens de sofrimento, pois os registros dos processos incorporados só podem ser feitos a partir de capturas do corpo, pois não se fotografa o som de um grito ou choro, mas da expressão corporal dos mesmos.

#### **4. Considerações Sobre a Praxiologia da Dor e o Distanciamento do Sofrimento**

De acordo com Michel Misse (2016) a sociologia convencional muitas vezes buscou uma fuga de questões mais subjetivas, ligadas às emoções e que não se é possível quantificar

em uma escala analítica baseada em números, se faz necessário interpretar a fala ou performances dos interlocutores e estabelecer critérios objetivos para realizar a interpretação do que é retratado por eles. As questões levantadas como “O ator sofre?” “O ator sente dor?” eram problemas que muitas vezes era jogado para um processo de subjetivação e interpretado pela psicologia, psicanálise, filosofia e pelos studies (estudos culturais). Podemos ver uma maior exclusão quando essas questões são dirigidas as imagens.

Apesar de Max Weber (1991) ser a grande referência do grande paradigma que é a sociologia interpretativa e sua preocupação com uma sociologia da ação social ser de grande relevância epistemológica para o desenvolvimento de diversos tipos de teoria social contemporânea, aqui será tecido um diálogo entre a sociologia praxiológica de Anthony Giddens e Pierre Bourdieu com a sociologia das emoções de Norbert Elias, a fenomenologia de Merleau Ponty, e por fim, o distanciamento do sofrimento através da sociologia de Luc Boltanski – apesar da presente pesquisa não realizar uma abordagem da sociologia pragmática ou sociologia da justificação, o autor tem esse livro como referência no campo.

Um importante apontamento de Le Breton (2018b) é que a dor e o sofrimento se constituem também a partir de um estado de solidão dos indivíduos, assim como foi falado sobre o luto, pois só quem passa pela dor é capaz de sentir, as emoções e sensações são circunscrita em seus corpos, pois o corpo é a dimensão mais individual do indivíduo – mas não podemos deixar de ter em mente que ele também possui uma dimensão coletiva como afirma Bourdieu (2001) e Butler (2019a).

O indivíduo que sofre e sente dor não transpõe a sensação imediata ao outro, a sensação é transmitida através da oralidade, de metáforas, símiles e por vezes expressões faciais. Aqueles que testemunham a dor e o sofrimento, não sentem neles mesmos o que foi incorporado ao ator que foi sujeito aquela prática. A compreensão só ocorre através da empatia ou algum outro movimento ligado a recepção e aceitação (ou negação) daquele estado.

Diferentemente de outros fenômenos sociais como as relações de trabalho, compreender a dor e o sofrimento do outro requer uma abstração que acontece por meio de uma crença na imaginação que se cria a partir de uma tentativa de percepção do outro que sofre e manifesta a partir da fala ou expressão corporal, por isso se faz necessário discutir corpo, mesmo quando o foco é no sofrimento.

Apesar do corpo e das emoções exercerem um papel tão individual que acompanham uma intersubjetividade incorporada – pois o corpo serve de estrutura para as emoções (LE BRETON, 2014; ELIAS, 1990; 1990b) e é responsável por lançar o indivíduo ao mundo

através da intencionalidade, modulando sua subjetividade através da percepção do outro, do mundo e de si através das relações que são estabelecidas (MERLEAU PONTY, 1999) – existe uma dimensão coletiva objetivada pelo poder (BOURDIEU, 2014) que diferentes corpos são classificados e passam por uma batalha de reconhecimento.

Sobre reconhecimento, poder e emoções, podemos observar que existem apontamentos sobre essa intersecção desde a sociologia clássica. Tomemos como exemplo o clássico estudo de Durkheim (1996) sobre a força coercitiva do luto em algumas sociedades, o autor aponta que quando alguém morre e os familiares não expressam sofrimento e o luto, eles são mal vistos pela sociedade, existe uma moral do sofrimento que serve para manter uma ordem social através de uma coerção dos afetos, o sofrimento passa a ser obrigatório e ter um caráter valorativo.

De acordo com Peters (2020) a “virada praxiológica” compreende a vida em sociedade como um cômputo da continuidade descontínua das práticas dos agentes sociais. Ou seja, uma visão praxiológica implica em uma maneira de enxergar o mundo através de uma ótica relacional, cujo as práticas sociais são o locus da vida social.

O foco na práxis está em uma infinidade de autores, podemos observar de Marx (2009) quando aborda a oitava tese de Feuerbach “toda a vida social é essencialmente prática” (Marx, 2009, p. 121), até em filosofias desconstrutivistas como Judith Butler (2019c) que aborda a prática como elemento constitutivo do poder.

Peters (2021) se atenta para a importância da sociologia praxiológica para compreender a dimensão carnal e as afetividades da sociedade:

A experiência humana do mundo social não se reduz, nesse sentido, a representações cognitivas depuradas, mas consiste na vivência difusa de contextos cuja realidade não é apenas apreendida, mas também – e de modo fundamental – globalmente sentida com base nas ressonâncias corpóreo-afetivas pelas quais nos “sintonizamos” com o mundo. (PETERS, 2021, p. 313)

Dentre muitos filósofos e sociólogos que trabalham com um horizonte praxiológico, irei centrar a discussão de maneira muito breve em Giddens (2003) e na teoria da prática de Bourdieu, pois são autores que realizam grandes sínteses e são influenciados pela fenomenologia, antropologia estruturalista, etnometodologia, racionalismo aplicado, marxismo, funcionalismo e diversas outras correntes. O que dá um grande destaque para esses autores não é só a leitura e uso com maestria de diversas teorias de diferentes campos do conhecimento, mas como eles discutem concepções que parecem ser contrárias e excludentes transformando-as em sínteses complementares e como a dimensão corpórea da vida é ressaltada.

Giddens (2003) e Bourdieu (2002) compreendem que a ação social é realizada por agentes que possuem disposições e competências práticas adquiridas através do tempo e estão ligadas a condições objetivas não deterministas. Ou seja, pensar os fenômenos sociais através das práticas e de uma dimensão relacional não simplificando em um processo reificado baseado em uma escolha do ator ou da estrutura. Os autores superam explicações que essencializam os fenômenos sociais nos atores ou na consciência coletiva (e estruturas de poder), também superam dicotomias que suprem vícios teóricos como corpo em oposição a mente, a subjetividade em oposição à objetividade, o material em oposição ao simbólico e diversas outras separações dualistas.

Além da concepção do corpo ligado a prática social, Giddens (2003) também reconhece a importância simbólica do corpo e da percepção das expressões, como o célebre exemplo dado sobre como o rosto humano e sua percepção é utilizada como um meio para expressar a subjetividade humana, pois é muito difícil controlar as expressões quando nos deparamos com algo chocante, muito triste ou muito alegre, também, serve de leitura interpretativa para ver a subjetividade do outro.

Na sociologia bourdieusiana, o corpo assume um protagonismo através da prática e de seu conceito central: *habitus*. Bourdieu está sempre trabalhando com essa categoria por conta do seu poder de se transfigurar e abarcar uma infinidade de sociedade, o *habitus* é considerado um “*haver*” (BOURDIEU, 1989) que o indivíduo carrega, ele incorpora condições objetivas e o agente exerce sua subjetividade por meio das práticas sociais, e apesar de Bourdieu ser bastante influenciado pelo estruturalismo, o *habitus* pode ser atualizado, principalmente em uma condição de histerese (BOURDIEU, 2008), condição esta que há grande objetivação das condições sociais e o indivíduo é lançado a um novo recorte do espaço social, tal prática exerce um rompimento com o campo em que o indivíduo estava inserido e por vezes coloca o coloca em crise, angústia ou sofrimento.

Podemos ler o *habitus* um poder gerador e unificador, que realiza construção e classificação, é construtor tanto da realidade social quanto de seus valores e de suas hierarquizações, ele se estabelece por meio de um corpo socializado e dos princípios organizadores, que também são socialmente construídos através de experiências sociais situadas e datadas (BOURDIEU, 1989; 2001; 2008; 2009).

Ennes (2022) afirma que a sociologia bourdieusiana se faz relevante para compreender os processos migratórios por meio da interdependência de seus conceitos seguindo uma lógica prática. Ennes (2002) aponta que o corpo é central na teoria bourdieusiana e que o sofrimento se apresenta na atualização do *habitus*:

O fracasso e o sofrimento (Bourdieu, 2007) podem estar na origem do aprendizado e da atualização do habitus do imigrante. É, portanto, no nível da prática, da prática do corpo, da prática como incorporação, que devemos entender o “corpo-migrante”. Daí podemos inferir que a centralidade do corpo da teoria bourdieusiana vem da centralidade de dimensão prática (corporal) da vida social. (ENNES, 2021, p.56)

Ou seja, a dor e o sofrimento não são categorias puramente biológicas, pois o habitus coloca o indivíduo em uma dimensão de poder, classificadora e produtora de hierarquias através de um corpo lançado ao mundo:

A relação com o mundo e uma relação de presença no mundo, de estar no mundo, no sentido de pertencer ao mundo, de ser possuído por ele, na qual nem o agente nem o objeto são colocados como tais. O grau em que o corpo é investido nessa relação constitui decerto um dos principais determinantes do interesse e da atenção que se acham nela mobilizados, bem como da importância - mensurável por sua duração, sua intensidade etc. - das modificações corporais dela decorrentes. (BOURDIEU, 2001, p. 172)

Tal reflexão nos faz pensar que aprendemos pelo corpo através do corpo, o poder se inscreve no corpo de diferentes maneiras, inclusive, por meio da dor e do sofrimento e o indivíduo participa ativamente do mundo. Ou seja, o sofrimento é incorporado junto a um processo de sujeição que o refugiado sofre e tenta se livrar junto ao seu deslocamento.

A dor atinge também uma dimensão hierarquizada quando é consumida e percebida, como é apontado por Le Breton (2018b) quando ele mostra que através das expressões de corpos de imigrantes médicos julgam quais corpos aguentam mais a dor ou não a depender de seu país de origem. Apesar da dor se constituir infligida em células corpóreas e no sistema nervoso ou através de uma emoção ligada ao sofrimento, ela carrega uma alta carga simbólica e está atravessada por fronteiras.

Outro exemplo pode ser visto, foi quando fiz uma etnografia (JESUS, 2021; JESUS, 2023) em grupos de whatsapp, em que mostrei que o consumo de imagens de violência incorporada a corpos negros e periféricos atingia um caráter identitário e classificava os indivíduos como bandidos – seguindo o conceito de “sujeição criminal” de Michel Misse (2010). Na época eu estava trabalhando com o conceito de violência e não foquei em dor e sofrimento diretamente, na presente pesquisa, como foi visto, meu foco mudou.

A dor apresenta uma multiplicidade de abordagens como é levantado por Le Breton (2018a; 2018b), ele aponta que é possível até haver um gozo e um sentimento de redenção através da dor, como é concebido pelo cristianismo. Na presente pesquisa, assim como Bourdieu (2007) trabalhou o gosto, algo que comumente é ligado ao paladar, como uma sensação subjetividade ligada a apreciação e ao afeto ligado a produções culturais, aqui busco

trabalhar a dor junto ao sofrimento, como um incômodo psíquico causado por processos de precarização da vida.

Bourdieu é claramente influenciado por Marcel Mauss (2017), isso pode ser visto na releitura da dádiva realizada por ele e a corporificação do habitus também é influenciado pelo textos *As Técnicas corporais* (MAUSS, 2017), mas o que deixa o habitus como um conceito aberto é sua influência fenomenológica. Tanto por sua leitura de Heidegger (2005) que é tanto referenciada no livro *Meditações Pascalianas* (2001) e por sua oposição crítica a Husserl com a releitura que Merleau-Ponty faz do conceito de intencionalidade, lançando sua teoria a uma base praxiológica, pois Merleau-Ponty (1999, p. 15) assinala que “toda consciência é consciência de algo”, ou seja, a consciência advém da prática e a prática só é possível quando o agente se lança no mundo (ou se expõe).

Agora focando em Merleau-Ponty (1999), é importante frisar que o autor compreende o corpo diretamente ligado e com base na construção do espaço e do outro, a consciência e a percepção acontecem sobretudo por meio de um corpo no mundo. Ou seja, quando o indivíduo se constitui através de um processo de corporificação, ele não possui uma vivência que se fecha em um momento, ele adquire uma abertura vivida, logo o indivíduo é o que ele vive e o que sente, não o que pensa de maneira transcendental.

A percepção não é algo singular de um só indivíduo, ela é produtora e produto de uma interdependência, pois como afirma Merleau-Ponty (1999, p. 453) “O mundo percebido não é apenas meu mundo, é nele que vejo desenhar-se as condutas de outrem, elas também o visam e ele é o correlativo, não somente de minha consciência, mas ainda de toda consciência que eu possa encontrar.”.

A partir de tal concepção, é possível refletir uma interdependência da dor e do sofrimento, apesar dele ser uma experiência no corpo individual, ele é sentido a partir de um corpo lançado ao mundo e suas percepções e sensações possuem valor simbólico quando é percebido pelo outro, como foi falado anteriormente, há uma dinâmica que envolve crença e abstração. Samain (2012) afirma que a fenomenologia de Merleau-Ponty é importante para compreender as imagens, pois elas evocam as percepções sobre o outro e sobre si.

A sociologia de Norbert Elias (2005) dá um enorme destaque nesse movimento relacional também proposto pela sociologia bourdieusiana, como afirma Vandenberghe (2017), esse destaque é visto também em interpretações pós-bourdieusianas que autores liam Elias de olho em Bourdieu e vice versa (VANDENBERGHE, 2010).

Diante de toda grandiosidade da sociologia de Elias, na presente pesquisa, darei ênfase ao controle dos afetos na sociedade. Em *Os Estabelecidos e Outsiders* (2000) Elias e

Scotson mostram como os processos de estigmatização não passam apenas no plano racional e de construção lógica, mas as emoções têm papel fundamental nesse processo. O exemplo dado por Elias (2000) sobre os Burakumin, no Japão e em sua breve menção ao processo civilizador japonês, é bastante emblemático. Os Burakumin não têm uma construção lógica da própria inferioridade, eles se sentem ruins e sujos a partir de uma figuração estigmatizadora que os coloca como tal e os faz acreditar nisso. Em Winston Parva acontece o mesmo processo de auto-imagem, em que os estabelecidos criam um sentimento de superioridade e organizam práticas (como a fofoca) para se permanecerem como tal e um sentimento de inferioridade por parte dos outsiders.

As emoções também tomam relevância no processo civilizador junto a etiqueta, práticas como o uso da faca na mesa, manuais de etiqueta que estipularam como sentar, comer, falar e não cuspir na rua, o controle acontece através de regulações do cotidiano que atravessavam emoções como vergonha e nojo (ELIAS, 1990a).

O processo civilizador encontra eficácia através da regulação dos afetos e na manipulação das pulsões, podemos ter em vista a transformação do *ethos* de guerreiro em cortesão para tornar eficaz o monopólio da violência por parte do Estado (ELIAS, 1990b), ou seja, o poder das emoções está ligado ao controle das pessoas, a um processo de “auto dominação” – processo civilizador.

Apesar de *A Busca da Excitação* (1992), não ser muito citado como outras obras de Elias, o livro escrito com Eric Dunning, mostra a relevância do desporto para analisar a sociedade e como práticas violentas, como o boxe, foram utilizadas como entretenimento para impor regras ao conflito e controlar a violência na sociedade a partir da excitação. O boxe foi responsável por buscar uma regulação da conduta humana, podemos ver como o tempo é regulado por sinais e contagem de minutos, prática que não havia em sociedade agrárias, o nível de força busca ser regulado, pois pugilistas de peso diferentes não podem se enfrentar criando uma ideia de igualdade e as práticas corporais foram reguladas colocando luvas nos atletas e proibindo o uso com as pernas.

Tal exemplo do boxe é dado para mostrar que as práticas do microcosmo estão diretamente ligadas com as dos macrocosmos, inclusive, afastando o que é visto como violência na sociedade, naturalizando práticas que machucam o corpo do outro. Diante da regulação de práticas sociais, casos que costumam gerar choque e deixar pessoas horrorizadas, como uma pessoa desmaiando após tomar um soco ou ficar com machucados e sangue pelo rosto, passam a ser naturalizados e celebrados. Na contemporaneidade, podemos utilizar a sociologia de Norbert Elias para refletir como a mídia e a regulação de práticas

naturalizam a dor e o sofrimento dos refugiados e como tal prática está ligada a uma ideia de civilização e um grande projeto político que não tende a abarcar todas as pessoas, no caso do refúgio.

Em relação ao distanciamento do sofrimento, é importante frisar que passamos por um processo de globalização cujo grande pano de fundo é o consumo, ele opera até em um nível ontológico (BAUMAN, 2008). Como foi dito anteriormente, as grandes mudanças da sociedade estão relacionadas com práticas que acontecem no microcosmo – nos jornais e em diversas outras esferas da sociedade.

Featherstone (1995) se atenta para entender o consumo além de um viés economicista, ele aponta que devemos compreender a cultura que gira em torno do consumo através de três perspectivas. A primeira, a que a cultura do consumo tem como premissa a expansão da produção de mercadoria e tem como origem a acumulação material na forma de bens e locais de compra e consumo, ou seja, o consumo se materializa no espaço e cria diversos ambientes para que os indivíduos exerçam práticas consumistas. A segunda, caracterizada como estritamente sociológica, identifica o consumo como uma forma de criar vínculos e distinção, ou seja, criar fronteiras e identidades. A terceira, que adentra no campo dos afetos, o consumo afeta as emoções das pessoas, cria demandas através de manipulações.

Adianto que a sociologia de Boltanski (1999) aqui é usada não para realizar uma sociologia da crítica (BOLTANSKI, 2016), muito menos realizar uma análise de conjuntura para pensar como *O Novo Espírito do Capitalismo* (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009) ou para pensar uma sociologia da justificação (BOLTANSKI, 2020). Seu uso serve para ilustrar reflexões sobre como o sofrimento pode ser refletido além de um binarismo que pensa em uma dinâmica de banalidade do sofrimento pelo excesso de exposição aos signos, pois muitas imagens de sofrimento estão dispostas e ilustram o cotidiano das pessoas. Essa concepção que o campo dos estudos iconológicos ou sociologia da imagem apresenta não é realmente nova, basta retornar a Simmel (1997) e pensar o estado do indivíduo nas cidades e como ele é jogado ao estado de *blasé* ou até mesmo no desencanto e a construção da gaiola de ferro discutido por Weber (2007).

A outra face do binarismo presente no campo é sobre como a imagem tem o poder de chocar e causar um devir de mudança, assim como o célebre exemplo da fotografia de Kevin Carter da criança sudanesa que estava faminta e um abutre sobrevoava seu corpo que foi estudada por Koury (2004) e discutida na minha monografia (JESUS, 2021). Também deve ser tomado o exemplo da fotografia da menina do Vietnã discutido por Butler (2019a) e mencionado na presente dissertação. Ainda que esses casos sejam emblemáticos e Sontag e

Butler (2015) sejam referências indispensáveis nos estudos sobre fotografia e sofrimento, inclusive na presente pesquisa, o uso de Boltanski (1999) afrouxa um pouco a discussão para pensar uma maior multiplicidade discursiva.

De acordo com a sociologia de Luc Boltanski (1999), a televisão e os meios de comunicação que o jornalismo está presente, exercem poder quando estabelecem um duplo papel de fronteira com pessoas sujeitas a processos que geram sofrimento. O duplo papel se caracteriza por manter ao mesmo tempo pessoas próximas e distantes do consumidor de imagens e notícias. Acontece através da relação – ou figuração – assimétrica, cujo equilíbrio acontece através da desigualdade, enquanto quem consome as informações têm um papel bastante confortável em relação a sua segurança, quem está em um estado de sofrimento passa por um processo de vulnerabilidade ainda maior, pois são sujeitados ao sofrimento e à exposição, que muitas vezes transforma a imagem ser em mercadoria através de práticas invasivas e moralizantes. E então resta pensar “em quais circunstâncias o sofrimento espetacularizado é moralmente aceitável?” (BOLTANSKI, 1999, p. 9). O autor afirma que é através da afirmação do eu, pois retira a dimensão de uma reflexão de uma conjuntura, a ajuda humanitária acontece através urgência e do apelo por engajamento.

Tal dinâmica se encaixa no modelo de espaço público que se transforma de acordo com o autor, cujo público e o privado se aproximam, na medida em que cria observadores generalizados na observação de questões locais. Em diálogo com Adam Smith, Boltanski afirma:

[...] no ideal do espaço público um sofrimento local pode ser transportado sem deformação, de maneira a se tornar disponível para qualquer um, ou seja, para todos aqueles que — por força da disponibilidade que lhes confere sua ausência de comprometimento prévio — são livres para dele se apropriar, ao se descobrirem concernidos e passarem ao engajamento e à adoção da causa como sua (BOLTANSKI, 1999, p. 54)

Tal ideia citada acima é reestruturada com as questões humanitárias e exploração do sofrimento, pois o moderno agora divide a transparência e conversação de modo geral com uma demanda incessante por sofrimento que o transforma em mercadoria de diversas formas.

É importante ressaltar que Boltanski (1999) denuncia as três formas que a moralização e o consumo do sofrimento se configuram: O primeiro, o tópico da denúncia, que busca construir uma narrativa para gerar uma revolta e faz a população se voltar contra aquele que provoca o sofrimento; O segundo, tópico do sentimento ou sentimentalismo, afirma que há uma busca em construir uma narrativa que coloque um benfeitor em ênfase, esse tópico explora as emoções e o constroem narrativas sobre com frases vazias do tipo

“somos todos humanos” e não há uma construção de um dever de mudança; O terceiro, tópico estético, estabelecido em uma repressão da raiva contra o causador do sofrimento e construção de uma simpatia por aquele que ajuda e é visto como herói, este encara a violência do sofrimento sem sinal de hesitação, através de um momento de contemplação do sofrimento em que passa a ser apreciado como um espetáculo. Apesar de haver uma diferenciação entre os três tópicos, eles não se apresentam como “puros” na realidade, eles costumam se atravessar e se reinventar a depender do contexto.

A moralização e o consumo do sofrimento distanciam e aproximam os consumidores das pessoas que estão sofrendo, por exemplo, as pessoas que não tinham contato com refugiados passam a ter através dos jornais e começam se sentir relativamente envolvidos, pelo menos até o ponto de criar opiniões a respeito. No entanto, de acordo com Boltanski (1999), não há um devido processo de reflexão que os aproximem, eles são colocados como o outro e têm seu sofrimento normalizado de diferentes modos.

O presente capítulo foi importante para exercer reflexão sobre como é possível pensar sociologicamente o refúgio através da materialização do sofrimento em uma identidade através de um corpo expulso. Mesmo que esteja em pano de fundo, o corpo se faz presente através das emoções, das figurações de poder e do enquadramento do sofrimento que está presente nas imagens dos jornais.

## CAPÍTULO II - REFLEXÕES SOBRE A IMAGEM E O MÉTODO

### 2.1 Breve História do Encontro Entre Sociologia e Fotografia

Comumente, as imagens podem ser pensadas como coisas inanimadas, em estado letárgico. No entanto, para ir além desse pressuposto não é estritamente necessário seguir perspectivas de teorias contemporâneas segundo as quais os objetos possuem agência, como a teoria do ator-rede de Bruno Latour (2012). Para compreender os processos de socialização imagéticos, basta voltar à sociologia clássica. Max Weber (1991) já afirmava que o objeto sociológico e seu valor são construídos pela capacidade do sociólogo estabelecer relações.

Para pensar as imagens, também é importante recuperar a perspectiva de Gabriel Tarde, nome que foi esquecido durante muito tempo por conta da força da sociologia durkheimiana. Em uma busca de firmamento da sociologia como uma ciência objetiva e acreditando que o positivismo traria um rigor maior para suas pesquisas, Durkheim (2004) aponta que devemos tratar os fatos sociais como coisas, ao passo em que Tarde modifica essa regra e aponta que toda coisa é uma sociedade e cada fenômeno é um fato social.

Tal perspectiva modifica o olhar sociológico e faz com que a sociologia enxergue relações onde quer que se olhe, não só relações de interdependência e figurações, mas também intrarelções, relações macrosociológicas e microsociológicas. Ou seja, as relações que permeiam uma imagem não estão apenas na sua composição e no ato de fotografar. As imagens são compostas e fazem parte de um emaranhado de relações em diversas camadas da sociedade. Elas possuem um poder estrutural de afetar grandes relações, como, por exemplo, o modo pelo qual uma nação enxerga a guerra (BUTLER, 2019; SONTAG, 2003) ao ver a fotografia de uma menina no Vietnã, com sua roupa e pele queimadas por uma bomba estadunidense. As eficácias imagéticas agem até em elementos simbólicos das microrrelações, como casamentos (BOURDIEU e BOURDIEU, 2006), relações de luto por familiares (KOURY, 1998) e do self, influenciando indivíduos enxergam como é ser e estar no mundo.

As fotografias se constituem como um modo também de educar a memória, as emoções e os processos de intersubjetividade, estabelecendo relações reais e imaginárias (KOURY, 1998) através da construção do que alguns autores classificam como códigos visuais (SONTAG, 2000) sobre o que vale a pena ser observado. Tais códigos são sempre passíveis de modificação ao longo das histórias e relações sociais, afinal, elas também são documentos (PANOFSKY, 2001) e carregam um espírito e disputas políticas de uma época, sendo até mesmo capazes de modificar os modos pelos quais olhamos o nosso passado

(BUTLER, 2015) e então mudar o nosso futuro, imergindo nos devires da História com uma posição contemporânea.

A história das imagens pode ser dividida em três grandes momentos – ou paradigmas, de acordo com Santaella (1998) – o primeiro, chamado de pré-fotográfico; o segundo, fotográfico; e o terceiro, pós fotográfico. Todos esses são frutos dos diferentes modos de representação do self na sociedade. Apesar do fotográfico ser o momento mais marcante e servir de ponto de referência para os demais, eles não são excludentes e convivem entre si.

Em relação ao pré-fotográfico, as representações eram constituídas através de retratos que os pintores faziam, levando dias. Os quadros eram utilizados como símbolos de prestígio, tinham uma grande importância para membros da sociedade de corte (ELIAS, 2001) e burguesia. As paredes dos corredores e das salas das residências eram utilizadas para pendurar quadros de si e dos familiares de gerações passadas que tinham alguma estima ligada ao status social da família.

O último paradigma, pós fotográfico, acompanha um momento histórico em que as relações se tornam ainda mais diluídas e o hibridismo cultural surge com bastante força por conta da globalização. Os reflexos desse contexto sociocultural são carregados nas técnicas para compor a imagem e os retratos. As imagens passam a tomar uma singularidade através da mistura de estilos e técnicas variadas que anteriormente não costumavam se misturar. Os computadores e a internet têm um papel fundamental para essa prática: através de softwares, os artistas costumam unir fotografias, desenhos e recortes de outras imagens; os pixels vão ganhando corpo e transfigurando o que é capturado pela câmera fotográfica e pelos smartphones. Assim como o capital deixou de ser industrial e passou a ser financeiro, transformando as mercadorias em coisas intangíveis, registros e dados de computadores, as imagens também seguiram esse caminho digital e passaram a ser produzidas por meio de programas de computador, passando a ocupar o mundo através de telas.

O paradigma central, o fotográfico, começou com a invenção da fotografia na França, em 1824, por J. Niépce. Invenção aperfeiçoada por Louis Jaques Mandé Daguerre, criador do daguerreótipo. O aparelho utilizava a luz do sol para gravar os retratos em placas metálicas. Os procedimentos duravam horas e não mais dias, como os retratos.

Acidentalmente, Daguerre descobriu o efeito do vapor de mercúrio nas placas de metais e o tempo de registro mudou para minutos, e já foi possível captar as relações sociais de pessoas que estavam na rua. Posteriormente, em 1839, o artefato caiu em domínio público e foi incorporado pelo Estado francês. Alguns anos depois, o monopólio da pintura é

usurpado pela nova invenção, tanto por conta da facilidade de fazer o registro, quanto pelo seu custo relativamente baixo e pela praticidade. As câmeras fotográficas foram evoluindo e passaram a se tornar cada vez mais práticas. Um marco nessa evolução foi a câmera Kodak, em 1888, a partir da qual a fotografia passou a ser realizada através de cliques e ofereceu uma maior democratização dos retratos e uma praticidade que dá as classes populares, incluindo camponeses, a possibilidade de captar uma representação da sua existência em diferentes fases da vida (BOURDIEU, 2003).

É importante ressaltar que o surgimento da fotografia coincide com o da sociologia, pois, *Discurso Sobre o Espírito Positivo*, de Auguste Comte, foi publicado em 1844. Ambas as práticas tinham a pretensão de capturar a realidade de maneira mais objetiva possível, retratando algo fiel à realidade (LE BRETON, 2019). Apesar dessas coincidências, a fotografia e a sociologia seguiram caminhos distintos até um dado momento. Enquanto a fotografia adentrou o campo da arte, a princípio porque apesar da pintura ter perdido o monopólio das representações, os pintores, que passaram a ser fotógrafos, não perderam seu monopólio.

Já a sociologia buscou se firmar como uma ciência positiva, muito preocupada em elaborar uma metodologia rigorosa que se aproximou muito das ciências naturais, criando grandes teorias e buscando entender o indivíduo como parte da sociedade, dando ênfase à totalidade da vida social para compreender as ações e organizações sociais.

Vale ressaltar que, de maneira bastante perspicaz, a antropologia se antecipou à sociologia no trabalho que é um cânone da etnografia e muito celebrado em todo o campo das ciências sociais. Malinowski já utilizava imagens no seu livro *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1978), publicado pela primeira vez em 1922.

Realizando uma análise histórica do encontro entre sociologia e imagem, mostra-se que a fotografia serviu de ferramenta de análise social ainda sob a ótica de fotógrafos, principalmente em fotografias realizadas nos Estados Unidos. Ferro (2005) aponta a relevância dos trabalhos de fotógrafos como Lee Frielander e Garry Winogrand, que fotografaram os comportamentos no espaço público, chegando a abordar de outro modo questões que nortearam a sociologia de Georg Simmel e de Erving Goffman.

A foto-reportagem, em 1920, gênero que teve Eisenstaedt e Erich Salomon como pioneiros, foi importante para estabelecer a fotografia como um meio para a análise social. Seus trabalhos são exaltados e contam com grande aderência também por possibilitarem uma maior visão de sociedade não ocidentais.

Ferro (2005) aponta que Robert Capa foi um fotógrafo precursor da “fotografia de

guerra”. Sua obra foi de fundamental importância para iniciar uma reflexão sobre a sensibilização com as guerras e para ver como existe uma gama de relações sociais que acontecem além do campo de combate. Seu trabalho era sobre as periferias das guerras e suas sociabilidades, chegando a ser associado à Susan Sontag.

Nos Estados Unidos, inúmeros trabalhos fotográficos sobre a vida rural e urbana foram financiados, assim como os dos fotógrafos Dorothea Lange, Margaret Bourke-White, Russel Lee, Walker Evans ou Arthur Rothstein. Além de todos os fotógrafos anteriormente citados, o nome de Lewis Hine deve ser destacado. Hine já se considerava um “fotógrafo sociológico”, realizando uma série de fotografias sobre trabalho infantil, ele enquadrava corpos sujos, roupas surradas e expressões de sofrimento. Transmitindo a dor das crianças seu trabalho causou um impacto tão grande que gerou mudanças legislativas sobre o trabalho infantil nos Estados Unidos.

Robert Frank (1924-2019), fotógrafo suíço, começou a trilhar a sociologia enquanto estudava a sociedade norte-americana. Suas fotografias foram muito importantes para enxergar os Estados Unidos como uma sociedade desigual. Suas fotografias refletiam sobre as contradições da “liberdade norte-americana”. Frank pautava uma discussão sobre discriminação racial, desigualdade econômica e suas relações com símbolos do patriotismo americano. Ferro (2005) ressalta que seu trabalho gerou revolta em parcela da população norte-americana, pois aquelas percepções incomodavam os mais conservadores.

Vale ressaltar que em 1960, diversos fotógrafos começaram a apoiar movimentos sociais e o campo da fotografia passou a ter uma multiplicidade de agentes e estratégias ao longo das práticas fotográficas, como: etnografia sociológica, diversos temas relacionados ao que era chamado na época de “subculturas”, movimentos sociais, novas classes sociais emergentes, e grupos que eram estigmatizados.

A Escola de Chicago se apropriou muito bem da fotografia, dois trabalhos são de grande destaque. O primeiro, de Goffman (1987), sobre as representações de mulheres na publicidade, foi muito importante para denunciar discriminações sexistas. O segundo, por sua vez, foi o trabalho fotográfico de Thomas e Znaniecki sobre imigração polonesa.

Percebe-se que no Brasil, o uso de imagens cruzado às ciências sociais apareceu primeiro nas obras de Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior (ambos na década de 30) e Roger Bastide (na década de 40). Nos anos 70 e 80, houve um “boom” nos trabalhos de sociologia e antropologia da imagem, em parte por conta da implementação de programas de pós-graduação em sociologia e antropologia.

De acordo com Koury (1998), a partir de 1990, a sociologia e a antropologia da

imagem se firmaram no campo intelectual brasileiro, ganhando destaques grupos Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo, Universidade Federal Fluminense e Universidade Federal da Paraíba.

## 2. 2 O Poder das Fotografias

Existem muitos sistemas teóricos que compreendem que a exibição de certos signos ou práticas sociais de maneira frequente e compartilhada com outros indivíduos gera uma naturalização dos modos de dominação e de práticas sociais, posso utilizar como exemplo as obras de Susan Sontag (2003), Judith Butler (2015; 2019a), Norbert Elias (1990a; 1990b; 2000) e Pierre Bourdieu (1989), Karl Marx (2009) e Foucault (2014)

Apesar da complexidade de todos esses sistemas teóricos, em uma pesquisa empírica como essa não se pode recorrer a explicação simplista de uma simples frase como “a repetição gera naturalização”, de certa maneira é cair uma simplicidade para explicar o objeto empírico – não que tal conclusão seja simplista, mas essa simples afirmação não basta para desenvolver toda complexidade da relação entre cultura e poder em uma pesquisa empírica, essa frase deve ser a conclusão e não a explicação. Se faz necessário desmembrar as teorias para compreender o processo sobre o qual os atores constroem suas intersubjetividades e naturalizam os processos de dominação.

Irei me debruçar no conceito de poder simbólico tecido por Bourdieu (1989), isto porque diferentemente das duas primeiras autoras citadas, ele recorre a uma tradição para repensar os clássicos, não só da sociologia, mas também da antropologia funcionalista e acredito que seu modelo gere uma cautela sociológica maior e um processo de síntese de grandes nomes das ciências sociais. A abordagem foucaultiana também seria uma boa escolha, mas ela não entra em confluência com a construção do método aqui presente.

Aqui afirmo que as imagens exercem poder simbólico, pois Bourdieu (1989) afirma que o poder simbólico funciona como:

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. (BOURDIEU, 1989, p. 14, grifo do autor)

Ou seja, podemos afirmar que o poder exercido pelas imagens não está presente nos sistemas simbólicos como *illocutionary force*, ele está no *ens realissimum*, isto se considerarmos seu exercício uma relação determinada entre dominado e dominante, nos que

exercem poder e nos que incorporam tais condições objetivadas, ele está presente na crença, sendo produzido e reproduzido por meio da cumplicidade dos dominados (BOURDIEU, 1989, p. 15 e p. 8).

Bourdieu é influenciado pela tradição filosófica neo-kantiana, principalmente pela filosofia de Ernest Cassirer, a partir de tal concepção podemos entender que as imagens funcionam como instrumentos de conhecimento e de construção de mundo, ou seja, “formas simbólicas” junto a praxiologia.

Se faz importante ressaltar que outra grande referência de Bourdieu, Durkheim, tinha como referência Kant, e a partir da influência de Kant junto ao seu trabalho empírico, podemos compreender que as formas simbólicas - ou “formas de classificação” (para utilizar o termo de Durkheim (2004) ) - apontam que as imagens de refugiados não possuem um sentido universal, logo, elas são compreendidas por determinados grupos estabelecendo ligações entre subjetividades estruturantes, na relação entre senso e consenso.

A partir do apontamento da frase anterior, é possível pensar que tanto a construção, quanto a compreensão de fotografias não são homogêneas, elas apresentam uma multiplicidade de sentidos que irá variar a depender dos grupos em que os consumidores, mas para que as práticas funcionem é necessário que entrem em algum consenso, mesmo que seja na ideia de que um refugiado é uma pessoa de outro país.

Tendo em vista que o sentido da imagem se coloca em uma relação entre diferentes grupos e que o mesmo significante pode obter significado variado, se faz necessário se munir de critérios objetivos para não cair em um subjetivismo em que não somos capazes de entender o significado da construção iconográfica da imagem sem realizar entrevistas, para me livrar dessa armadilha o método de Panofsky (2001) se faz fundamental, como irei mostrar no decorrer do texto.

Também é importante considerar uma tendência homogeneizar os significados de tais fotografias, se considerarmos alguns pontos: 1) Os instrumentos de conhecimento funcionam como estruturas estruturantes e os meios de comunicação como estruturas estruturadas; 2) O alcance e o poder dos jornal que foi escolhido no recorte metodológico. Essa tendência de homogeneização não se concretiza de fato pelo caráter conflitivo do mundo social, a tendência é um jeito de definirmos o exercício de poder constante dos dominantes para legitimar suas concepções de mundo. Ainda vale ressaltar que mesmo dentro de uma abordagem durkheimiana, a função social é tomada no sentido do simbolismo tendo uma função política e operando como instrumentos para a reprodução da ordem do mundo social.

Ainda no funcionalismo, podemos recorrer à tradição marxista que por sua vez realiza uma análise com prioridade nas funções políticas dos sistemas simbólicos, diferentemente de Durkheim e Radcliffe-Brown, Marx aponta que as produções simbólicas estão relacionadas com os interesses da classe dominante, enquanto os estruturalistas e funcionalistas clássicos defendem que as produções simbólicas sejam a “alma de uma coletividade”, assim como o mito nas sociedades frias.

Um grande aspecto diferencial na compreensão marxiana é de que as representações coletivas servem a interesses da classe dominante e se apresentam como universal para ter uma maior aceitação da classe popular, tal processo é responsável por criar uma “falsa consciência” das classes dominadas para legitimar as distribuições desiguais de poder com base na distinção.

Apesar de compreender que tal afirmação retira a potência dos indivíduos de também entrarem na luta simbólica, a concepção é muito útil para analisar o campo da comunicação. Pois unindo o marxismo junto ao funcionalismo, podemos adquirir compreensão de a cultura que une através dos seus sistemas simbólicos e produções de significado, também é a cultura que separa, que cria distinções e hierarquizações. Ou seja, apesar da imagens servirem para criar uma ideia de refúgio, reproduzi-las e buscar criar um consenso do que é um refugiado, elas também são responsáveis por criar distinção sobre quem são refugiados e quem não é, por criar categorias dentro da própria categoria de refúgio (existem diversos relatos que a depender do país de origem dos refugiados eles recebem diferentes tratamentos), as imagens também são responsáveis por fortalecer relações de estigmas a determinados corpos ou ligá-los a certas representações dentro do imaginário social em nome de outros interesses. Tais efeitos serão melhor explorados quando eu for discutir meus dados empíricos na sequência desta dissertação.

Outro ponto relevante para essa pesquisa, que é fruto da influência do materialismo sobre Bourdieu (1989), a concepção de que as relações de poder não se configuram apenas como comunicação e que elas não se reduzem a uma condição de relação face-a-face, elas são intimamente ligadas às relações do poder material e simbólico que são acumuladas por agentes ou instituições, ou seja, a reflexão sobre a imagem ela tem que relacionar o microcosmo com o macrocosmo, as mudanças mais estruturais, globalizantes e também relacionar com a vida material..

Influenciado por Weber, Bourdieu, nos faz pensar sobre o conceito de “violência simbólica”, que está ligado à legitimação e dominação de um grupo sobre outro, tal dominação é exercida através da “domesticação dos dominados”. Ainda é possível afirmar

que existe uma luta constante para legitimar uma visão de mundo social conforme seus interesses, fazendo com que as posições ideológicas se transfigurem em posições sociais, ou seja, através de um fator de distinção de quem pertence a certa classe e quem não pertence. Bourdieu está quase sempre relacionando as disputas e práticas sociais a jogos, no entanto, existe uma diferenciação nas disputas sociais: as regras também estão em jogo.

Os jornais influenciam nessas regras e no imaginário social, eles controlam o arbitrário cultural e servem como ponte para que o campo econômico exerça poder no campo cultural. Tal concepção bourdieusiana encontra limites hoje porque a sociedade não está mais dividida necessariamente em classes como eram antes, hoje o movimento de individualização e de fluidez das relações é maior, mesmo que tal movimento de individualização e de manipulação dos arranjos sociais que envolviam “classe” tenha sido realizado por circunstâncias estruturais e condições objetivas causadas por interesses do grande capital, como afirmam autores como Ulrich Beck (2011) e Bauman (2007). As imagens do fotojornalismo também caminham para um viés identitário, de hierarquização e que serve a interesses de capital do mundo globalizado.

Ainda que seja bastante arriscado, utilizar o termo “ideologia” tendo em vista que já foi posto em cheque muitas vezes dentro das ciências sociais, aqui ela será repensada e buscará se despir de uma ótica positivista ou de pensar a ideologia apenas como um produto do coletivo – assim como teóricos funcionalistas que pesquisam sobre mitos.

Nas sociedades ocidentais e capitalistas, existem o que Bourdieu (1989, p. 12) aponta como “corpo de especialistas”, indivíduos que produzem e se apropriam de determinadas produções. No entanto, como Bourdieu (1989) adverte, não podemos enxergar a ideologia apenas como uma produção das classes dominantes, ela tem uma dupla determinação, estão ligadas a especialistas produtores e não especialistas, elas são criadas envoltas de diversos interesses:

Ter presente que as ideologias são sempre duplamente determinadas, – que elas devem as suas características mais específicas não só aos interesses das classes ou das frações de classe que elas exprimem (função de sociodiceia), mas também aos interesses específicos daqueles que as produzem e à lógica específica do campo de produção (comumente transfigurado em ideologia da <<criação>> e do <<criador>>) – é possuir o meio de evitar a redução brutal dos produtos ideológicos aos interesses das classes que eles servem (efeito de <<curto-circuito>> frequente na crítica <<marxista>>) sem cair na ilusão idealista a qual consiste em tratar as produções ideológicas como totalidades autossuficientes e autogeradas, passíveis de uma análise pura e puramente interna (semiologia). (BOURDIEU, 1989, p.13)

Tal percurso sobre o funcionalismo, o marxismo, a sociologia weberiana e os estudos sobre ideologia se fazem necessário para apontar que o poder simbólico exercido pelas

imagens dos jornais é uma forma transformada, transfigurada e legitimada a outras formas de poder, é uma busca para ir além de tradições que enxergam as relações sociais apenas como relações de força e dos modelos que fazem delas relações de comunicação.

### **2. 3 Debatendo Métodos Para Analisar Fotografias**

Tentando fugir de manuais metodológicos ou “receitas prontas” para lidar com o “real”, busco sair de um positivismo que tenta buscar uma objetividade quase que irrefletida. Tento tal feito através de reflexões teórico-metodológicas e também primeiras experimentações unir alguns métodos e autores levando em consideração seus respectivos avanços e limitações e meus objetivos de pesquisa. O primeiro é de Erwin Panofsky (2001).

O método iconográfico de Panofsky é constituído em três níveis: O primeiro, Natural, o nível que não possui grande complexidade como os demais. Nesse sentido, a única coisa necessária é sua própria percepção com o seu conhecimento prévio. Apesar de não ser necessário conhecimento técnico, artístico, histórico ou sociológico, o sujeito que irá analisar não parte de um vazio de conhecimento e não tem uma percepção “pura” de algo, ele já deve saber algo pelo menos sobre as formas e as cores (PANOFSKY, 2001).

O segundo nível, o convencional, é mais sofisticado que o primeiro, além de trazer uma técnica das formas, do conteúdo, das cores usadas, ele também já traz uma preocupação cultural com os elementos da obra de arte. Podemos utilizar o exemplo que o próprio Panofsky (2001) dá sobre analisar elementos e ações com base no seu contexto histórico e cultural. O autor afirma que podemos interpretar quando um homem de um determinado contexto urbano tira o chapéu pode ser um sinal de saudação, no entanto, quando um homem da idade média tirava seu elmo significava paz e ausência de batalha. (PANOFSKY, 2001)

O terceiro nível, o Intrínseco (ou de conteúdo), é o nível que já adentra na iconologia, busca captar ideias de um contexto histórico e político. Através dele, o pesquisador analisa a história pessoal do artista, a técnica e o contexto cultural para entender a obra e as ideias ali representadas. (PANOFSKY, 2001)

O método de Panofsky (2001) foi de fundamental importância para época, avançou bastante em relação a Manheim e influenciou bastante o de Pierre Bourdieu. No entanto, apesar de ainda ser usual, o método de Panofsky (2001) encontra algumas limitações por conta do seu próprio tempo. Com ele não dá para analisar as emoções que a fotografia quer despertar ou transfigurar, pensar a arte incorporada na mídia, toda a dimensão do poder presente na sociologia bourdieusiana e ele ainda fica preso na compreensão de que a fotografia é um documento, não dando um foco em como as imagens “evocam o

pensamento” e tem um papel mais ativo na sociedade (SAMAIN, 2012). No entanto, além de seu método servir como base para diversos sociólogos, Panofsky (2001) oferece um excelente método que servirá tanto para descrição quanto para a compreensão dos múltiplos significados da fotografia.

Uma outra obra que é referência na área é a de Susan Sontag (2004), ela trabalha com a concepção de que as fotografias ensinam novos códigos visuais, modificam e ampliam o que vale a pena ser observado e o que temos o direito de olhar, constituindo uma ética e uma moral visual. Sem dúvidas, é de que uma grande contribuição de Sontag (2004) foi de que fotografia não pode ser vista só como o objeto fotografado, deve-se levar em conta o contexto, principalmente, se estiver impressa em um livro ou em um jornal, a ordem e montagens da fotografia, ou seja, o pesquisador deve se atentar a todos os elementos ao entorno do registro. Susan Sontag (2004) aponta que uma fotografia colocada em um meio de comunicação, como a televisão, se transforma em outra foto. Pois, a imagem é constituída também a partir de seu contexto, quando ela não está “isolada” atinge um caráter de duplicidade.

A perspectiva teórico metodológica de Susan Sontag (2004) parte de uma símile do mito da caverna de Platão, cujo as imagens e fotografias aprisionam os indivíduos que as consomem e distanciam de um ideal de verdade. Em seu livro *Diante da Dor dos Outros* (2003), a autora analisa como as fotografias de torturas, mortes e guerras banalizam a dor e aumentam uma falta de sensibilidade do sofrimento produzida por um caráter produtivo de alteridade. Tal prática realiza um direcionamento do luto social ocasionando em uma “cristalização de sentimentos”, cujo naturalizamos as mortes e sofrimento. Sontag (2003) aponta que analisar imagens também significa analisar emoções, já que elas não produzem uma retórica que é ampla para discussão como a escrita. Ou se pensarmos através de Byung-Chul Han (2017), a retina serve como uma ponte entre a imagem e o inconsciente dos indivíduos, analisar as fotografias não será apenas uma análise no plano do “achar”, mas também no plano do sentir.

Outro aspecto de relevância que Sontag (2003) afirma é que o pesquisador deve se atentar se uma imagem de sofrimento possui uma legenda. O texto também ajuda a direcionar uma narrativa produzida, orienta o olhar de quem consome a imagem e direciona um sentido de interpretação. A autora ainda salienta que o poder da imagem é tanto que ela pode ser utilizada como um discurso da “verdade”, como nos casos que ela é utilizada como prova nos tribunais.

Se faz necessário trazer a perspectiva de Judith Butler (2015) para complementar a

discussão, ela tece uma discussão utilizando a perspectiva de Susan Sontag e utiliza a imagem como um meio de analisar quais vidas importam. Butler (2015) afirma que é pertinente considerar que na sociedade capitalista ocidental o luto social é manipulado pela mídia e pelo Estado, como foi feito na Guerra do Golfo e do Vietnã, através de coberturas comprometidas de eventos históricos. Apesar de ser uma teoria direcionada a fotografias de guerra, tal método pode ser importado para pensar o refúgio, pois Butler (2019a) não costuma cristalizar seus conceitos em determinados grupos, por seu caráter político e relacional eles possuem o poder de abarcar diferentes configurações sociais.

Já trago as limitações de Susan Sontag com as contribuições de Judith Butler (2015), pois Sontag (2003) chama de “consciência política” aquilo que orienta o fotógrafo a produzir uma fotografia, no entanto, Butler (2015) aponta que o aspecto político da fotografia vai além da consciência do ator, pois existem camadas mais estruturais que envolvem até o enquadramento da imagem e afirma que ele está carregado de um valor ético/moral e afetará a subjetividade do consumidor.

A crítica de Butler entra em consonância com a perspectiva de Bourdieu (2003) e ainda vale ressaltar que não são fotógrafos que escolhem as fotografias para colocá-las nos jornais e os fotógrafos podem tirar as fotos para cumprir demandas prévias dos jornais. O sofrimento de corpos precários é muito utilizado e valorizado pelos jornais, pois como afirma Koury (2004, p. 136) “O sofrimento social tornou-se uma mercadoria de grande procura no mercado midiático e de políticas públicas internacionais”, mesmo quando o fotógrafo não tem uma intenção comercial, a imagem é usada para tal finalidade.

Voltando a Butler (2015), além de apontar que Sontag (2004) fica muito presa a legendas de fotografias e um ideal de verdade. Novamente, se opondo (ou complementando) a Sontag, Butler (2015) afirma que o enquadramento não funciona apenas como contexto fotográfico, ele estrutura a imagem:

Não precisamos de uma legenda ou de uma narrativa para compreendermos que um contexto político está sendo explicitamente formulado e renovado através do e pelo enquadramento, que o enquadramento funciona não apenas como uma fronteira para a imagem, mas também estrutura a imagem em si. Se a imagem, por sua vez, estrutura a maneira pela qual registramos a realidade, então ela está associada à cena interpretativa na qual operamos. A questão da fotografia de guerra, portanto, não concerne apenas ao que ela mostra, mas também como mostra o que mostra.(BUTLER, 2015, p. 110)

Butler (2019a) utiliza como exemplo o caso de uma fotografia que estampou a primeira página do The New York Time, nela há uma bandeira dos Estados Unidos com rostos de mulheres afegãs ao fundo, os rostos estavam à mostra porque tiraram seus hijab. Tal enquadramento contribui para criar superação do oriente pelo imperialismo norte

americano, algo similar ao que foi citado sobre a fotografia do livro *Pátria Mãe Gentil* (2018), a foto daqueles poucos rostos trocaram o sentimento de luto por vidas de civis afegãos e o devir de mudança acerca das vidas precárias, por um agradecimento ao exército norte americano e suas mortes no Afeganistão, tal prática impossibilita a comoção da população americana.

De certo modo, insisto na aproximação de Judith Butler (2015) com Bourdieu, mesmo ela sendo pós-estruturalista, ela trabalha com a imagem através de uma perspectiva um tanto objetiva da interpretação, chegando a falar de estruturação. Nesse ponto, ela acaba se afastando ainda mais das perspectivas de Susan Sontag e se aproximando de Pierre Bourdieu. Pois, assim como na sociologia bourdieusiana, a autora afirma que a subjetividade da interpretação por vezes perpassa por uma objetividade:

(...) a interpretação não deve ser concebida restritivamente nos termos de um ato subjetivo. Na realidade, a interpretação acontece em virtude dos condicionamentos estruturadores de estilo e forma sobre a comunicabilidade do sentimento, e assim, algumas vezes, acontece contra a nossa vontade, ou mesmo a despeito dela. Por conseguinte, não se trata apenas de o fotógrafo e/ou o espectador ativar deliberadamente interpretarem, mas de a própria fotografia se converter em uma cena estruturadora da interpretação, que pode perturbar tanto o realizador quanto o espectador. (BUTLER, 2015; p. 105)

Trago a sociologia de Pierre Bourdieu para compor o método empregado aqui. Apesar do livro *Un Arte Medio* (BOURDIEU, 2003) não ser muito lembrado no Brasil, é um livro de excelente qualidade. Também vale lembrar que recepção de um autor ou de obra de autores de outro país não diz respeito a sua qualidade, como o próprio Bourdieu (1999) apresenta em suas pesquisas e discussões metodológicas para pesquisar a recepção de autores estrangeiro no campo intelectual, normalmente, a interpretação desses autores depende de agentes que mediam os textos, como tradutores e editoras. Ou seja, não é porque a recepção de Bourdieu no Brasil seja pautada pela sociologia da cultura e da educação, que seus escritos sobre fotografia sejam trabalhos escanteados, inclusive, o livro aqui citado uma obra muito importante, pois deu uma guinada nos estudos visuais e deixou o método bastante sofisticado, como afirma Pontes (2014).

É importante ressaltar que apesar de Bourdieu (1989) ter um sistema de análise “aberto”, ou seja, não ter a finalidade de capturar a realidade, mas obter uma leitura do provável, ele trabalha com categorias universais que normalmente dão conta de estudar uma infinidade de objetos utilizando os conceitos de habitus, campo, estrutura e capitais. Não irei trazer uma definição desses conceitos por conta do formato do trabalho e porque a lógica sistemática do sistema teórico bourdieusiano é mais importante para realizar análises, como afirma o próprio autor (BOURDIEU, 1989).

Bourdieu (2003) dá ênfase na potencialidade que fotografias do cotidiano apresentam ao estudo de uma sociedade ou de estirpes, as fotografias podem ser utilizadas como objetos ou como sociogramas que são pistas de diversas tensões sociais. Além da fotografia apresentar as percepções do fotógrafo, ela também denuncia esquemas simbólicos que são comuns a um grupo, a uma classe ou sociedade.

Apesar de Bourdieu (2003) já avançar bastante em perceber a objetividade na prática, ele também coloca a dimensão do poder analisando as fotografias e as posições hierarquizadas que pode ser colocada a um agente ou grupo de fotógrafos, podemos ver essas disputas no campo e analisar as regras do jogo e como agentes habitam diferentes espaços sociais.

Pontes (2014) afirma que o estudo sociológico bourdieusiano da fotografia se destaca por não cair em uma leitura psicológica e não realizar uma análise puramente estética que nega os usos sociais da obra de arte. Outro ponto importante que considero uma guinada nos estudos sobre imagem e fotografia é a atenção de Bourdieu (2006) com a fotografia de classes populares, autor enxerga como algo diferente dos valores burgueses e dominantes, ele também foi responsável por apontar uma sistematização fotográfica que se expressa como uma estética das classes populares, tal sensibilidade trouxe uma grande atenção e visibilidade a imagens que normalmente eram vistas como inferiores e bagunçadas em relação às pinturas.

Mesmo que o foco da minha pesquisa não seja a produção de fotografias por classes populares – aqui o enfoque é dado no consumo – a partir dessa concepção de Bourdieu (2006) e da relação que fiz com o “poder simbólico”, tal concepção nos faz refletir que os jornais apresentam uma estética que apreenda os “gostos” populares, para que sejam consumidas em larga escala.

Sua pesquisa (BOURDIEU, 2003; 2006) parte de um trabalho metodológico com três níveis de análise: No primeiro nível, se faz necessário focar na prática fotográfica, na distribuição, no número de fotografias e sua relação com as classes sociais; No segundo nível, analisar a relação entre fotografia e agente, para então partir para uma análise estética que implicará nos usos sociais das fotografias; o terceiro, será a criação do campo (uso “construção” pois o conceito bourdieusiano possui valor heurístico e serve para que o pesquisador seja capaz de captar disputas e orientar sua pesquisa) que será estruturado, possuirá uma relativa autonomia e regras próprias que também estarão em jogo.

A fotografia pode se fixar, no entanto, o social é inacabado, ele está sempre em movimento, o espaço social e os campos são lugares de disputas e estão sujeitos a mudanças

históricas. Ou seja, a fotografia e a interpretação fotográfica estão acompanhadas de práticas sociais adjacentes, podendo então indicar, ser indício e reproduzir práticas sociais de dominação.

Bourdieu avança bastante em relação aos autores anteriormente citados, quando ele analisa conjuntos além de uma análise estética, busca identificar agentes, campo, estruturas, habitus e capitais. No entanto, existem limitações, pois o autor nessas obras não analisou o fotojornalismo, por conta do seu tempo Bourdieu (2003) ficou preso em compreender a fotografia apenas como arte e que as disputas acontecem apenas dentro do campo artístico, apesar dos fatores estruturais, além do poder de auto representação das classes populares. Não que não exista esse tipo de fotografia e que ela não seja relevante, mas não “só existem” elas.

Em relação a sociologia bourdieusiana, os autores mencionados anteriormente por um lado apresentam limitações, também apresentam avanços para analisar principalmente a relação entre sofrimento, emoção e imagem, analisar fotografias de guerra e grandes desastres, analisar como elas podem manipular ideias e emoções, atingir uma nação e causar comoção global. Bourdieu também não se atenta em como as fotografias podem fechar uma compreensão de mundo sob uma ótica imperialista e de poder. Apesar do que foi apontado, Bourdieu coloca um maior rigor sociológico em seu método, ele não fica preso em análises puramente estéticas, ele adentra de maneira em circunstâncias sociohistóricas da prática e da interpretação.

E apesar do método ser bastante pertinente, enquadrar as fotografias da presente pesquisa dentro da dinâmica de um campo e utilizar o método bourdieusiano seria encapsular a minha empiria na perspectiva teórica bourdieusiano, e assim fugir dos meus objetivos de pesquisa. O movimento através do método bourdieusiano se faz arriscado, pois faria com que eu me comprometesse com uma sociologia do campo da comunicação, invés de pensar uma reflexão discursiva da destituição do outro através das imagens, assim como faz Koury (2004).

Também é importante salientar que algumas limitações podem ser superadas a partir de um uso da sociologia reflexiva de Bourdieu, invés de realizar uma exportação do seu sistema analítico, assim como fiz em relação à imagem e o poder simbólico. Pois como Lahire (2008) defende, ser bourdieusiano (ou pós-bourdieuiano) não é apenas aplicar, aplicar e aplicar os seus métodos. Por vezes se faz necessário ler Bourdieu “contra o pêlo” e enxergar uma possibilidade de utilizar sua própria teoria para alcançar outros pontos e recortes

empíricos. Para finalizar o tópico, é importante considerar as vantagens e limitações que estão presentes nos quatro parágrafos a seguir.

1) Mesmo que o método de Panofsky não adentra em análise de emoções, não realiza uma interpretação do da interpretação do consumidor e não se estende muito a dimensões do poder. Ele (PANOFSKY, 2001) oferece um excelente método para compreender o passado utilizando imagens como documentos.

2) Embora a concepção de Sontag fique de certo modo presa nas legendas e nos textos, ainda acredita que uma fotografia não pode se separar por completo do real ao ser manipulada, não levar em consideração o viés político do enquadramento da fotografia e ainda pensar em “consciência política do fotógrafo”. A autora é um alicerce para Judith Butler e realizou um trabalho incrível sobre como a imagem tem o poder de borrar a visão dos consumidores sobre a dor do outro e as mazelas sociais.

3) Apesar de Judith Butler não cumprir o rigor metodológico de Bourdieu e Panofsky em analisar condições objetivas, sua perspectiva avança em todas as limitações que citei de Sontag, elabora um esquema teórico para perceber como a imagem pode estruturar a consciência dos consumidores e o grande diferencial é apontar a relevância de se atentar ao enquadramento.

4) Mesmo que Bourdieu analise a fotografia apenas como arte, que seu método tenha uma tendência de fechar as disputas apenas no campo artístico, ele também possui limitações para analisar a relação entre emoções e imagens além do campo. Ele também não analisa como fotografias de fatalidade podem manipular ideias e emoções e como a imagem pode tirar visão dos indivíduos sobre desigualdade social. Mas é importante considerar que o autor apresenta um avanço formidável com sua reflexividade e abrangência de sua teoria. Aqui o sistema teórico bourdieusiano ajuda a criar um avanço na presente pesquisa, quando posso recorrer a teorias mais gerais do poder e também suas análises fotográficas que são mais específicas – mas sem perder seu caráter abrangente que considera as dinâmicas entre os campos, ação e estrutura.

Gostaria de frisar que os avanços que os usos de imagens possibilitam à sociologia são infindáveis, no entanto, é preciso ter muito cuidado com o afastamento e processo de análise devido ao alto teor interpretativos dos métodos. É importante salientar que a depender do objeto escolhido e a pretensão de onde chega com a pesquisa, se faz necessário combinar alguns métodos, como aqui venho fazendo. No entanto, é importante ter os devidos cuidados reflexivos para que a sociologia da imagem possa ser um instrumento de compreensão dos

valores do passado, do presente e de sua própria interpretação.

#### **2. 4 Procedimentos Analíticos**

O método aqui empregado consiste em algumas etapas. A primeira etapa é realizado uma pesquisa no acervo online do jornal, com os seguintes descritores: “Refúgio Venezuela”; “Refugiados Venezuelanos”; e “Refugiadas Venezuelanas”. O recorte das matérias ocorreu a partir de janeiro de 2015 até dezembro de 2022, pois é o período de grande fluxo venezuelano no país.

A segunda etapa foi a criação de um banco de dados com as matérias e imagens coletadas para, posteriormente, realizar uma análise. Tal banco de dados foi organizado com pastas temáticas, dentro dessas pastas as imagens foram salvas com a data e o nome da matéria.

A partir de então, foram analisadas as imagens de maneira iconográfica e iconológica como foi citado acima, recorrer a Panofsky (2001) estabelece uma base para entrar no método de maneira mais sólida e me ajudará a realizar discussões mais técnicas sobre efeitos, cores e demais elementos estéticos que por vezes correspondem a historicidade desses fatores e os contextos políticos.

Outro ponto de grande relevância que entra nesse processo do método que aqui desenvolvo é analisar o enquadramento, em outras palavras podemos afirmar que é um “enquadramento do enquadramento”, através da imagem mostrar que existe algo fora da imagem captada que regula o será mostrado:

Os “enquadramentos” que atuam para diferenciar as vidas que podemos apreender daquelas que não podemos (ou que produzem vidas através de um continuum de vida) não só organizam a experiência visual como também geram ontologias específicas do sujeito. Os sujeitos são constituídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio dos quais os sujeitos são reconhecidos. (BUTLER, 2015, p. 15 e 16)

Os enquadramentos funcionam como mecanismos dos jornais mostrando quais corpos e como os corpos devem ser vistos, existe o exercício de violência simbólica até em apontar a câmera. A partir de tal perspectiva, o procedimento irá centrar em analisar o enquadramentos dos corpos refugiados.

Parte do método de Roland Barthes (1984) será utilizado para abarcar mais profundamente elementos estéticos. Apesar de utilizar o método de Barthes (1984), considero as diversas críticas que a sociologia faz ao campo da semiótica, pois as vezes se perdem tentando buscar os caminhos para compreender o social essencialmente pela estética – acreditando que relações sociais e sistemas simbólicos podem ser compreendidos

simplesmente com relações de comunicação – e acabam não se atentando para outras camadas do simbólico, como aspectos mais estruturais (apesar de Barthes (1984) por vezes utilizar o estruturalismo), a ação dos agentes e as tensões entre os campos.

Como na presente pesquisa já consta as duas primeiras etapas que são comuns ao método e basilares no método de Barthes (1984), que é a escolha de quais imagens usarei e o agrupamento e sistematização de diversas imagens – o banco de dados tem essa finalidade.

O outro procedimento tem mais serventia para a presente dissertação, ele orienta a “dissecação” dos elementos presentes dentro da imagem, da forma das figuras, das cores de demais elementos estéticos que estão presentes dentro da imagem. Por exemplo, analisar como as silhuetas das mulheres são apresentadas para analisar se existe um processo de sexualização dos corpos ou como as cores são combinadas para gerar uma ambientação emocional na fotografia (BARTHES, 1984).

Após a elaboração de questões criadas com base nos procedimentos anteriores, no entanto, adapto esse procedimento para confrontar, confronto tais questões para pensar também uma tecnicidade para analisar os elementos estéticos (que Barthes (1984) dá uma maior ênfase) e como a dor e o luto são abordados (que a teoria de Butler (2015; 2019) e Sontag (2003; 2004) me permitem pensar) através de um estudo do enquadramento dos corpos e do sofrimento. Tais questões serão pensadas a partir de um processo de autoanálise (BOURDIEU, 2010) e um processo de questionamento sobre as minhas próprias questões sem cair em uma busca por objetividade desenfreada, mas buscando constantemente uma construção objetiva através da subjetividade do pesquisador e de critérios objetivos dentro dos próprios procedimentos metodológicos, da literatura e da metodologia. Além do mais, as reflexões trazidas por Bourdieu (1989) também poderão auxiliar para pensar questões e relacionar as fotografias com formas de dominação adjacentes na sociedade.

Por fim, utilizarei as reflexões de Koury (2004), Kurosawa (2015 junto a filosofia de Butler (2015; 2019a) e Sontag (2003; 2004) para pensar como o sofrimento e as emoções são incorporadas nas imagens e como a estética do consumo do sofrimento vai além da própria imagem, sendo capaz de destituir o luto pelo outro – reafirmando a cumplicidade com o sofrimento e criando narrativas. Portanto, a presente dissertação buscará repensar as narrativas iconográficas e criar narrativas sobre as mesmas, pensando como o outro é construído e desconstruído a partir de discursos sobre o sofrimento.

## CAPÍTULO III - ANÁLISE TEMÁTICA

### 3.1 Visualidade Humanitária e Rostos Venezuelanos: A Afirmação do Eu através do Sofrimento

A sociedade brasileira tem um *ethos* muito marcado pela presença de uma moral cristã, é o segundo país do mundo com mais cristãos, de acordo com Fernandes (2022). Por sua vez, o trabalho humanitário tem um forte apelo a tal *ethos* que acompanha a caridade. Não diria que as imagens do trabalho humanitário seguem uma estética cristã, seria uma afirmação muito vaga. No entanto, é importante reconhecer o envolvimento da igreja católica com os refugiados e o papel da caridade que é bastante presente no *ethos* católico como um processo de manutenção da relação desigual, tendo em vista, que a caridade sempre estabelece uma relação entre superioridade (aquele que ajuda e se afirma como o eu, sendo assim superior, inclusive, moralmente) e inferioridade (aquele que precisa de ajuda).

Além do cristianismo, ajuda humanitária está envolta de uma série de valores que estão sempre ligados a um processo de intervenção e interesses mais racionais. Assim como afirma Kurasawa (2015), tais processos podem ir desde uma crítica ao capitalismo (FOLEY, 2010; KENNEDY, 2004), interesses com fins lucrativos que estimulam indústrias multinacionais humanitárias ou de socorro a desastres (RIEFF, 2003), até em interesses em cumprir metas institucionais para o atendimento de vítimas, ter eficiência na entrega de ajuda e realizar publicidade para angariar fundos para projetos e manter a relação desigual entre países (BOLTANSKI 2007; MICHELETTI, 2008; TERRY, 2003; WEISSMAN, 2004).

E apesar dos estudos acima serem bastante relevantes para entender o voluntariado e o trabalho humanitário em um capitalismo globalizado, Kurasawa (2015) afirma que tais autores minimizaram ou ignoraram a relevância das imagens nos seus estudos. Para tratar com a devida relevância, o autor aborda a “visualidade humanitária”, apesar da concepção ter sido tratada para pensar as ações europeias e norte americanas e ter um percurso metodológico que pode mais me guiar a um campo do que propriamente ao papel da imagem como produtora de alteridade, a perspectiva do autor encorpa as análises sobre como o sofrimento é utilizado em imagens que retratam o trabalho humanitário.

Diante de tal horizonte reflexivo, as crianças em posição de vítimas tomam grande relevância e costumam ter sua imagem exploradas por conta de sua ligação a inocência:

Além disso, a vitimização está correlacionada com inocência e passividade, sendo a pessoa ou grupo de pessoas relevante desprovido de símbolos situacionais ou

compositivos que indicariam um grau de responsabilidade por sua condição ou uma capacidade de mudá-la por sua própria vontade; daí a popularidade da figura da criança, a vítima inocente por excelência – e destinada a provocar pena ou simpatia entre os espectadores – na visualidade humanitária. (KURASAWA, 2015, p. 16)

Através do expressionismo estético reforça-se a ideia de vítima mencionada acima como um ser vulnerável, isolado de outros atores, em que há uma presunção que está abandonada ou ignorada e por consequência, sendo deixada sozinha para enfrentar as adversidades do refúgio. O rosto passa a tomar grande relevância nas imagens das crianças e a partir dele é refletido não só como a criança é isolada, mas também como o rosto enquadrado consegue se comunicar a ponto de causar uma comoção:

A impressão de isolamento social corresponde à representação descontextualizada da vítima, que aparece em imagens com pouco ou nenhum enquadramento explicativo das circunstâncias socioeconômicas ou políticas subjacentes de sua situação; imagens personificadas são de sofrimento cru, nu e sem verniz, gravadas no rosto e no corpo do sujeito. A criança faminta, doente ou ferida é o tropo de personificação mais difundido, exibindo uma vítima cuja articulação de vulnerabilidade e inocência a torna “merecedora” da simpatia dos telespectadores euro-americanos e da mobilização urgente de esforços humanitários. (KURASAWA, 2015, p. 23)

Retomando a alusão ao cristianismo realizada no início do tópico, é pertinente retomar ao livro do Êxodo da Bíblia, quando Moisés encontra Deus, ele cobre o rosto pois temia olhar Deus. Ao passar os escritos, além de Moisés, diversos outros personagens tem uma relação parecida na presença de Deus, assim como Daniel e alguns dos discípulos de Jesus. De acordo com Le Breton (2018), uma mudança que está bastante presente na hagiografia cristã é a transformação do rosto em luz, tornando uma pessoa de um outro reino, um não igual – ou seja, apesar do rosto dado por Deus ser um grande sinal de individualização, na sociedades ocidentais também é um modo de se reconhecer como um igual.

Le Breton (2018) afirma que quando uma população quer destituir outra por meio do racismo ou por meio de outros preconceitos, produz discursos em prol da destituição do rosto, tal prática ocorre por uma má valorização a traços característicos ou pelo uso de metáforas e símiles a respeito da outra face. Pois há uma grande carga simbólica envolta ao rosto, que coloca a ator não só em encontro, mas também faz com que camadas mais abertas de poder se materializam no indivíduo, pois como afirma Le Breton (2018, p. 118): “Os sinais do rosto introduzem o ator no mundo, mas acabam sempre por superá-lo, considerando também que são partilhados por uma comunidade social.”.

Além do mais, vale ressaltar que o rosto não é só um meio de reconhecimento do outro que é visto com ele ou um meio de interpretar emoções, mas também age ativamente nas emoções do imaginário coletivo quando enquadrado na fotografia – a ponto do consumidor se sensibilizar e manipular noções de luto e sofrimento, assim como afirma Butler (2019a).

Tais reflexões auxiliam a pensar como os refugiados são retratados diversas vezes sem rostos, assim como nas figuras 1, 2, 3 e diversas outras imagens que eram muito semelhantes e por isso não foram trazidas para a presente dissertação. Tais imagens buscavam mostrar o movimento do êxodo dos refugiados de maneira mais geral, sem necessariamente abordar o sofrimento ou causar uma reflexividade no espectador que as consome.

Além do mais, o rosto da criança só é focado quando está recebendo ajuda humanitária, o presente tópico é um reflexo de como a criança venezuelana só é entendida enquanto um ser na visualidade do jornal estudado quando há uma afirmação do eu através da caridade, quando o Brasil se mostra enquanto uma pátria superior e quando comove os consumidores com ajuda. No tópico do interdito a criança passa por uma exclusão e é vista como poluente e por isso a um desfoque no rosto. Pois nas imagens de sofrimento, o rosto tem a finalidade de comover, de comunicar e se mostrar enquanto um outro, mesmo que seja na afirmação do eu.

Figura 1



Fluxo intenso. Imigrantes fogem da crise e cruzam a fronteira da Venezuela rumo à Colômbia pela ponte internacional Simon Bolívar, que liga os dois países

Fonte: Acervo O GLOBO 04 09 2018.

A fotografia acima é retirada de uma matéria que aborda a ida dos refugiados venezuelanos para a Colômbia a pé pela ponte Simón Bolívar que liga os dois países. Na imagem a extensão do total de pessoas é cortado e elas são retratadas amontoadas para que a fotografia exerça discurso de que são muitas pessoas, mais do que se pode ver através da lente da câmera.

No entanto, no meio destes aglomerados o sofrimento não é um elemento discursivo, são vistos poucos rostos e poucas expressões que não dialogam com o consumidor. O *punctum* na fotografia é o homem que é retratado na parte lateral da ponte enquanto todas as pessoas se centram em passar por cima, ele se sobressai como um elemento estranho por não aparecer junto com a multidão.

Figura 2



Fonte: Acervo O GLOBO 25/02/2018.

A figura 2 é de uma matéria que aponta que a possível reeleição de Maduro pode elevar a migração. A fotografia é bastante semelhante a figura 1, ela também retrata venezuelanos partindo para a Colômbia. Apesar de mostrar mais rostos do que a primeira, quando o êxodo é direcionado a outros países que não o Brasil, o sofrimento é relatado de maneira mais branda.

### Figura 3



**Record.** Apenas ontem, 1200 imigrantes venezuelanos fizeram fila em frente à Superintendência da Polícia Federal, em Boa Vista, assim que o dia amanheceu, em busca de refúgio ou autorização temporária de residência no Brasil

Fonte: Acervo O GLOBO 16/02/2018

Apesar da figura 3 também ser uma captura da multidão e os rostos também não serem um foco, quase todas as faces são escondidas. A fotografia é realizada direcionada a fila de espera, que tem 1200 venezuelanos, na frente da Superintendência da Polícia Federal, em Boa Vista, buscando regularizar sua situação migratória. Na imagem mesmo sem a face ser mostrada, o sofrimento é representado pelos corpos, pois os indivíduos se encontram sentados e demonstram estarem cansados ao apoiar suas cabeças em suas mãos.

**Figura 4**

**Fuga do caos.** Venezuelanos recebem refeições num centro de acolhimento em Pacaraima, Roraima: fluxo do país vizinho para o Brasil mais que dobrou em 2018, chegando a 61.600 pedidos de asilo

Fonte: Acervo O GLOBO 16/06/2019.

A figura 4 foi retirada de uma matéria que mencionava o aumento de 136% de pedidos de asilo de venezuelanos para o Brasil. Na fotografia é mostrado uma família em um abrigo em Pacaraima recebendo alimentação. Na fotografia em uma linha superior pode-se ver de maneira marcante o olhar do pai e da mãe com expressões que indicam apatia e tristeza ao olharem para baixo em direção da sua filha e a comida que estava sendo oferecida a eles.

A mãe carrega um filho em seu colo vestido apenas com uma camiseta enquanto segura um copo. A criança que parece ser a filha mais velha encontra-se em sua frente recebendo biscoitos com uma expressão mais amena do que as outras pessoas que estão na fotografia. A mão que estende alimenta a família é uma mão de uma pessoa branca que possui uma luva, tal prática carrega uma representação da ajuda humanitária que se estabelece em uma relação assimétrica, cujo, a mão branca asséptica oferta ajuda e a família venezuelana aceita com suas expressões de tristeza que indicam fome e cansaço.

**Figura 5**



**Migração em massa.** Crianças venezuelanas comem cachorro-quente entregue em ação social em Boa Vista; elas representam 15% dos imigrantes que chegam ao país. Capital de Roraima alerta para falta de vagas em escolas

Fonte: Acervo O GLOBO 19/02/2018.

As figuras 5 e 6 estavam em uma mesma matéria que abordava sobre o alto número de crianças refugiadas que cruzavam a fronteira entre Brasil e Venezuela. Na primeira fotografia é possível ver quatro crianças descalças se alimentando de cachorro quente e suco. Apesar do cansaço e de se encontrarem em uma situação precária, na fotografia não carregam expressões de sofrimento, elas estão com expressões de grande satisfação (a não ser a segunda da esquerda para a direita que olha para câmera de maneira fixa, mas não é uma indicação explícita de sofrimento).

Na imagem abaixo uma criança venezuelana é alimentada com um copo de sopa por um membro de uma ONG que presta auxílio na praça Simón Bolívar, em Boa Vista, Roraima. Na fotografia os pais da criança que está ao fundo são cortados, só é mostrado na fotografia o olhar atento e a expressão de desejo da criança que estende as mãos para pegar o copo de sopa oferecido pelo membro da ONG.

As duas imagens de certa forma entram consonância com as discussões tecidas por Sontag (2003) e Butler (2019a) porque os rostos não são focados em expressões próprias do sofrimento para chocar o consumidor, na verdade, o rosto é utilizado para exercer uma sublimação do sofrimento que o processo de refúgio traz para colocar um sentimento de agradecimento as ONGs e ao trabalho humanitário que aparece como salvador.

Além do mais, vale ressaltar que as crianças seguem os aspectos da visualidade humanitária (KURASAWA, 2015) que tem como forte apelo em retratar a criança como a

inocência frágil e sozinha, deslocada do mundo e o trabalho humanitário a salva dessa solidão, tal exemplo pode ser visto não só na figura 6, mas também na figura 7.

**Figura 6**



**Ajuda.** Menino venezuelano recebe sopa entregue por ONGs em acampamento provisório na Praça Simón Bolívar

Fonte: Acervo O GLOBO 19/02/2018.

A fotografia que corresponde a figura 7 é de uma matéria sobre os impasses burocráticos que aconteceram na fronteira entre Brasil e Venezuela, a matéria também fala da necessidade de triagem daqueles que cruzam a fronteira e do envio de militares para auxiliar com o trabalho em relação aos refugiados.

A fotografia é de crianças sendo alimentadas com pão em Santa Helena, cidade vizinha a Pacaraima, após um conflito entre brasileiros e venezuelanos que fizeram 1200 refugiados retornarem à Venezuela. Além do que foi dito anteriormente sobre o enquadramento excluir o adulto que está presente com as crianças para passar uma imagem de solidão e aumentar a comoção. Vale ressaltar como é marcante o menino que está segura o bebê olha diretamente para a câmera e por o momento do clique tem sua atenção para o fotógrafo e não tem o foco no pão, assim como as outras crianças que estão presentes na fotografia. Seu olhar que transparece angústia ao arquear as sobrancelhas é um modo de comunicar o seu sofrimento e que o pão ofertado naquele momento não é suficiente.

**Figura 7**

**Meia-volta.** Crianças venezuelanas recebem pedaços de pão no caminho para Santa Elena, cidade vizinha ao Brasil, após deixarem Pacaraima (RR): cerca de 1.200 imigrantes pegaram a estrada ontem

Fonte: Acervo O GLOBO 20/08/2018.

A imagem abaixo é de uma família que está acampada em um terminal de ônibus de Quito, Equador, a matéria fala sobre o pedido de ajuda dos países vizinhos e para que Caracas aceite a cooperação contra o êxodo dos venezuelanos. Acredito que com a breve explicação já é possível notar que a fotografia estava presente em um texto sobre como refugiados não são desejados nos países.

A fotografia pode ser observada em duas camadas, a de fundo e do lado esquerdo que é visto um pai e uma mãe sentidos com uma visível expressão de cansaço olhando para o lado, enquanto a mãe está com sua filha em seu colo exercendo seu papel de cuidadora que será melhor abordado no decorrer da dissertação. Na camada da frente que fica a direita, é possível ver duas crianças correndo e sorrindo, tomando a maior parte da atenção da fotografia, o sofrimento aqui apresentado é muito sutil e praticamente inexpressivo, fazendo com que os sorrisos dos dois meninos que correm diminua a comoção com a sensibilidade do sofrimento de refugiados ao ver essa fotografia.

**Figura 8**



Migração em debate. Família venezuelana acampa em terminal de ônibus em Quito, no Equador: após reunião, países assinaram documento com 18 artigos sobre o fluxo de imigrantes no continente

Fonte: Acervo O GLOBO 05/09/2018.

A partir de tal ponto, agora será pensado como o trabalho humanitário está ligado ao poder militar e quais discursos são produzidos a partir do sofrimento refugiado junto a militarização dos corpos.

**Figura 9**



**Resgatado.** O venezuelano Pedro Manoel Fajardo, de 43 anos, que foi encontrado pela equipe de fiscalização em condições análogas às da escravidão: ele trabalhava no roçado, ao lado de brasileiros, sem direito a banheiro ou água tratada

Fonte: Acervo O GLOBO 03/06/2018.

A fotografia acima estava presente em uma matéria que falava de refugiados venezuelanos que eram explorados em trabalho escravo na fronteira entre Roraima e Venezuela. Na fotografia é mostrado um homem com as mãos nos bolsos e seu corpo é cortado, não sendo possível identificá-lo. Ao fundo da fotografia é visto Pedro, o refugiado que estava trabalhando em uma fazenda com condições análogas a escravidão é retratado enquanto conversa com um agente da Polícia Federal e outro agente se encontra no outro lado da fotografia segurando uma arma.

A fotografia reforça o discurso que o corpo refugiado deve ser militarizado, como menciona Agamben (2007), pois enquanto o homem que está na frente da fotografia aparece cortado, apenas com uma ênfase no meio de seu corpo, os rostos dos policiais são mostrados junto ao de Pedro. O policial da esquerda é retratado como um sujeito de escuta para que cumpram as demandas dos refugiados, enquanto o da direita ao olhar para o horizonte empunhando a arma se mostra como o braço de ferro salvador. A militarização do corpo refugiado é retratado como escuta e como proteção, o sofrimento do trabalhador salvo é usado para reforçar a imagem protetiva da polícia federal, apesar de que a prioridade das forças repressivas do Estado seja proteger o que é considerado como nacional, assim como afirmam Machado e Vasconcelos (2018).

**Figura 10**



**Mudança.** Refugiados venezuelanos embarcam em avião da FAB, em Boa Vista

Fonte: Acervo O GLOBO 05/05/2018.

Mais uma vez é mostrada uma fotografia de refugiados distantes, com a ausência de rostos. Nela são mostrados refugiados embarcando em um avião da Força Aérea Brasileira, em Boa Vista, para ir a São Paulo e Manaus. Na matéria é falado que o exército realiza tal operação para controlar o fluxo de pessoas e diminuir a pressão dos serviços sociais de Roraima.

Os refugiados são retratados embaixo da asa do avião, como se fossem protegidos pelo exército, como se suas vidas estivessem atreladas ao exército. Assim como uma ave que coloca seus filhotes embaixo de sua asa, os refugiados são enquadrados embaixo da “mão amiga”. Outro aspecto a ser observado é o uso do reflexo dos corpos na água para embelezar a fotografia, ou seja, os refugiados que sofrem através da abjeção e são expulsos de seu país, logo tem sua trajetória militarizada, sendo retratada como algo belo – e o belo é ligado a ordem (DOUGLAS, 1991).

**Figura 11****Ajuda militar.** Soldados do Exército acompanharam todo o trajeto, desde Boa Vista

Fonte: Acervo O GLOBO 15/07/2018.

Na fotografia acima e abaixo, podemos ver como o sofrimento do refúgio também é utilizado para uma valorização do exército enquanto uma “mão amiga”, enquanto aquele órgão que acolhe os refugiados. Uma continuidade de discursos que já foi mencionado acima, que o exército segue o papel de órgão de acolhimento.

Na fotografia que está acima, apesar de não ter um corpo refugiado enquadrado, nela estão presentes membros do exército descarregando um caminhão de suprimentos. Enquanto na matéria do jornal é apontado que o exército faz o acompanhamento de Roraima até o Rio, em casas que os refugiados poderão ficar 6 meses.

Na fotografia abaixo, crianças refugiadas são vistas folheando livros em abrigos cedidos pela ACNUR, à esquerda são mostradas crianças com expressões e gestos de interesse ao lerem os livros, ao lado direito é visto uma criança se alimentando e ao fundo há uma militar sorrindo com um grupo de crianças junto a um outro militar.

**Figura 12****Diversão.** Crianças se distraem folheando os livros encontrados no Cantinho da Leitura

Fonte: Acervo O GLOBO 15/07/2018.

**Figura 13**

Pé na estrada. Imigrantes venezuelanas caminham em Pacaraima, Roraima, perto da fronteira: refugiados do país vizinho já passam de 40 mil e são motivo de desentendimento e troca de acusações entre os governos estadual e federal

Fonte: Acervo O GLOBO 21/08/2018.

A imagem acima esteve presente em uma matéria que mencionava que Roraima deseja uma barreira sanitária, na matéria, ainda mencionava o pedido da então governadora, Suely Campos, e do procurador-geral, Ernani Batista, para que a fronteira com a Venezuela fosse fechada. No texto, foi apontado que brasileiros destruíram e queimaram barracas que pertenciam a 700 venezuelanos.

A fotografia dá o foco em duas mulheres que carregam suas malas e uma criança que caminha um passo atrás. O que chama atenção na fotografia é o que está ao fundo, dois agentes da força nacional que seguram suas armas à frente das viaturas com as sirenes ligadas.

A luz das sirenes deixa a fotografia bastante vermelha e envolve os corpos dos refugiados, como se eles não pertencessem mais a si, fossem tomados pela força nacional por representar um invasor. Além disso, a militarização que era vista como uma “mão amiga” através da asa do acolhimento do exército e do suporte com o avião, nessa fotografia acende o sinal de alerta e trata o refugiado como um invasor.

### **3. 2 Impureza, Interdito e Estigma**

No presente tópico é discutido como as imagens utilizam o sofrimento da sociedade para gerar discursos de impureza, interdito e estigma. Pensar como a construção do corpo junto a sujeira, ao sofrimento e a condições insalubres de vida fazem com que o corpo do refugiado tenha uma mistura discursiva com o ambiente e o trate como poluído e inferior.

A precarização entra em performatividade que provocam o processo de cumplicidade da produção de corpos abjetos, pois o sofrimento não é retratado de maneira reflexiva a ponto de criar um luto social assim como é defendido por Butler (2015). No jornal escolhido os corpos em interdito são retratados através de um contexto em que eles poluem os espaços com doenças, lixo e sujeira. Tal perturbação iconográfica reproduzida nas fotografias é vista como uma perturbação da ordem social, podemos tomar como exemplo as profícuas reflexões de Mary Douglas (1991):

No processo de imposição de uma ordem qualquer, seja ao pensamento, seja ao mundo exterior, a atitude perante os fragmentos e as parcelas rejeitadas passa por duas fases; primeiro consideram-se fora do seu lugar; ameaçam a boa ordem das coisas e, portanto, são repreensíveis e vigorosamente repelidos. Neste estado ainda possuem um resto de identidade: são fragmentados indesejáveis da coisa a que pertenciam; cabelos, alimentos, invólucros. É neste estado que são perigosos; a sua semi-identidade agarra-se a eles e a sua presença compromete a pureza dos lugares onde são intrusos. (DOUGLAS, 1991, p.116)

A sociedade é constituída por ordem e limpeza desde coisas simples que estão no cotidiano, pois, grande parcela população brasileira se sentiria incomodada com dejetos em diversos lugares nas suas casas. No entanto, quando vemos tais práticas em um sentido “civilizatório” (ELIAS, 1990a) ou de construção de “monstros” (FOUCAULT, 2001) e a necrobiopolítica (BENTO, 2018) opera e o outro passa a ser visto como sujo e poluente, o Estado passa a fazer o processo de limpeza que consiste em morte e sofrimento de camadas mais abastadas da população, assim como fazem com os refugiados não só com as políticas higienistas que os campos de concentração representam (AGAMBEN, 2007; VASCONCELOS e MACHADO, 2018).

As relações imaginárias que envolvem poluição de refugiados entram no imaginário social através também da percepção de sofrimento, no entanto, eles representam um sofrimento que não é para estar presente na sociedade, e invés do discurso protecionista e interventor ligado a visualidade humanitária, aqui se caracteriza pelo interdito, pois:

Interdito indica uma ação intentada com o fim de proteção e caracterizada por um preceito proibitório, como o impedimento do uso, a fruição de bens ou o obstáculo ao acesso a lugares ou a coisas considerados sagrados ou puros. Relaciona-se com noções de proibição e impedimento, e com a noção de poluição e contaminação. O

uso de recursos interditos socialmente, assim, poderá acarretar prejuízos individuais e sociais para quem dele participa, ativa ou passivamente. Prejuízos que podem ir desde a perturbação mental ou social, até a constrangimentos pessoais ou coletivos entre partes em interação expostas ao recurso interdito. (KOURY, 2004, p. 130)

O interdito representa uma força assimétrica de poder entre os consumidores e os refugiados, pois é um adestramento no olhar que atinge os sistemas simbólicos através de relações figuracionais que atingem uma ordem social mais geral (ELIAS, 1990a; 1990b), cujo poluído se estabelece em relação ao puro.

Como já foi dito, a presente pesquisa foca na triangulação entre sofrimento, fotografia e refúgio, mas quando une-se tais categorias não há como ignorar o corpo. Pois como aponta Mary Douglas (1991), no corpo se manifesta as dominações estruturais e o perigo, manifesta as limitações e fronteiras de habitação do indivíduo.

O poder se materializa através da reprodução de estigmas nas fotografias de sofrimento, pois como afirma Koury (2004, p. 138): “O simbolismo do corpo, assim, é investido de poder e perigo e age dentro de um plano emotivo, em virtude da experiência imaginária vivida por uma coletividade e introjetada pelos indivíduos que dela fazem parte.”, além do mais, podemos tomar como exemplo a concepção de Elias (2000) que o estigma materializa a relação de poder no corpo. Ou seja, o sofrimento e a imagem de poluição se manifestam através do corpo e o corpo do refugiado se enquadra na performatividade das relações de poder e na construção do estigma.

#### **Figura 14**



Vacinação contra sarampo em Roraima, onde os índices da doença aumentaram Foto: Jorge William / Agência O Globo

Fonte: Acervo O GLOBO 14/07/2018.

A imagem acima foi retirada de uma matéria que mencionava o aumento dos casos de sarampo nas áreas fronteiriças após a chegada de refugiados venezuelanos. Na fotografia a imagem do venezuelano é desfocada para dar ênfase às mãos do profissional de saúde que segura uma seringa e o frasco que contém a vacina.

O refugiado que é desfocado perde o seu rosto, nele é tratado como um pano de fundo que precisa vir à luz, como um organismo invasor que precisa ser curado. Tal imagem reforça a relação figuracional (ELIAS, 2005) entre o puro e o impuro, a relação imaginária carregada na fotografia é representada através do modo que a câmera dá foco.

O rosto do venezuelano embaçado de frente para a vacina é um dos diversos casos que mostra que o refugiado ganha um rosto e é entendido enquanto um ser quando cumpre a ideia de afirmação do eu através do trabalho humanitário e da doação. O refugiado ganha um rosto quando há um interesse de se afirmar superior enquanto pátria, sua identificação e expressão está diretamente relacionada ao ideal de caridade que as missões carregam. Nos discursos estigmatizadores que buscam sublimar o sofrimento do refugiado, seus rostos são escondidos e seus corpos são tratados como sujos ou contagiosos.

Pois quando os sujeitos perdem seus rostos vão perdendo a sua identidade, os estigmas se constroem junto a perda do rosto. Pois como afirma Butler (2015), a partir da leitura de Levinas:

Se, como o filósofo Emmanuel Levinas assegura, é a face do outro que exige de nós uma resposta ética, parece então que as normas que determinariam quem é e quem não é humano nos chegam sob uma forma visual. Essas normas atuam para mostrar um rosto e para apagar esse rosto. (BUTLER, 2015, p. 118)

Ainda de acordo com Butler, a escolha do enquadramento determina as emoções ligadas ao consumo das imagens. Quando se apaga o rosto, apaga o luto pelo sofrimento. Tal imagem coloca o refugiado como um sujeito sujo e abjeto, coloca discursos intervencionistas gerados pelo interdito (KOURY, 2004) frente ao que Butler (2019a) pensa como devir de uma vulnerabilidade física comum para combater o processo de precarização das vidas.

**Figura 15**



**Sobrevivendo do lixo.** A cabeleireira Juling Rodriguez carrega latas para vender por peso em um depósito de recicláveis perto da Casa de Acolhimento da Caritas, no Recreio: R\$ 3,50 por quilo

Fonte: Acervo O GLOBO 21/02/2019.

Na figura acima é visto uma cabeleireira venezuelana que veio ao Brasil e trabalha com atividades de trabalhos informais disponíveis. Na fotografia ela é retratada carregando um latas em um carrinho de supermercado para vender em um depósito de reciclagem. No fundo da fotografia ela é retratada em meio ao lixo e ao esgoto em céu aberto.

Das imagens que contém a mulher como foco foi uma das únicas que não as colocavam no papel de cuidadora, tal prática é reflexo de como as imagens não são só produtos, mas também produzem estruturas de poder adjacentes. Apesar da presente fotografia não retratar a mulher como tal, ela adentra na dimensão do interdito, também tendo seu sofrimento utilizado na imagem, colocando a população venezuelana como poluente ao registrá-la em meio ao lixo e estigmatizando-as, pois:

Os prejuízos decorrentes da exposição possibilitam uma contaminação do sujeito exposto pelos elementos poluidores constantes da ação ou da coisa proibida. Uma coisa interdita, assim, quando tocada por mãos ou olhares pode provocar um ato poluente e criar uma área de contaminação que ocasiona perigos vários aos envolvidos diretos ou indiretos do ato de exposição. (KOURY, 2004, p.130)

Mesmo quando há de certa forma uma fuga do papel de gênero e a mulher é retratada trabalhando de maneira que não seja ocupando o papel de cuidadora, os refugiados continuam sob a materialização do poder em seus corpos e do uso de seu sofrimento como mercadoria. Pois eles são colocados junto ao lixo, sujos, com aspectos de cansados, a sujeira e o nojo manipulam as emoções dos consumidores e colocam os corpos no interdito, em uma dinâmica que há naturalização do seu estado de impureza (DOUGLAS, 1991).

**Figura 16**



Em abrigos. Indígenas venezuelanos da etnia warao em acampamento em Boa Vista; segundo o Exército, há 5 mil imigrantes em nove abrigos na cidade; estado é ponto de chegada dos que deixam a Venezuela, onde falta comida e remédios

Fonte: Acervo O GLOBO 22/09/2018.

A presente fotografia está presente em uma matéria que afirma que a governadora de Roraima, Suely Campos, se reuniu com Nicolás Maduro e decidiu adentrar em uma iniciativa que busca expatriar venezuelanos que estejam em países vizinhos – mesmo que a ação seja inconstitucional. Além do mais, a matéria afirma que o governo venezuelano irá melhorar a rede elétrica e o fornecimento de energia do estado.

Na fotografia estão presentes venezuelanos da etnia Warao, ao fundo é possível ver diversas barracas e pessoas cabisbaixas em um ambiente com lama ao chão. Na frente da fotografia é possível ver duas mulheres, uma que está cozinhando (papel de gênero também ligado a mulheres) sentada em uma cadeira com um prato de plástico em suas mãos enquanto coloca a comida em cima de um pedaço de madeira que está no fogo. Além do

mais, está presente uma outra mulher que está amamentando sentada em um pedaço de madeira ao lado de outras duas crianças que escondem seus rostos.

Enquanto nas fotografias que tentavam comover os consumidores e realizar uma afirmação do eu através do trabalho humanitário para se afirmar enquanto superior moralmente, as imagens tinham um forte apelo ao rosto e às expressões das crianças.

No tópico do interdito as crianças perdem seus rostos, até ao serem retratadas com suas mães. Pois o rosto é uma maneira de se comunicar, principalmente, no olhar face a face. Quando a câmera captura o rosto expressivo na fotografia enquanto um outro (2019a), a criança comunica com o consumidor o faz gerar emoções de comoção, como se ao olhar para lente da câmera também olhasse para o rosto de quem vê a fotografia. Na presente fotografia, a ausência do rosto implica em uma destituição do ser, tornando um corpo abjeto naturalizando o sofrimento.

Há o processo de distanciamento do sofrimento ao transformar a imagem em uma mercadoria através de uma ótica estigmatizadora, pois de acordo com Koury (2004) apoiado em Boltanski (1999): “Representações culturais veiculadas por meio de imagens traumáticas, tornadas objetos temáticos, hierarquizados e estigmatizados, geralmente sob a égide protetora e intervencionista de uma moral social dominante e suas instituições.”. A égide intervencionista e protetora que aparece no trabalho humanitário das instituições que ajudam os refugiados, aqui se aproveita da sujeira e da condição daqueles corpos como um discurso para que a intervenção realize um processo de retirada dos venezuelanos do Brasil.

**Figura 17**



**Realidade.** Praça do Bon Viato, criada por tapume, serve de abrigo para centenas de venezuelanos que chegam na cidade; por dia, cerca de 800 imigrantes atravessam a fronteira no norte do estado em busca de comida e emprego

Fonte: Acervo O GLOBO 14/04/2018.

Na figura 17 também está presente em uma matéria que envolve a vontade de expulsão dos refugiados venezuelanos do Brasil pela então governadora de Roraima que foi ao Supremo Tribunal Federal, pedir para que a fronteira entre Roraima e Venezuela fosse fechada por tempo indeterminado.

Na fotografia é retratado um acampamento provisório em uma praça de Boa Vista, nela são mostradas diversas barracas que não seguem ordens ou padrões, assim como as cedidas pelo exército. Há dois corpos enquadrados e ambos não mostram seus rostos por motivos já discutidos no presente texto. Eles são vistos abaixados e a fotografia não parece demonstrar uma relação de parentesco entre os dois. O homem está ao lado de uma barraca feita com papelão e plástico, enquanto a criança segura um copo na mão ao lado do que parece ser um recipiente que contém água, ambos envoltos por uma estética de impureza.

**Figura 18**



**Precariedade.** O acampamento improvisado de venezuelanos em Jardim Floresta, em Boa Vista, onde José Rodrigues vivia: cerca de 250 pessoas em tendas

Fonte: Acervo O GLOBO 08/09/2018

A figura 18 foi retirada de uma matéria que informava um caso de linchamento de um venezuelano pela população de Boa Vista. De acordo com o jornal, tal caso foi incentivado porque o venezuelano linchado supostamente teria assassinado um brasileiro com uma faca, pois o mesmo teria sido impedido de furtar alimentos em um comércio local.

Na fotografia é mostrado quatro homens, nenhum olha para câmera, dois estão de boné que cobrem parte de seus rostos enquanto eles olham para baixo e os outros três olham para si. Ao fundo da fotografia é mostrado diversas barracas improvisadas em meio a um terreno, cujo, não representam uma ordem como é visto nas barracas organizadas por órgãos que realizam trabalho humanitário.

Tal fotografia junto a uma notícia sobre linchamento e violência, alimenta a ideia do refugiado como o corpo estranho, aquele abjeto que foi expulso e traz desordem para a sociedade. Além do mais, junto a fotografia e as noções de desordem e impureza, no texto da matéria é trazido diversas vezes como os refugiados tornam o local sujo com suas fezes e urinas, porque não tem banheiro. Tal prática de conservação do espaço público e manipulação do nojo através de regras de hábitos de higiene e etiqueta é retratada por Norbert Elias (1990a) como parte do processo de estigmatização de determinados estratos da sociedade, que no presente caso são os venezuelanos que são outsiders (ELIAS e SCOTSON, 2000).

**Figura 19**



A céu aberto. Andrea Pinto dá banho nos filhos num acampamento improvisado em Pacaraima: sem lugar nos abrigos, a família ocupou um terreno baldio. Agora estoca alimentos para poder levar de volta para parentes na Venezuela

Fonte: Acervo O GLOBO 11/08/2019.

Na figura 19 é visto novamente uma mãe com crianças em meio a um ambiente com lama e lixo pelo chão, é um terreno baldio que está em desordem nos padrões ocidentais. A mulher dá banho em seus três filhos que se encontram nus e há um

acampamento improvisado no fundo da fotografia, as crianças novamente aparecem sem rostos em um processo de destituição do outro, junto a desordem e a sujeira.

Tais fotografias de certo modo expõe o estado de venezuelanos no Brasil e suas vidas precárias em meio a fome e a insalubridade, no entanto, nos jornais elas são transformadas em mercadorias e agem em prol da naturalização desse regime de sofrimento, na medida, em que não são apresentadas com uma devida reflexão pausada (SONTAG, 2004). Pois como aponta Bauman (2008), a sociedade do consumo é caracterizada pela efemeridade e conseqüentemente pelo descarte, ou seja, as fotografias de sofrimento que são consumidas rapidamente nos jornais descartam o sofrimento naturalizando através do descarte daqueles corpos.

E em relação às imagens de refugiados em meio a sujeira, ainda é preciso afirmar mais, pois não só naturaliza o sofrimento, mas reproduz códigos performativos que buscam gerar a insatisfação com sua presença no território brasileiro através de uma estética que é lida como suja, impura e desordeira, pois como afirma Mary Douglas (1991, p. 6 e 7): “A impureza é uma ofensa contra a ordem.”.

O argumento sustentado aqui não é fruto de uma lógica behaviorista para lidar com a temporalidade que as pessoas são expostas a determinados signos, mas pensar junto com autores como Butler (2015), Sontag (2004), Koury (2003; 2004) e Samain (2012) para refletir como as imagens produzem devires, formas de pensar e estão diretamente ligadas às emoções dos consumidores. E também pensar como há o controle de suas emoções, dinâmicas de hierarquização, alteridade e modos de construir e destituir o outro enquanto impuro.

### **3. 3 Pensando o Gênero: O Papel da Mulher Cuidadora**

As mulheres que migram e são retratadas na mídia, principalmente, as que saem de países que têm uma relação assimétrica com o país que residiam, têm seus “marcadores identitários” (ENNES e MARCON, 2014) incrustados em seus corpos e vistos como inferiores ao serem consumidos nos jornais. Assim como afirma Albuquerque (2020), as fotografias de imigrantes e refugiadas são reconhecidas pelo corpo das mulheres enquadradas e exotizadas através de múltiplos discursos, o foco do presente tópico é sobre como se constroem discursos de sofrimento a partir do corpo das mulheres. Ainda vale ressaltar que tal dinâmica não acontece apenas no momento de interação, mas se vale de processos históricos que tendem a organizar as interações sem um determinismo (ENNES e MARCON, 2014).

Além das venezuelanas serem lidas como “outro” através das dinâmicas dos “processos identitários” (ENNES e MARCON, 2014), o corpo da mulher passa a ser exótico como “objeto de consumo” (GIULIANI, 2015) através da produção de alteridade. O consumo aparece de diversas formas, mas com o intuito sexual, se dá quando os corpos das mulheres são “disciplinados” (O’LEARY, 2015), para ser consumido em jornais (ALBUQUERQUE, 2020) ou na publicidade (GOFFMAN, 1987).

As mulheres refugiadas observadas no presente campo empírico são vistas com o papel de cuidadoras, seu sofrimento não dá espaço para a sexualização, a exploração acontece através do uso de seu sofrimento relacionado ao cuidado das crianças refugiadas, pois tornar-se mulher na representações iconográficas das refugiadas também é se tornar mãe.

Enquanto o homem representa o ativo, o racional, seco, urbano, a força protetora e aquele que é forte. A construção da mulher ou do “papel feminino” (termo que está de acordo com a tradição francesa), as sociedades patriarcais as colocam como um corpo frágil, passivo, digno de proteção, o corpo reprodutivo, aquele que cuida, o segundo sexo (BEAUVOIR, 2016).

De acordo com Bourdieu (2002):

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado reservado aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação feminino.

A partir da leitura de Bourdieu e dos dados empíricos, é possível constatar que as condições objetivas dispostas no espaço social estruturam não só disposições subjetivas do gênero, mas também as retratações sobre elas. Inclusive, realizando classificações a partir da divisão social do trabalho, pois os esquemas simbólicos constroem os corpos como depositários das divisões de gênero, e por consequência, das divisões de trabalho reservando para a mulher o papel de cuidadora.

E como foi pensado anteriormente, as fotografias agem através da cumplicidade desses esquemas, ao exercerem o “poder simbólico” (BOURDIEU, 1989), ao enquadrarem corpos, bem como, ao enquadrarem a performance do sofrimento. O gênero está ligado ao corpo assim como o sofrimento está ligado ao gênero, através de posições estruturadas

dentro do espaço social e a mídia age como um mecanismo de reprodução da desigualdade (BOURDIEU, 1997).

Enquanto existe uma negação do sofrimento por parte da masculinidade (BENTO, 2015), a mulher é colocada como o segundo sexo (BEAUVOIR, 2016), como a mãe, a esposa, a dona de casa e cuidadora. Enquanto mãe, seu sofrimento também é ignorado, no entanto, não é para defender uma ideia de robusta, máscula e provedora do trabalho, mas para seguir o papel de facilitadora do primeiro sexo, do homem, enquanto não se constitui plenamente como um sujeito – se torna adulto – e tal divisão do sofrimento pode ser visto como um aspecto da performatividade (BUTLER, 2019b) que reforça a divisão de gênero até no sofrer.

Para dar um enfoque na migração e no cuidado, Hirata (2016) aponta sobre o cuidado e o gênero:

O trabalho de cuidado é exemplar das desigualdades imbricadas de gênero, de classe e de raça, pois os cuidadores são majoritariamente mulheres, pobres, negras, muitas vezes migrantes (provenientes de migração interna ou externa). Por ser “um conjunto de práticas materiais e psicológicas que consiste em trazer respostas concretas às necessidades dos outros”, o trabalho de cuidado de idosos, crianças, doentes, deficientes físicos e mentais foi exercido durante muito tempo por mulheres, no interior do espaço doméstico, na esfera dita “privada”, de forma gratuita e realizado por amor. (HIRATA, 2016, p. 53 e 54)

Em uma situação abjeta, na qual a mulher venezuelana está passando pela necessidade do cuidado, ela ainda é vista e retratada como a mãe cuidadora, aquela que com sua vida em estado de exceção (AGAMBEN, 2007) e sofrendo, coloca a prioridade, o olhar e o seu rosto em direção ao do seu filho. É retratado como sua prioridade ontológica o seu filho, até quando sua vida não é garantida e o sofrimento acinzenta seu horizonte. A narrativa da mulher como o segundo sexo continua sendo alimentada, seja quando está passos atrás do seu marido ou quando está com o filho em seus braços, as dominações de caráter parental também atravessam as imagens.

Figura 20



**Sorriso na chegada.** Uma das venezuelanas recebidas na Aldeias Infantis SOS do Itanhanga descansa com o filho após uma viagem de 11 horas, que começou em Roraima

Fonte: Acervo O GLOBO 15/07/2018.

Na fotografia retratada acima, pode ser vista uma mãe com o filho em seus braços enquanto ela segura um copo que parece conter alimento. Apesar da mulher ser retratada como cuidadora e seu sofrimento ser ligado ao sofrimento da criança, ainda que seja em uma camada de significado mais sutil, pois o cansaço parece notório no semblante da mulher fotografada.

A presente fotografia também se mistura com o tema da “visualidade humanitária” (KURASAWA, 2015), pois os discursos que são criados a partir do consumo de sofrimento muitas vezes se cruzam, assim como afirma Boltanski (1999) e Koury (2004). Vale ressaltar que seu rosto enquadrado não está olhando para a criança que dorme ou esboça sentimentos de preocupação, assim como acontece em outras fotografias. Muito pelo contrário, o rosto da mãe se direciona fixamente para câmera enquanto esboça algo parecido com um sorriso e ao olhar para a câmera, a mulher passa a o sentimento de gratidão ao consumidor da imagem, sublimando uma narrativa do sofrimento e para uma narrativa de uma afirmação do eu.

Através da expressão e foco no rosto, a imagem é uma boa representação dos apontamentos de Butler (2019a) sobre como rostos enquadrados manipulam emoções de luto

para dar lugar a de uma superação do governo brasileiro sob o governo venezuelano, tendo em vista, que a refugiada é retratada sendo acolhida.

Além do mais, a fotografia também ilustra a discussão de Etienne Samain (2012) de que a imagem é uma “forma que pensa”, na medida em que dispõe de signos específicos em si. Porque a fotografia vinculada a um contexto ilustra a narrativa do sofrimento da mãe cuidadora, mas na medida em que os sentimentos de gratidão tomam forma no enquadramento do rosto, a imagem evoca o pensamento de colocar o Estado também como uma mãe cuidadora para se afirmar enquanto uma pátria superior.

**Figura 21**



Sob ameaça. Grupos indígenas venezuelanos da etnia warao foram os primeiros a migrar para o Brasil, e hoje parte deles está vivendo no abrigo Pintolândia, em Boa Vista, Roraima: comunidades são as mais vulneráveis do país

Fonte: Acervo O GLOBO 26/08/2018.

Na fotografia acima é visto uma mulher da etnia warao deitada em uma rede com seu olhar de preocupação, enquanto seu filho que está deitado junto a ela olha de maneira fixa, fazendo com que seus olhos encontrem o rosto de sua mãe, na imagem também se faz presente seu filho mais velho que olha para o horizonte enquanto morde o lábio. Na fotografia são usadas linhas e cores das redes para dar um enfoque no rosto das crianças e da mãe. Além disso, um homem também está presente na fotografia, mas ele é desfocado e seus braços e rostos também são usados como linhas para que mesmo ali, o retrato de cuidadora seja dirigido a mulher.

**Figura 22**

Fonte: Acervo O GLOBO 13/10/2022.

A fotografia acima está presente uma matéria que menciona a travessia de refugiados venezuelanos para os Estados Unidos. Nela, mãe e filha são mostradas em meio a lama segurando um cabo de aço para realizar a travessia. Diferentemente das fotografias de crianças comendo e das doações, a presente fotografia não enquadra o rosto da criança, pois pelo pouco que mostra não parece ser uma expressão de felicidade ou de gratidão, mas uma mostra de um sentimento negativo, já que parecem cansadas e estão em meio a lama. O olhar da mãe não está sendo direcionado a câmera assim como a fotografia citar, mas olha para baixo com uma mista expressão de cansaço e determinação. E apesar do sofrer ser nítido em seus olhos, a mãe segue com a criança no colo em meio a lama, a fotografia e a romantização do sofrimento que são nelas empregadas mesclam o discurso da mulher como cuidadora através de uma percepção de um heroísmo.

**Figura 23**



Fuga do caos. Emigrantes venezuelanos caminham por uma trilha para entrar no Brasil durante o período em que o governo Maduro fechou a fronteira

Fonte: Acervo O GLOBO 08/06/2019.

Na imagem acima são fotografadas mulheres venezuelanas andando em uma trilha para chegar ao Brasil, após o governo Maduro ter fechado a fronteira. Aparecem quatro mulheres que aparentam estarem cansadas, apesar de aparecer algo semelhante a pessoas ou a um veículo de maneira minúscula no fundo da fotografia ao final da estrada, as mulheres são fotografadas sozinhas e rindo.

Para realizar a análise da imagem, retomo o exemplo dado por Judith Butler (2019a), em *Vida Precária: Os Poderes do Luto e da Violência*, a autora aponta o caso de uma fotografia que estampou a primeira página do *The New York Times*, os rostos de mulheres afegãs são o foco após retirarem o hijab e a bandeira dos Estados Unidos aparecer no fundo da imagem. De acordo com a autora, a fotografia representou o sentimento de superação do islamismo pelo imperialismo norte americano, a foto daqueles poucos rostos e da bandeira dos Estados Unidos trocaram a representação do luto por vidas de civis afegãs perdidas e da precarização dos corpos, por um agradecimento ao exército norte americano, impossibilitando uma comoção com o sofrimento que a população do Afeganistão passava.

Apesar da fotografia mencionada acima não ter o teor e a força política da trabalhada por Butler (2019a), a fotografia o destaque das venezuelanas sorrindo retira o teor e o discurso do sofrimento e coloca a frente a superação do governo Maduro de fronteiras fechadas pelo neoliberalismo e valores de direita pregados pelo governo Bolsonaro. Além do sorriso, é possível ver a refugiada que está na frente, mais ao centro e ocupa um maior espaço na fotografia com o boné da Nike, empresa que é um dos maiores símbolos do capitalismo, tal fotografia retira a preocupação do luto e da sensibilidade e dar lugar também a um discurso pró neoliberalismo e cria a ilusão de uma melhoria garantida em países capitalistas.

**Figura 24**



**Estaca zero.** Família venezuelana imigrante na Colômbia espera um ônibus em Medellín para voltar a seu país: pandemia acentuou desigualdades na região

Fonte: Acervo O GLOBO 20/09/20.

A presente fotografia é de uma família venezuelana que havia emigrado para a Colômbia, mas a pandemia aumentou a desigualdade social do país e eles foram forçados a voltar para a Venezuela. Eles esperam um ônibus sentados no chão em meio aos seus pertences, algumas pessoas usam máscaras e estão na sombra.

No entanto, a luz repousa entre o rosto da mãe olhando a sua filha dormindo, para que a relação apareça como um punctum (BARTHES, 1984), além disso, a criança dorme em cima de um cobertor rosa (cor destoante das demais cores da fotografia) para dar um maior destaque a situação que a criança se encontra em um maior estado de vulnerabilidade, pois está dormindo e a responsabilidade recai sob a mãe ao sentar-se e olhar fixamente para a filha.

Para Le Breton (2019b), as expressões do rosto estão dentro da ordem simbólica, mesmo que os sinais de expressividade traduzam com exata precisão todos os afetos, é possível lê-los de maneira privilegiada em relação a outras partes do corpo.

As mímicas, a direção do olhar, a postura da cabeça, por exemplo, são as matérias de um idioma facial compartilhado – com os matizes próprios da história e do temperamento de cada ator – pelo conjunto dos membros do mesmo grupo social. Os afetos que perpassam os indivíduos estão inscritos em todas as partes do corpo (agitação das mãos, dos braços dos ombros, do busto, entonação da voz etc.) e, de maneira privilegiada, moldam as linhas características de seu rosto; eles traduzir-se por sinais graças à plasticidade da sua figura humana e à grande quantidade das combinações possíveis entre os seus diferentes componentes (olhos, sobrancelhas, pálpebras, lábios, língua, fronte, boca, olhar etc.). (LE BRETON, 2019b, p. 118)

Ou seja, enquanto o rostos das crianças são utilizados para gerar uma emoção de compaixão, de afirmação do eu através da caridade, das doações de alimentos e do sofrimento. O rosto da mulher, principalmente, da mulher mãe é visto como um rosto preocupado, um rosto de atenção à criança. O enquadramento troca a sensibilidade pelo sofrimento por uma sensibilidade ao estado da criança, colocando a mãe como segundo plano.

Figura 25



**Ao relento.** Família, com bebê de dois meses, sobrevive na Praça Simón Bolívar, em Boa Vista; por dia, são 1.200 novos imigrantes

Fonte: Acervo O GLOBO 17/02/2018.

A presente fotografia retrata os refugiados venezuelanos ao relento na praça Simón Bolívar, na cidade de Boa Vista, a matéria fala das condições dos venezuelanos em Roraima e menciona a falta de comida para todos os refugiados que estão presentes. O fotógrafo busca retratar a vivência da família ali presente, buscando fazer uma referência à sujeira e à miséria, ligadas à condição de rua.

O foco da fotografia é a mãe e seus filhos. Os demais elementos e pessoas que estão presentes na imagem são desfocados e trazem uma ideia de sujeira, ao ver os corpos dispostos no chão a noite desfocados e escurecidos. Se faz possível ver logo em um plano mais próximo da fotografia um bebê dormindo, apesar de ser o corpo mais exposto na fotografia, ele não aparece como o *punctum*.

Em seguida, um pouco mais atrás, é possível enxergar a mãe que se encontra enrolada em um cobertor enquanto está com seu filho nas mãos, mostrando apenas a cabeça. O *punctum* é encontrado justamente repousando nesta camada da fotografia, a mulher mostra seu sofrimento através do olhar com as suas sobrancelhas arqueadas. Enquanto ela cuida das crianças, seu olhar se destaca trazendo o processo de insegurança que ela está passando enquanto está envolta do ambiente que parece sujo e é escurecido na fotografia.

Sem estar no pano de fundo mais distante, é possível ver metade de um corpo deitado, escurecido e retratado como sujo sem cobertor. Aquele corpo com o discurso produzido pelo sofrimento entra em estado de interdito, o corpo não é enquadrado para passar despercebido e então dar ênfase na dinâmica do cuidado.

### **3. 4 Pensando o Gênero: O Homem que não Tece a Dor**

De acordo com Simone Beauvoir (2016), a participação e a percepção masculina normalmente não costumam ser questionadas, pois, comumente, ela é percebida enquanto neutra e universal. Por esses e outros motivos, durante muito tempo não se questionou amplamente uma construção masculina, apesar dos estudos de gênero chegarem com efervescência para pensar como a percepção da mulher foi deixada de lado e levantar diversas reivindicações legítimas, as ciências sociais não criaram uma literatura e base epistemológica para pensar as masculinidades.

Ainda se faz necessário pensar modos de construção da masculinidade, e aqui pensarei a construção iconográfica da masculinidade hegemônica, que está intimamente ligada ao sofrimento, ou melhor, em negá-lo – ou, como afirma Bento (2015), não tece a dor. Sobre masculinidade hegemônica, a autora afirma:

A masculinidade hegemônica constrói a imagem de masculinidade dos homens que detêm o poder, e que se tornou o modelo em avaliações psicológicas, pesquisas sociológicas, e literatura de autoajuda que aconselha os jovens a se tornarem “homens de verdade”. A definição hegemônica apresenta o homem no poder, com o poder e de poder. A masculinidade torna-se sinônimo de força, sucesso, capacidade, confiança, domínio, controle. (BENTO, 2015, p. 46)

Ainda vale ressaltar que mesmo com os processos de “descentramento do sujeito” (HALL, 2006) que difundem a globalização cultural e afeta os papéis de gênero e organização parental apresentando novos modos do que Kimmel (1997) aponta como “masculinidade subalterna”.

Além disso, a partir da ideia de Kimmel (1997) acerca da plasticidade dos significados de masculinidade, junto a pesquisa de Jesus (2012) que a masculinidade hegemônica ainda é ligada ao heroísmo nas mais diversas formas possíveis, até quando as culturas urbanas e híbridas vão tomando conta dos jogos simbólico e passam a adquirir vantagens.

A presente pesquisa não propõe rotular os homens presentes nas fotografias como pertencentes a masculinidade hegemônica, pois ela não está em toda parte da sociedade, de acordo com Connell (1995). O que será buscado é analisar como as imagens geram

horizontes nos processos de socialização para enquadrar determinados corpos em discursos do que Butler (2019b) se refere como performatividade:

A performatividade não é, portanto, um “ato” singular, pois sempre é a reiteração de uma norma ou de um conjunto de normas, e na medida em que adquire a condição de ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções das quais é uma repetição. Além disso, esse ato não é primariamente teatral; de fato, sua aparente teatralidade é produzida na medida em que sua historicidade permanece dissimulada (e, reciprocamente, sua teatralidade ganha certa inevitabilidade dada a impossibilidade de divulgar de forma plena sua historicidade). (BUTLER, 2019b, p. 35)

Partindo de Butler e de sua influência das teorias dos atos de fala, se faz possível entender as imagens como parte das normas que criam a performatividade do que é um homem refugiado venezuelano e quais discursos de sofrimento estão atrelados a eles. O consumo das imagens manipula as emoções dos consumidores e realiza um processo de cumplicidade com a materialização do poder que atravessa os corpos dos refugiados que sofrem.

Pois a masculinidade é uma processo de construção que modula a subjetividade do indivíduo desde seu processo de socialização primário (BERGER e LUCKMAN, 2021) e infância (BOURDIEU, 2002). Butler aponta que a linguagem já se incrusta no corpo e materializa o poder desde o nascimento quando o médico pergunta “é menino” ou “é menina”, e um modo de apontar como esse ato de perguntar é um modo de sujeitar o bebê a um gênero através da citacionalidade o poder se materializa no corpo. Portanto, aqui é proposto pensar como o homem venezuelano e seu ideal de masculinidade é representado junto ao seu processo de sofrimento através de narrativas imagéticas.

## Figura 26



**Futuro incerto.** Imigrantes venezuelanos aguardam na estrada em Roraima

Fonte: Acervo O GLOBO 26/08/2018.

Na fotografia acima, é retratado um bebê na frente da fotografia e ao fundo é possível notar duas crianças e o pai em meio a um acampamento improvisado à beira de uma estrada de Roraima. Diferente do que foi visto nas fotos das mulheres, o pai venezuelano não é retratado com seu filho do colo, muito pelo contrário – ele fica em pé, mantendo certa distância e os olhares entre pai e filhos nem se cruzam ou se prostram diante do outro.

Cada venezuelano na fotografia olha para uma direção diferente e o pai em pé olha pra frente, com postura e de cabeça erguida. Enquanto a mulher enquanto mãe representa o cuidado e uma ligação ontológica com a criança, o homem enquanto pai cuida, mas cuida olhando pra frente, representado de maneira racional através do seu papel de guia dos demais membros da família.

Figura 27



Fronteira. Venezuelanos atravessam a divisa em Pacaraima, Roraima: muitos militares teriam buscado outros estados para fugir de agentes do Sebin

Fonte: Acervo O GLOBO 03/06/2019.

Em meio a uma matéria sobre uma possível perseguição em território brasileiro que os refugiados sofrem por por agentes da divisão de inteligência do exército do governo de Maduro, foi vista a fotografia acima. São vistos homens refugiados atravessando a divisa entre Brasil e Venezuela em meio a chuva, dos quatro homens enquadrados na fotografia, dois estão carregando caixas em carrinho de mão e um carrega um saco em suas costas.

Mas no entanto, o que se apresenta como o *punctum* da fotografia é o sorriso do homem que utiliza seu chapéu de palha. O rosto do homem que está a frente faz uma expressão de força e sofrimento, que é quase escondida por inteiro pelo boné. Os homens que estão atrás e com expressões sérias em seus rostos não são o foco, pois em meio a um discurso da construção do homem forte que carrega os mantimentos e coisas necessárias enquanto tem suas expressões disfarçadas, o sorriso aparece como um signo não só para sublimar o sofrimento, mas passar uma ideia de liberdade ao sair da Venezuela.

**Figura 28**

**Desamparo.** Imigrante venezuelano leva nos braços uma compatriota de 80 anos na travessia do México para os EUA

Fonte: Acervo O GLOBO 29/05/2022

Na fotografia acima é visto um venezuelano que atravessa o Rio Bravo (que é a divisa entre os Estados Unidos e o México) com uma mulher venezuelana em seus braços enquanto ela está inerte. Tal imagem tem uma incrível semelhança com diversas cenas de filmes de guerra estadunidenses, filmes estes que foram responsáveis por manipular o imaginário social e colocar o sofrimento do homem ligado a um ato heroico de líder que é o mais forte e responsável por salvar a mulher em situações de perigo (JESUS, 2012).

Figura 29



**Determinação.** O jovem Jefferson Alexis empurra a cadeira de rodas com o pai, José Agustín López, na Colômbia: várias noites passadas ao relento na estrada

Fonte: Acervo O GLOBO 20/09/2018.

Na imagem acima é possível ver um jovem que carrega seu pai na cadeira de rodas que está com os pertences em seu colo a caminho da Colômbia. Na matéria é informado que o pai, cadeirante, estava sem medicamentos e o tempo na cadeira de rodas o fez desenvolver uma ferida infecciosa e também precisou realizar uma colostomia, no entanto, eles não encontraram materiais para os curativos e antibióticos.

A fotografia é tirada de um ângulo de filmes de ação ou de corridas estadunidenses, além do mais, a expressão dos membros é de olhar para a frente e fazer uma cara de bravo e destemido apesar da dor e do sofrimento gerado por suas condições sociais precárias e pelo caminho da travessia. Tal maneira de fotografar pedindo para que os venezuelanos montem a fotografia desse jeito é uma forma de ocultar o sofrimento e trocá-lo por uma admiração pela dor. Tal fotografia romantiza o sofrimento da travessia ao colocar como um ato heroico, juntando a dor com o que é ser um homem venezuelano – retirando o luto daquela vida e daquele processo. Aprisionando a identidade ao naturalizar e gerar cumplicidade com a imagem do homem refugiado venezuelano sofrendo, sem uma reflexividade que traga uma “consciência política” (SONTAG, 2003).

**Figura 30**

Fonte: Acervo O GLOBO 18/02/2018.

Na presente pesquisa, foi possível levantar outras duas imagens semelhantes como a fotografia que está acima, nelas o homem era retratado levando os pertences do casal. Além do mais, nelas também são vistas a estrada como pano de fundo que representa o movimento e o caminho percorrido, o homem caminhando na frente e a mulher passos atrás para ele ser representado como o guia da travessia.

Tais imagens reforçam a posição do homem enquanto o provedor da liberdade, aquele que é racional lidera, é forte e suporta levar o peso, exercendo então força que é necessária para realizar a travessia – enquanto a mulher segue atrás para acompanhá-lo.

**Figura 31**

**Caminho longo.** Dois venezuelanos param para descansar na via: eles andam rumo ao município de Pacaraima

Fonte: Acervo O GLOBO 18/02/2018.

A imagem acima é muito semelhante a figura 30 que acabou de ser discutida, no entanto, eles estão parados no acostamento da rodovia. O homem aparece sentado junto às bagagens e gera uma ideia de que é o papel dele carregá-las. Também é possível percebê-lo em um momento que demonstra seu cansaço pela interpretação de como seu corpo se encontra.

Ainda existe algo notório na fotografia, seu rosto não é fotografado, pois os homens venezuelanos que estão sendo foco do fotojornalismo não apresentam seus rostos expostos com expressões ligadas ao sofrer, as fotografias passam a imagem de que os homens não têm direito de esboçar essa dor.

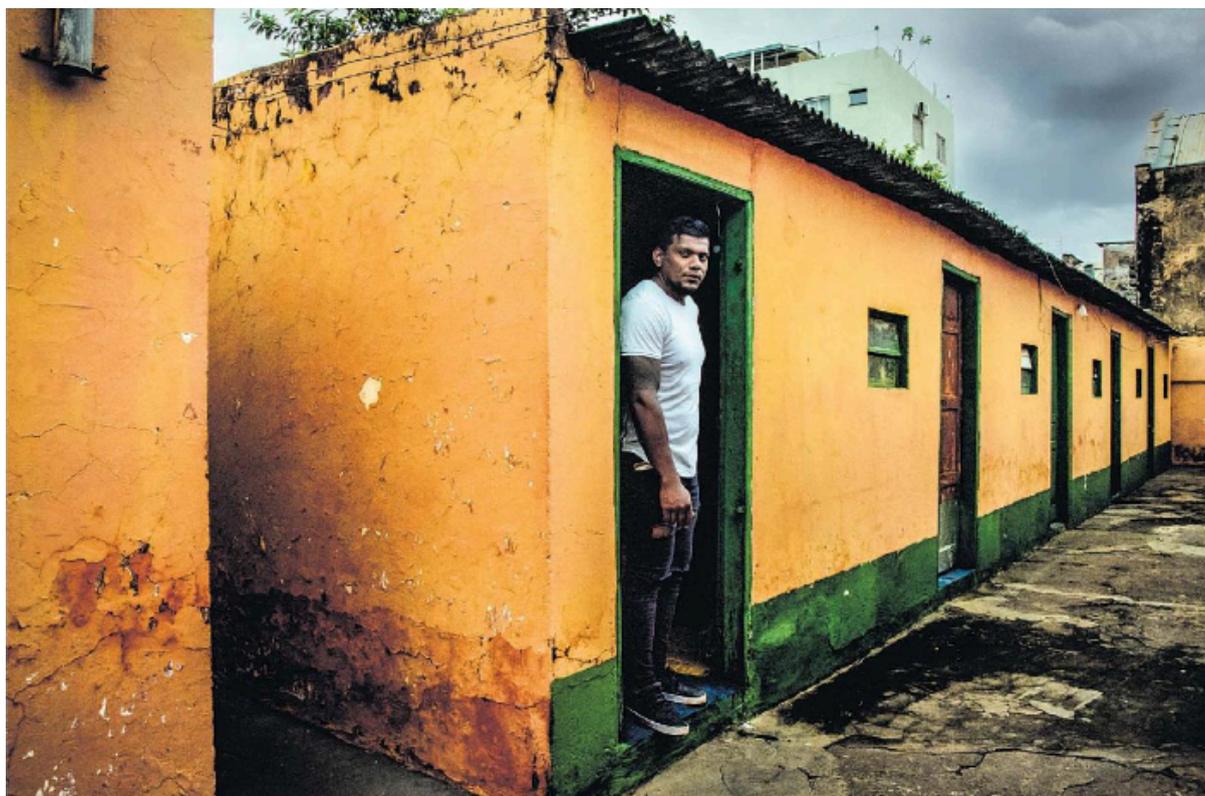
Figura 32



**Fluxo.** Entre 350 e 500 venezuelanos cruzam diariamente a fronteira do Brasil

Fonte: Acervo O GLOBO 10/04/2019.

A presente fotografia acima é um exemplo de outras cinco encontradas que também capturava homens carregando suas bagagens sem qualquer expressão que indique sofrimento, os corpos são enquadrados curvados enquanto carregam muito peso, lembrando trabalhadores braçais e ressalta seu papel de forte e líder.

**Figura 33**

À espera de benefícios. O venezuelano Magdiel León, de 30 anos, enfrenta dificuldades para se estabelecer no Brasil, mas já conseguiu sair do abrigo, em Campo Grande, para um quarto alugado

Fonte: Acervo O GLOBO 16/10/2022.

A fotografia acima é de uma matéria informando que existe uma nova leva de venezuelanos pós pandemia que chegará ainda mais miserável. O homem fotografado é Magdiel, ele passou por Colômbia, Peru e Bolívia sem conseguir se estabelecer financeiramente e chegou ao Brasil com apenas quinze reais em seus bolsos, mas conseguiu alugar um quarto realizando bicos<sup>6</sup>.

O homem foi fotografado em pé na porta do quarto que alugou, mostrando-o à frente da “conquista” que ele realizou ao chegar no Brasil. Além disso, existe um foco em seu rosto, seu olhar que passa por cima dos seus próprios ombros aparece como um punctum, o homem faz uma expressão séria ao olhar para câmera e mantém a postura ereta como se estivesse em guarda.

---

<sup>6</sup> Bicos são trabalhos de curto período sem regulamentação trabalhista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação ao início do mestrado, o processo de tessitura da dissertação a fez tomar novas formas e ganhar corpo junto ao movimento espiral de consultar os dados empíricos, rever a teoria e reformular as questões de pesquisa. A princípio, a presente dissertação buscava dar um foco no corpo através da perspectiva do *Embodiment* (CSORDAS, 1990) e utilizar as fotografias como fonte para refletir sobre como os processos vividos pelos refugiados se corporificam.

No entanto, os dados empíricos e a literatura me orientaram a dar um maior enfoque no sofrimento, pois tal mudança me permitiu além de pensar o corpo como um pano de fundo (afinal, uma imagem de sofrimento implica em um corpo sofrendo) também me permite ser mais fiel a dimensão empírica da presente pesquisa, já que o sofrimento foi algo bem característico das fotografias.

Em relação ao trabalho teórico e revisão de literatura, pôde ser visto que é importante reflexões epistemológicas avancarem juntos a pesquisa, para realizar ponderações sobre as categorias utilizadas na pesquisa. Também foi possível perceber como os refugiados são corpos em que o poder se materializa e os processos de expulsão que os atravessa trazem sofrimentos, constituindo-se como corpos abjetos.

Como corpos abjetos, não é produzido um luto reflexivo em prol do sofrimento de refugiados daquele que cause um impacto e gera grande comoção a ponto de criar um *devoir* na sociedade a ponto de interromper os processos que geram sofrimento. Além do mais, como a identidade refugiada se constitui a partir da negação e expulsão de corpos do Estado-nação, um *devoir* e uma mudança efetiva sobre os corpos que não são aceitos dentro das fronteiras seria um caminho para destituir a própria identidade do que é ser refugiado. Pois, os resultados da presente pesquisa mostram que o refúgio é um processo que costuma ser ligado a processos de estigmatização e sofrimento.

Em relação ao debate metodológico foi possível chegar a resultados profícuos ao realizar combinações analíticas independente de suas veias epistemológicas, pensando diferentes perspectivas como complementares e não como uma “soma zero”. Tal combinação possibilitou refletir de diversas formas e pensar na construção do outro através de um método interpretativo sem cair em análises mais tecnicistas.

Na presente dissertação foi possível constatar que as imagens de sofrimento dos refugiados venezuelanos que estão presentes no fotojornalismo não seguem o binarismo entre tipos de imagens que acarretam em uma banalização por conta do modo que é exibida

e pelo enquadramento ou imagens que realizam uma grande mudança reflexiva na sociedade a ponto de criar um *devoir* de mudança em relação ao imaginário social sobre refugiados.

Tomando emprestado reflexões de Koury (2004), Boltanski (1999) e Kurasawa (2015) em relação a identificar tópicos e discursos que são gerados quando o sofrimento é reproduzido na grande mídia e em fotografias, foi possível classificar em três tipos de representações utilizando a imagem do sofrimento e em todos os tipos o rosto aparecia como elemento importante para pensar os efeitos dos enquadramentos das fotografias.

O primeiro tipo, discursos de intervenção, são caracterizados por um forte apelo ao trabalho humanitário, sobretudo, por imagens de ONGs, organizações estatais, voluntários brasileiros e o exército realizando doações de alimentos a crianças. Existe um foco no enquadramento de crianças, entrando em consonância com a pesquisa de Kurasawa (2015) que aponta que na “visualidade humanitária” às crianças são retratadas como se estivessem sozinhas, abandonadas e o trabalho humanitário realiza esse acolhimento. Além do mais, também há um foco nas expressões de crianças e famílias refugiadas, com sinais de alegria, gratidão ou e no olhar fixo de crianças para a lente das câmeras para gerar uma comoção.

Diferentemente dos casos estudados por Kurasawa (2015), os militares não são retratados como culpados em relação ao sofrimento das vítimas. Nas fotografias de refugiados venezuelanos, as imagens retratam o exército brasileiro como acolhedor, salvador e seguindo parte do lema utilizado pelo mesmo, “a mão amiga” que realiza doações, ampara os refugiados e cuida da saúde deles.

Os elementos discursivos das imagens aqui levantadas sobre o trabalho humanitário, são responsáveis por sublimar o luto pelo sofrimento venezuelano e atrelar a comoção em uma afirmação do eu enquanto superior, pois a caridade e o voluntariado estão ligados a relações assimétricas de poder. Além disso, há uma afirmação patriótica por traz da ajuda retratada, de maneira que o exército e a ajuda humanitária são expostas, elas produzem uma reação de superação do modo de governabilidade brasileiro em detrimento ao venezuelano.

O segundo tipo, discursos de estigmatização, está presente em fotografias que utilizam a condição de sofrimento dos refugiados para tratá-los como corpos poluentes, ou seja, são sempre retratados junto a sujeira, lixo e poluição. A relação com a higiene e os modos de se portar estão diretamente ligados a construção de estigmas e figurações de poder a ponto de criar dinâmicas de proibição daqueles corpos a sociedade, além de colocar os refugiados como corpos que desordenam o ambiente ao estarem sujos (DOUGLAS, 1991; ELIAS, 1990a; KOURY, 2004).

As fotografias não tem o intuito reflexivo de construir um horizonte contemplativo sobre o sofrimento e as condições abjetas do refúgio, muito pelo contrário, as fotografias produzem uma naturalização do refugiado como sujo. As fotografias não buscam nem comover os consumidores através de expressões de crianças, como é feito no tipo anteriormente citado.

Nas fotografias estigmatizadoras, até as crianças venezuelanas perdem seus rostos e suas expressões. Tal prática, ocasiona como uma perda da identidade – de ser um outro – e passa a desconstituir o ser como um humano, a ponto de se tornar um corpo descartável. Sem os rostos, não há uma produção de reconhecimento da vida, conseqüentemente, não há uma produção de luto por aquele corpo.

Contrastando os dois tipos discursivos, é possível ver que a construção do rosto da criança venezuelana acontece justamente quando há o trabalho humanitário, ou seja, na construção da noção de superioridade através das fotografias. Ou seja, a criança venezuelana existe e é notada quando há uma finalidade e um interesse de autopromoção, a sua existência enquanto outro é dependente do trabalho humanitário.

Quando as crianças aparecem em meio a sujeira e como um corpo poluente, seu rosto é escondido. Como afirma Kurasawa (2015), a criança por excelência é inocente nas imagens humanitárias e se uma criança fosse retratada com suas expressões faciais ressaltadas em meio às imagens estigmatizadoras, poderia gerar uma reflexão sobre como os refugiados são acolhidos no Brasil. Isto é, a função dos rostos das crianças nas fotografias é sublimar o sofrimento que os refugiados também passam aqui no Brasil, colocando a comoção junto a manutenção da relação assimétrica que faz parte do trabalho humanitário.

O terceiro tipo, discursos de reprodução, na presente pesquisa foi visto representações do sofrimento ligadas ao gênero do que seria uma “divisão do sofrimento”, cujo, a produção de significações do sofrimento está ligada a disposições e coordenadas dos sujeitos dentro de sistemas objetivos de conhecimento. Isso quer dizer que as representações sobre a subjetividade dos atores da pesquisa seguem divisões de gênero que colocam os corpos como diferentes até no ato de sofrer.

E apesar da realidade ser complexa e os corpos refugiados atravessarem uma multiplicidade de esferas sociais, na presente pesquisa não foi possível perceber o cruzamento com temas como sexualidade, e religiosidade que estão presentes em um dos objetivos específicos. No entanto, o gênero se tornou uma categoria imprescindível para relacionar com o sofrimento nas fotografias da presente pesquisa.

Em relação ao sofrimento retratado através das imagens de homens venezuelanos, foi possível constatar uma cumplicidade com o ideal de que os homens são postos como o papel de liderar e de se colocar à frente dos processos, como sujeitos mais fortes e que são responsáveis pela seguridade dos seus pares quando os refugiados venezuelanos estão recebendo ajuda humanitária ou sob supervisão do exército.

Tal perspectiva foi vista através de como seus corpos de homens eram enquadrados em fotografias à frente das mulheres e muitas vezes carregando objetos. Além do mais, ao realizar análises das fotografias, os rostos de homens venezuelanos não expressavam sofrimento, muito pelo contrário, eram sempre enquadrados sorrindo ou através de uma construção heroica. Portanto, foi possível perceber uma estética que os representava de modo que não “teciam a dor”, para utilizar os termos de Bento (2015). Na verdade, as fotografias sublimaram o sofrimento para se adequarem a representações ocidentais construídas sobre o que é ser homem.

Em relação às representações das mulheres, o sofrimento segue as representações do segundo sexo, seja quando age como uma facilitadora da vida dos homens correspondendo a representação de mulher cuidadora e mãe, ou quando é representada sempre passos atrás dos homens sendo guiadas pelos passos masculinos.

Outro ponto que vale ser ressaltado é como o rosto das mulheres e o das crianças quase sempre aparecem direcionando o olhar para o outro, naturalizando a posição social da mulher é a referência ao seu filho. Além do mais, seus corpos são enquadrados juntos, muitos apegados e muitas vezes com as crianças nos braços de sua mãe, diferentemente de fotografias de homens que aparecem junto a crianças. Tal prática naturaliza o sofrimento da mulher e a tira de uma prioridade de comoção, dando o foco à criança que costuma ser uma peça central para compor fotografias de sofrimento, tragédias e desastres.

Não se reduzindo a uma banalização do sofrimento através do excesso de exposição, as imagens de sofrimento dos refugiados venezuelanos estão presentes no fotojornalismo de múltiplas formas que compõe e manipulam o imaginário social com apelos através das emoções.

Ou seja, as fotografias produzem discursos de estigmatização com apelo ao nojo ao enquadrar os corpos em meio a sujeira e ao lixo, discursos de intervenção com o apelo à comoção ao enquadrar crianças e corpo militarizados e discursos de reprodução ao apelar à emoções que estão vinculadas a cumplicidade que abarcam as representações de gênero que compõem a sociedade.

Vale ressaltar que o reconhecimento do sofrimento é um elemento importante para repensar os vínculos da sociedade e os processos de produção de morte ocasionados pelas fronteiras do Estado-nação. Assim como aponta a literatura, a imagem pode ser um bom caminho para produzir um *devoir* de mudança em relação a produção de corpos abjetos e vidas precárias, de modo que não se aproprie, crie e reproduza estruturas de dominação simbólica do sofrimento.

Por fim, se faz importante afirmar que as imagens que estão aqui presentes trilham um caminho do aprisionamento dos atores através do uso do sofrimento. No entanto, essa representação não deve ser cristalizada para toda e qualquer cobertura, pois os afetos carregados pelas imagens também são carregados pelo tempo e por estruturas polissêmicas de pensamento.

**REFERÊNCIAS**

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer** : o poder soberano e a vida nua. 1. ed. (reimpressão). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.
- BAENINGER, Rosana. Migrações Contemporâneas: Desafios Teóricos. *In*: ENNES, Marcelo; GOES, Allisson; MENESES, Cleber. **MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS SOB MÚLTIPLAS PERSPECTIVAS**. Aracaju: Criação, 2021.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. *In*: POUTIGNAT, Philippe, STREIFF-FERNART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Editora, 1998. p. 187- 227.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**: Nota Sobre a Fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Para Consumo**: A transformação das Pessoas em Mercadoria. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: Volume 1 Fatos e Mitos. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: Rumo a uma Outra Modernidade. [S. l.]: Editora 34, 2011.
- BENTO, Berenice. **Homem Não Tece a Dor**: Queixas e Perplexidades Masculinas. 1. ed. Natal: Editora UFRN, 2015.
- BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?. **Cadernos Pagu**, 2018. <https://doi.org/10.1590/18094449201800530005>.
- BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.
- BOLTANSKI, Luc. **Distant suffering**: morality, media and politics. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Eve. **O Novo Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. **A justificação**: sobre as economias da grandeza. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2020.
- BOURDIEU, Pierre. **Homo Academicus**. 1. ed. Buenos Aires: Siglo Venitiuno, 2008.

- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. Notas provisórias sobre a percepção social sobre o corpo. **Proposições**. v. 25, n. 1 (73), p. 247-258, jan./abr. 2014.
- BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, n. 26, p. 83-92, jun. 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001
- BOURDIEU, Pierre.. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997
- BOURDIEU, Pierre. **Un arte medio**. 1. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.
- BOURDIEU, Pierre; BOURDIEU, M. C. O camponês e a fotografia. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, n. 26, p. 31-39, June jun. 2006.
- BOURDIEU, P. The social conditions of the international circulation of ideas. In: SHUSTERMAN, R. (org.). **Bourdieu: a critical reader**. Oxford: Blackwell, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **Ofício do Sociólogo**. São Paulo: Vozes, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria prática**. São Paulo: Celta, 2002b.
- BRANCO PEREIRA, Alexandre. O refúgio do trauma. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, v. 26, n. 53, p. 79-97, ago. 2018.
- BRASIL. Planalto. Casa Civil. CASA CIVIL. **Lei Nº nº 9474, de 22 de Julho de 1997**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19474.htm)>. Acesso em out. 2020.
- BRASIL. Ministério da Cidadania. **Pátria Mãe Gentil**. 2018
- BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. **Vida Precária**: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019a.
- BUTLER, Judith. **Corpos que Importam**: Os limites discursivos do "sexo". 1. ed. São Paulo: Crocodilo, 2019b.
- BUTLER, Judith; SPIVAK, Gayatri. **Quem canta o Estado-Nação?**: Língua, política, pertencimento. 1. ed. Brasília: UnB, 2019.
- BUTLER, Judith. **Corpos Em Aliança E A Política Das Ruas**: Notas Para Uma Teoria Performativa De Assembleia. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019c.

CONNEL, Rovert. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

CSORDAS, Thomas J. “Embodiment as a paradigm for Anthropoly”. **Ethos**. v. 18., n.1, mar./1990, p. 5-47.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**. São Paulo: Editora 34, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**. São Paulo: Editora 34, 2010.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo: Ensaio Sobre a Noção de Poluição e Tabu**. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. 1. ed. [S. l.]: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Lisboa: Presença, 2004.

ELIAS, Norbert.; SCOTSON, J. Ll. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador Volume I**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1990a.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador Volume II**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1990b.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert. **Sociedade de Corte: Investigação sobre a sociologia da realiza e aristocracia de corte**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005.

EMIRBAYER, Mustafa. Manifiesto en pro de una sociologia relacional. Traducción de Alicia María Fernánde. Revisión final de Hanni Jalil Paier. Título original: “Manifest for a Relational Sociology”, en: **The American Journal of Sociology**, Vol 103:2, 1997. pp. 281-317. Versão em espanhol disponível em <<http://dx.doi.org/10.18046/recs.i4.446>>

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERNANDES, Sílvia. **Christianity in Brazil: An Introduction from a Global Perspective**. Londres: Bloomsbury, 2022.

FERRO, Lígia. Ao Encontro da Sociologia Visual. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Porto**, Porto, 2005.

- FOLEY, C. **The Thin Blue Line: How Humanitarianism Went to War.** London and New York: Verso. 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Os Anormais: Curso no Collège de France (1974-1975).** 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade: A vontade do Saber.** [S. l.]: Paz & Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões.** 36. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 28. ed. [S. l.]: Paz & Terra, 2014.
- FRANCA, Isadora Lins; FONTGALAND, Arthur. Gênero, sexualidades e deslocamentos: notas etnográficas sobre imigrantes e "refugiados LGBTI" no Norte do Brasil. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.,** Brasília, v. 28, n. 59, p. 49-68, Agosto. 2020.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GIULIANI G. Bella e abbronzata. Visualizzare la razza nella televisione italiana. In: GIULIANI G. **A Cura.** Il Colore Della Nazione: Milano, Mondadori, 2015.
- GLOBO. Total de pessoas deslocadas no mundo passa de 70 milhões, diz ONU; número é o maior já registrado. **G1.** 19 jun. 2020.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GOFFMAN, Erving. **Gender Advertisements.** 10. ed. [S. l.]: Harper Torchbooks, 1987.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência.** [S. l.]: Vozes, 2017.
- HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Filosofia.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo: Parte I.** 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- HIRATA, Helena. O Trabalho de Cuidado: Comparando Brasil, França e Japão. **SUR - Revista Internacional de Direitos Humanos,** [s. l.], v. 13, n. 24, 2016.
- JESUS, Diego Santos Vieira. Sobre homens, cavalos e corações selvagens: a "civilização" e a masculinidade hegemônica na identidade dos Estados Unidos na guerra do Iraque. **Revista Gênero,** [s. l.], v. 12, n. 2, 2012.
- JESUS, Bruno Henrique Souza. **O Consumo da Violência: O Corpo em Mídias Sociais.** 2021. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Sergipe, [S. l.],

2020.

JESUS, Bruno Henrique Souza de. ICONOGRAFIA DA VIOLÊNCIA: CONSUMO E LEGITIMAÇÃO DO SOFRIMENTO. *Ambivalências*, São Cristóvão-SE, v. 10, n. 20, p. 179–211, 2023. DOI: 10.21665/2318-3888.v10n20p179-211. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Ambivalencias/article/view/184>

KENNEDY, D. **The Dark Sides of Virtue**: Reassessing International Humanitarianism. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2004.

KIMMEL, M.S. Homofobia, temor, vergüenza y silencio en la identidad masculina. In: VALDÉS, T.; OLIVARIA, J. (Eds.). *Masculinidade/s: poder y crisis*. Santiago: Isis Ediciones, 1997.

KURASAWA, Fuyuki. How Does Humanitarian Visuality Work? A Conceptual Toolkit for a Sociology of Iconic Suffering. *Sociologica*, Bologna, 2015.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Fotografia e interdito. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 19, n. 54, p. 129-141, Feb. 2004. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092004000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000100008&lng=en&nrm=iso)>. access on 18 Jan. 2021.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia da Emoção**: O Brasil Urbano Sob a Ótica do Luto. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LAHIRE, Bernard. Esboço do programa científico de uma sociologia psicológica. **Educação e Pesquisa** [online]. 2008, v. 34, n. 2

LE BRETON, David. **Antropologia das Emoções**. [S. l.]: Vozes, 2019a.

LE BRETON, David. **Rostos**: ensaio fotográfico. Petrópolis: Vozes, 2019b.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo**. Papirus Editora, Campinas, SP, 2018a.

LE BRETON, David. **Antropologia da Dor**. 1. ed. São Paulo: Editora UNIFESP, 2018b.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LOBO, Andréa; MACHADO, Igor José de Renó. Ethnographing flows, (re)thinking categories. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology** [online]. 2020, v. 17 e17600. Available from: <<https://doi.org/10.1590/1809-43412020v17d600>>. Epub 04 Dec 2020. ISSN 1809-4341. <https://doi.org/10.1590/1809-43412020v17d600>.

MACHADO, Igor José de Renó. (Org.) **Etnografias do Refúgio no Brasil**. São Paulo: EdUFSCar, 2020.

MACHADO, Igor J. R. Purity and Mixture in the Category of Refuge in Brazil, **Journal of Immigrant & Refugee Studies**. 2020

MAIA, Ana Carolina; AZIZE, Rogerio Lopes. Saúde nas margens: dilemas da territorialidade da Atenção Primária em Saúde no cuidado aos refugiados no município do Rio de Janeiro, Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 25, n. 5, p. 1789-1798.

MALINOWSKI, Bronisław Kasper. **Argonautas do Pacífico Oriental**. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTINS, José de Souza. **Linchamentos: A Justiça Popular no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. 1. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

MBEMBE, A. Necropolítica. Biopoder, soberania, Estado de exceção, política da morte. **Revista Arte e Ensaio**. 2: 122-151, 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MICHELETTI, P. **Humanitaire**: adapter ou renoncer. Paris: Marabout, 2008.

MISSE, Michel. Trocas ilícitas e mercadorias políticas. In: PERALVA, Angelina; TELLES, Vera da Silva (org.). **Ilegalismos na globalização: migrações, trabalho, mercados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. p. 498-517.

MISSE, Michel. Violência e teoria social. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 9, n. 1, p. 45-63, 2016.

MISSE, Michel. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria "bandido". **Lua Nova**, São Paulo , n. 79, p. 15-38, 2010 . access on 18 Jan. 2021.

O'LEARY, A. Mascolinità e bianchezza nel cinemapanettone. In: GIULIANI, G. **A Cura**. Il Colore Della Nazione: Milano, Mondadori, 2015.

ORDÓÑEZ, J. T.; RAMÍREZ ARCOS, H. E. (Des)orden nacional: la construcción de la migración venezolana como una amenaza de salud y seguridad pública en Colombia. **Revista Ciencias de la Salud**, [S. l.], v. 17, p. 48-68, 2019.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e iconologia. In: **O significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2001, pp. 47-87.

PEREIRA, Alexandre. O REFÚGIO DO TRAUMA. NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE TRAUMA, RACISMO E TEMPORALIDADES DO SOFRIMENTO EM UM SERVIÇO DE SAÚDE MENTAL PARA REFUGIADOS. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana** , [s. l.], v. 26, ed. 53, 2018.

PETERS, Gabriel, A virada praxiológica. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/11308>; DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.11308>

PETERS, Gabriel. O Irreal é Relacional: Intercorporeidade, Interafetividade e suas perturbações. *In*: DÉPELTEAU, François; VANDENBERGHE, Frédéric. **Sociologia Relacional**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades, 2021.

PONTES, N. L. Os motivos de tais fotografias: os usos sociais da fotografia para uma leitura sociológica do mal. **Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho**, v. 1, n. 40, 12 ago. 2014.

PONTES, N. L. Os motivos de tais fotografias: os usos sociais da fotografia para uma leitura sociológica do mal. **Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho**, v. 1, n. 40, 12 ago. 2014.

PUCCI, Fabio Martinez Serrano e TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. Cidadania enquanto “mercadoria política”: reflexões em torno do exemplo dos refugiados sírios na rota do Mediterrâneo. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 10, n. 2, maio – agosto, 2020, pp. 705-724.

RIEFF, D. **A Bed for the Night: Humanitarianism in Crisis**. New York: Simon & Schuster, 2003.

SAMAIN, E. (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Victor Hugo. Mídia e Refúgio. *In*: MACHADO, Igor José de Reno. **Etnografias do Refúgio no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Edufscar, 2020.

SIMMEL, G. O estrangeiro. *In*: MORAES FILHO, E. (Org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

Simmel, Georg. (1997), “A metrópole e a vida do espírito”. *In*: Fortuna, Carlos (org) **Cidade, Cultura e Globalização**. Ensaios de sociologia. Oeiras, Celta Editora.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. [S. l.]: Companhia das Letras, 2003.

SONTAG, Susan. **Sobre a Fotografia**. 1. ed. [S. l.]: Companhia das Letras, 2000.

STANDING, G. **O Precariado – A nova classe perigosa**. Tradução Cristina Antunes, 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TERRY, F. **Condemned to Repeat?: The Paradox of Humanitarian Action**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2003.

VANDENBERGHE, Frédéric. A relação com o operador mágico. Superando a divisão entre a Sociologia processual e a relacional. **Socio. Antropol.** v. 7., n. 02, ago/2017.

VANDENBERGHE, Frédéric. Globalização e individualização na modernidade tardia. Uma introdução teórica à sociologia da juventude. In: **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, 19, 1, pp. 292-343. 2014.

VANDENBERGHE, Frédéric. **TEORIA SOCIAL REALISTA: UM DIÁLOGO FRANCO-BRITÂNICO**. [S. l.]: Editora UFMG, 2010.

VASCONCELOS, Iana; MACHADO, Igor. Desejáveis e indesejáveis: controvérsias no acolhimento de venezuelanos/as em Boa Vista-RR. **RI - UFSCAR**. 2018.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1991.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WEISSMAN, F. **In the Shadow of “Just Wars”**: Violence, Politics, and Humanitarian Action. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2004.

ZELAYA, Silvia. A mobilização de refugiados e suas linguagens: notas etnográficas sobre um campo de interlocução em transformação. **Cadernos de Campo**, v. 25, p. 400-420, 2016.